O livro *E se a periferia fosse o centro?* é um convite à resistência e à organização política para que coletivamente possamos construir outras narrativas sobre o eu, o outro e os espaços geográficos que nos constituem e nos hierarquizam entre a periferia e o centro. Tal qual o Uni-verso é homogêneo e isotrópico, a periferia está em toda parte e, o centro, é apenas uma especulação geométrica, uma reverberação e um ponto de vista cultural e sistêmico da periferia que se propaga no espaço-tempo.

Poético, o livro é histórico, filosófico e belo, porque é forjado nos corações e mentes esperançosos de adolescentes, jovens e adultos que, do chão da escola Saint Hilaire na Lomba do Pinheiro, vivenciam com criticidade a flecha do tempo, conscientes politicamente de que não há mais tempo: será preciso adiar o fim do mundo e, para isso, as vozes da periferia precisam ser ouvidas e, os seus pensamentos, potencializados, entendendo a periferia como um espaço geográfico marcado não apenas pelo distanciamento material mas, também, simbólico do centro.

**Alan Alves-Brito**

Astrofísico, Professor Adjunto | UFRGS
Egresso da Escola Pública Brasileira

Extenso Bairro periférico de Porto Alegre, a Lomba do Pinheiro conta com aproximadamente 80.000 habitantes, cujos moradores vivem contrastes entre a beleza de um ambiente rural e o mundo urbano, onde a infraestrutura denuncia a precariedade existente nas dezenas de vilas estendidas em toda sua geografia.

É nesta região, também, que encontramos um povo aguerrido na construção do seu protagonismo social com grande poder organizativo no qual se destaca o Conselho Popular da Lomba do Pinheiro, que tem o papel maior de aglutinar as forças vivas do território para assegurar direitos e políticas públicas à população.

Parabenizo a iniciativa que resultou neste belo trabalho de produção do conhecimento, feito com dedicação e compromisso social pelas/os estudantes e professoras/es – característica marcante da EMEF Saint Hilaire. Destaco, particularmente, as crônicas sobre Porto Alegre pela vivência dos estudantes. Ali aparecem, a partir do desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã, múltiplos olhares sobre a Lomba do Pinheiro, um mundo real, vivo, periférico de uma Porto Alegre, para além das propagandas oficiais dos 250 anos da cidade.

**Francisco Geovani de Sousa**

Assistente Social e Coordenador do Conselho Popular da Lomba do Pinheiro – Porto Alegre/RS

Apoio:

ISBN: 978-65-999028-0-2
9 786599 902802

# E SE A PERIFERIA FOSSE O CENTRO?


**ORGANIZAÇÃO**

MARCO MELLO

DANIELE GUALTIERI RODRIGUES



**EMEF Saint Hilaire**

Porto Alegre (RS), 2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E11 E se a periferia fosse o centro?/ organização Marco Mello e Daniele Gualtieri Rodrigues. - Porto Alegre : EMEF Saint Hilaire, 2022.

124p.

ISBN: 978-65-9990-280-2

1. Produção textual. 2. Educação de jovens e adultos. 3. Educação fundamental. 4.Educação popular. I. Mello, Marco. II. Rodrigues, Daniele Gualtieri.

CDU 371.3
372

Elaborada por Ana Lucia de Macedo Rüdiger CRB10/963

Iniciativa:

Apoio:

## CRÉDITOS

*A periferia irriga o centro*
Sem escala. Fonte: SMAM, 2010.

O mapa é um recorte da região centro/sudeste de Porto Alegre que evidencia o Parque Natural Municipal Saint'Hilaire, a Barragem Lomba do Sabão, as linhas topográficas e os cursos d'água das nascentes à foz do Arroio Dilúvio, o maior afluente da margem leste do Guaíba, conhecido há milênios pelos Guaranis como Rio Jacarey.

### COMISSÃO DE ORGANIZAÇÃO

Adriana Ávila Bleggi
Carolina Hugo
Daniele Gualtieri Rodrigues
Eduardo Soares Rosseto
Jaqueline Gomes Nunes
Marco Mello
Suellen de Souza Kohanoski

### REVISÃO

Daniele Gualtieri Rodrigues

### PROJETO GRÁFICO, ARTE DA CAPA E DIAGRAMAÇÃO

Júlia Ramos de Carvalho
*juliardcarvalho7@gmail.com*

### FOTO DA CAPA

*Dois Filósofos*. Porto Alegre (RS). 1900
Luiz do Nascimento Ramos (Lunara)
Coleção Pedro Corrêa do Lago. Instituto Moreira Salles

### CRIAÇÃO DA CAPA

Júlia Ramos de Carvalho
Marco Mello

### EMEF SAINT HILAIRE

Rua Gervásio Braga Pinheiro, 427 - Lomba do Pinheiro
Porto Alegre - RS

### DIREÇÃO DA ESCOLA MUNICIPAL SAINT HILAIRE

Ângelo Marcelino Barbosa (Diretor)
Cinara Bertuol (Vice-Diretora)
Rose Otto (Vice-Diretora)

### SERVIÇO DE SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

Jaqueline Gomes Nunes
Suellen de Souza Kohanoski

### REDES SOCIAIS

*https://pt-br.facebook.com/emefsainthilaire/*
*https://www.youtube.com/c/escolasainthilaire*

DADOS PROFESSORAS/ES

Adriana Ávila Bleggi

Professora de Educação Física, Língua Portuguesa e Volância junto às turmas de Correção de Fluxo na EMEF Saint Hilaire. Graduação em Educação Física e Letras/Língua Portuguesa e Literatura Brasileira. Acadêmica de Filosofia/ Licenciatura (UFPEL).
E-mail: *adribleggi@gmail.com*

Daniele Gualtieri Rodrigues

Professora de Língua Portuguesa na EMEF Saint Hilaire. Doutoranda em Letras – Estudos de Literatura na UFRGS, onde pesquisa educação literária. Mestra em Filosofia – Estudos Culturais pela EACH-USP. Graduação em Letras pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2003).
E-mail: *dani.gualtieri82@gmail.com*

Eduardo Soares Rosseto

Professor de Iniciação Científica (regular) e Ciências da Natureza (EJA) na EMEF Saint Hilaire. Coordenador Geral do Cursinho Popular Carolina de Jesus, em Porto Alegre. Mestrando em Educação em Ciências na UFRGS. Licenciado em Ciências Biológicas pela UFRGS (2017).
E-mail: *dudurosseto@gmail.com*

Marco Mello

Professor de História e Filosofia na EMEF Saint Hilaire junto às turmas dos oitavos, nonos anos e Totalidades Finais na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Mestre em Educação pela UFRGS. É um dos coordenadores do Coletivo de Professoras e Professores de História da Rede Municipal de Ensino de Porto Alegre (CPHIS) e do Projeto PoAncestral - Muito além de 250.

E-mail: *marcomello2013@gmail.com*

# índice

# prefácio

## A PERIFERIA E O CENTRO: Lomba do Pinheiro — do chão da EMEF Saint Hilaire aos pluri-versos


Alan Alves-Brito
Astrofísico, Professor Adjunto - UFRGS
Egresso da Escola Pública Brasileira


O livro *E se a periferia fosse o centro?*, organizado pelo professor de História e Filosofia Marco Mello e pela professora de Língua Portuguesa Daniele Gualtieri Rodrigues, da Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Saint Hilaire, na Lomba do Pinheiro, em Porto Alegre, é uma biblioteca de histórias vividas e sentidas e de cosmologias (filosofias) *periféricas*. Trata-se de um livro sensível, arrojado e inovador que, de mansinho, cochicha as suas ideias e os seus segredos aos nossos ouvidos. E nós, leitores, hipnotizados pela força advinda da *potência periférica* dos *uni*-versos plasmados em cada uma das folhas do livro, nos deixamos sacudir pelas palavras jogadas ao vento que saem do hálito quente da boca e dos pensamentos de estudantes das turmas dos estudantes. Há, em cada uma das páginas deste livro-terremoto, um convite especial para nos conectarmos às histórias contadas por meio de crônicas; por via das escritas de si e das convivências em sistemas-mundos que tensionam estruturas viciadas e genocidas de poder.

Ao longo da leitura, nos deparamos com intertextualidades entre a poesia e a mitologia e com contos filosóficos que nos lembram o tempo inteiro que a pandemia de COVID-19 é apenas uma entre tantas que, cotidianamente, atravessam as existências das pessoas que vivem nas *periferias* urbanas e rurais do Brasil.

Há, ainda, ao longo do texto, um encontro primoroso com projetos de investigação gestados na escola e com belas cartas de um passado-presente perturbador para um futuro livre do fascismo, um futuro em que a liberdade plena seja um compromisso ético de cada uma e cada um de nós.

A grande novidade do livro é o deslocamento afiado de suas proposições: mais do que exaltar o tão necessário lugar de fala, o livro ganha robustez por trazer o lugar do debate e da articulação do pensamento crítico, propondo a construção de outros mundos, tendo a *periferia* como utopia, como melhor estratégia de combate à distopia em curso. A *periferia,* na poética impressa em cada uma das palavras que vão dando sentido às vidas encantadas no livro, passa a ser o *centro* gravitacional do mapeamento das grandes ideias para as soluções dos problemas sociais e raciais que nos desafiam como país.

Com embasamento teórico, metodológico e epistêmico, as palavras dançantes deste livro-manifesto desafiam as leis da Física, pois vinculam vogais e consoantes que se deslocam por ondas de energia que se movem com velocidades mais rápidas do que a da própria luz. Estas palavras são os *quanta* (unidade de energia) de matéria que saltam entre diferentes níveis de realidade, desacoplando-se das folhas brancas de papel para, finalmente, encontrar aconchego no lugar mais profundo das nossas almas e da nossa autoestima.

Página a página, o livro nos convida a (re)pensar o Brasil profundo; a nos desacomodar das cadeiras inertes e apáticas, de onde, sem reação, naturalizamos situações sistemáticas de exclusão da maioria da população brasileira, de pessoas LGBTQIA+, de povos originários, de pessoas vivendo em extrema pobreza ou que enfrentam situações sistemáticas de violências variadas. No texto, as bibliotecas coloniais são, a partir da *periferia*, desautorizadas a constituir novos léxicos e a contar as nossas histórias. Levando-se em conta a realidade da Lomba do Pinheiro, tensiona-se, assim, as construções históricas, sociais e políticas que normalizam disparidades sociais para, num só sopapo, nos ajudar a ressignificar a aparente contradição entre *centro* e *periferia*.

Poético, o livro *E se a periferia fosse o centro?* é histórico, filosófico e belo, porque é forjado nos corações e mentes esperançosos de adolescentes, jovens e adultos que, do chão da escola Saint Hilaire na Lomba do Pinheiro, vivenciam com criticidade a flecha do tempo, conscientes politicamente de que não há mais tempo: será preciso *adiar o fim do mundo* (KRENAK, 2019) e, para isso, as vozes da *periferia* precisam ser ouvidas e, os seus pensamentos, potencializados, entendendo a *periferia* como um espaço geográfico marcado não apenas pelo distanciamento material mas, também, simbólico do *centro*.

Crítico, reflexivo, inquisidor, propositivo mas frontalmente cosmopolítico, o livro traz as ontologias relacionais que acontecem no *centro* da Lomba do Pinheiro, (des)construindo significados dos quotidianos das pessoas do bairro que, apesar de tudo, brincam, se divertem, ensinam, aprendem, (se) afetam e conflituam. É na *periferia* que a rua é uma extensão da casa e é lá que cada um de nós, apesar de violentados de diferentes formas, ainda assim não perdemos de vista o espírito comunitário, por meio do amor que é de fato revolucionário, como nos traz bell hooks, importante

educadora e teórica negra feminista, em *Tudo sobre o amor: novas perspectivas* (2021).

O livro *E se a periferia fosse o centro?* é um convite à resistência e à organização política para que coletivamente possamos construir outras narrativas sobre o *eu*, o *outro* e os *espaços geográficos* que nos constituem e nos hierarquizam entre a *periferia* e o *centro*. Tal qual o *Uni*-verso é homogêneo e isotrópico, a *periferia* está em toda parte e, o *centro*, é apenas uma especulação geométrica, uma reverberação e um ponto de vista cultural e sistêmico da *periferia* que se propaga no espaço-tempo. É a *periferia*, em suas múltiplas articulações com o que a vida é de fato, que tece narrativas *pluri*-versais sobre o Todo, que vai do *centro* às *bordas* e destas ao *centro*, num movimento contínuo no círculo da existência.

É a partir desta est(ética) que este livro primoroso nos ajuda a compreender as artimanhas e as complexidades que nos aguardam em avenidas de opressão quando, por exemplo, categorias como raça, gênero, classe, geração e ecossistemas vivos e não vivos, visíveis e invisíveis, operam (n)as vidas das pessoas que vivem nas *periferias* do país. Sem as categorias de raça, gênero, classe e território, fica muito difícil garantir a compreensão histórica, filosófica e das linguagens das nossas condições cosmológicas atuais de organização para a luta.

Se, por um lado, temos historicamente aprendido a separar o *centro* da *periferia* com base nos abismos impostos pelos marcadores sociais da diferença, por outro lado o presente livro escancara em verso e prosa que a *periferia* não pode ser mais o equivalente ao *pejorativo* do *centro*. A *periferia* é, para muitas pessoas, a potencialidade da produção dos *pluri*-versos. E é essa, a meu ver, uma das principais contribuições deste livro: a partir da *periferia*, encadeia os sonhos como uma ferramenta de luta para a construção de outros imaginários no país. Sonhos estes ontologicamente referendados para que possam ser capazes de ressaltar o poder transformador da educação pública brasileira que germina no chão e nos territórios das escolas públicas do Brasil profundo. Sonhos interpretados pelas palavras ditas, escritas e declamadas por estudantes, professores e todo o corpo comunitário não apenas da escola Saint Hilaire mas também de outras escolas públicas Brasil afora; palavras vivas que, ao articularem o ensino e a pesquisa, nos convidam à roda e à partilha desses conhecimentos que traduzem a educação como prática de liberdade para a transformação real do país. Celebremos o encontro entre a educação e a cultura, que tecem a Democracia *de fato*.

Porto Alegre, 8 de outubro de 2022.

Referências

hooks, bell. *Tudo sobre o amor*: novas perspectivas. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo: Elefante, 2021.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

# apresentação

## E SE A PERIFERIA FOSSE O CENTRO?

Marco Mello
Daniele Gualtieri Rodrigues
(Organizadores)

*"Contra a intolerância dos ricos, a intransigência dos pobres.*
*Não se deixar cooptar. Não se deixar esmagar. Lutar sempre!"*
Florestan Fernandes

E se a periferia fosse o centro? E se a prioridade nos investimentos públicos fosse destinada a quem mais precisa, nas bordas do sistema? E se os saberes/epistemes das classes populares e suas matrizes ameríndias, africanas, afro-brasileiras, periféricas estivessem no centro da organização curricular? E se as pessoas em suas múltiplas identidades e pertencimentos fossem efetivamente respeitadas e consideradas como mais importantes do que as mercadorias? E se as escolas tivessem de volta a gestão democrática e não fossem golpeadas pelas gestoras da política educacional? E se a classe trabalhadora tivesse o poder e não os donos do capital? E se os estudantes, suas necessidades e interesses, estivessem no centro do trabalho da escola?

A conjunção *se,* aplicada nas situações elencadas, ao mesmo tempo que é projetiva e hipotética, ao indagar outras possibilidades de existência, induz à reflexão radical ao trazer consigo a denúncia das desigualdades e injustiças sociais e curriculares vividas e percebidas.

Sob um contexto pandêmico, no qual cerca de 700.000 pessoas, no Brasil, morreram e dezenas de milhares ficaram com sérias sequelas – centenas de milhares por ausência da ação do poder público – é preciso fazer perguntas e buscar respostas, que são absolutamente centrais, como esta: e se os governantes tivessem dado prioridade à vacinação da população e condições de trabalho *online* para estudantes e professoras/es?

No que depender de nós, que não fomos negligentes – pedagógica, humana e politicamente falando –, a esperança há de vencer o medo e outro dia há de nascer. É com este espírito otimista e imensa alegria que apresentamos esta publicação às/aos leitoras/es. Ela se insere em um conjunto de atividades que homenageiam o aniversário dos 60 anos de criação da EMEF Saint Hilaire. Há 30 anos atrás, em 1992, a escola passou a integrar a Rede Municipal de Porto Alegre, pois originalmente fazia parte do município de Viamão. Fruto de um processo organizativo da comunidade

local, mobilizada em torno do Orçamento Participativo, um conjunto de vilas, entre as quais a Panorama e a atualmente denominada Bonsucesso, foram anexadas e passaram a fazer parte de Porto Alegre, assim como os equipamentos públicos nelas existentes.

Em 2022, uma outra efeméride foi celebrada e, ao mesmo tempo, problematizada, e que é objeto de reflexão neste registro. Oficialmente, Porto Alegre foi criada em 26 de março de 1772, portanto há 250 anos. Um conjunto de manifestações e elaborações críticas, dos quais alguns de nós pudemos acompanhar junto ao projeto *PoAncestral - muito além de 250,* foram desencadeadas frente à concepção eurocêntrica e descontextualizada da festividade. Tal questionamento também esteve presente na programação da Feira Literária da Escola (FLISH), que elegeu como temática central *Porto Alegre: Histórias que não te contaram*.

Encontraremos aqui algumas das muitas produções realizadas no cotidiano de sala de aula ao longo do ano letivo, por estudantes dos Anos Finais do Ensino Fundamental diurno e das Totalidades Finais da Educação de Jovens e Adultos (EJA), em diferentes áreas do conhecimento e componentes curriculares.

Estão presentes, ao longo de sete capítulos, mais de uma centena de produções feitas por noventa autoras/es em diferentes gêneros discursivos: crônicas, poesias, prosa intimista, histórias em quadrinhos, contos, relatório de pesquisa, textos de opinião, narrativas míticas, cartas pedagógicas – a revelar a imensa potência da reflexão e da flexibilidade criativa existente.

A premissa que está na base da iniciativa é a de que todas/os nós somos sujeitos de produção de conhecimento! E a partir da apropriação e do uso social da língua e da progressiva familiaridade que se obtém com o exercício sistemático, podemos (e precisamos) nos autorizar a partilhar o que criamos. Afinal, é preciso encontrar o leitor, a leitora – razão última da escrita.

Nesta direção, adquire vital importância a sistematização de nossas práticas como educadoras/es, nas quais é possível perceber o caminho percorrido, os conhecimentos selecionados e trabalhados, os métodos e os recursos utilizados e, sobretudo, a voz e a produção dos sujeitos: nossas alunas e alunos. Há muitos aprendizados quando nos reencontramos com o registro e identificamos o pulsar da vida que brota do texto e que faz nosso olho brilhar, nos emociona, nos faz rir gostosamente, nos toca profundamente, nos convida e provoca a ver o mundo com outros olhos e nos faz pensar convictos: educar e educar-se na prática de liberdade nos faz mais gente!

Nesses tempos difíceis sob ameaças de censura e imposição de reformas educativas conservadoras e privatistas, nos orgulhamos de afirmar que todos os trabalhos nasceram na faina diária de educadoras/es que, ao desenvolver os seus planejamentos educativos com uma intencionalidade crítica, se propuseram a refletir, interrogar, problematizar, para que as/os

próprias/os estudantes reinventassem mundos possíveis.

É nas fissuras abertas do sistema que a vida emerge na sua urgência no qual se vive um dia de cada vez e, como não poderia deixar de ser, esta é uma publicação que traz muito de empatia, partilha e utopia, elementos imprescindíveis para um recomeço pós-pandêmico.

Queremos crer que há algo nela com um potencial de curar as dores da alma, depois de secar as lágrimas e exorcizar os desgovernos amantes da necropolítica. A palavra regenera! O diálogo é ponte, a ciência salva e certamente não há saída para a vida em sociedade fora da democracia substantiva e da participação popular nos destinos de um país.

Por fim, gostaríamos ainda de agradecer o apoio dado pela Equipe Diretiva da escola e aos integrantes do Conselho Escolar que acolheram o projeto e asseguraram, no planejamento orçamentário, o aporte financeiro necessário para a viabilização desta publicação, que tem uma tiragem física gratuita e também versão como E-book. Colegas professoras que integram a coalisão *PoAncestral – Muito além de 250* foram entusiastas desde a primeira hora. Júlia Ramos, com um trabalho sensível e talentoso na arte final e diagramação assegurou uma qualidade estética que destacou e valorizou ainda mais o conteúdo da obra. Ana Lucia de Macedo Rüdiger, bibliotecária na UFRGS, gentilmente produziu a Ficha Catalográfica, a partir de contato mediado pela historiadora Cláudia Aristimunha, também integrante do *PoAncestral*. Alexandre dos Reis, da Grafiset, foi um grande parceiro na fase de impressão do trabalho. Tivemos o privilégio de ter no livro a presença de dois intelectuais que a escola já tem um lastro de relações e que temos grande admiração e estima: o Prof. Alan Alves-Brito (UFRGS), que assina o prefácio da obra, e Francisco Geovani de Sousa (Conselho Popular da Lomba do Pinheiro), que elaborou o posfácio. A todas e todos, nossa sincera gratidão pela generosidade e solidariedade para com a Escola Pública, gratuita, democrática, laica e popular que teima em (re)existir!

Não poderíamos deixar de fazer um agradecimento muito especial a todas/os nossas/os queridas/os alunas e alunos: pela participação ativa nas aulas, pelos debates, pela partilha, pela coragem de *dizer a sua palavra*, como nos estimulou o grande educador Paulo Freire, por confiarem na seriedade da proposta que fizemos, por terem a paciência da reescrita, pela digitação de suas produções, pela emoção, criticidade e pelos aprendizados que nos proporcionaram e certamente se estenderão a quem ler este livro; o que só aumentou nossa admiração, afeto e orgulho que temos de vocês. Obrigado, gente!

Por fim, uma referência à capa da obra, a partir de um registro do fotógrafo amador Lunara (1864-1937), na Porto Alegre do ano de 1900, intitulado *Dois filósofos,* no qual duas crianças miram a cidade desde um arrabalde. Sobre a imagem se destaca uma daquelas perguntas nucleares que nos desafiam a pensar com radicalidade e que, por isso mesmo, dá título à obra:

*E se a periferia fosse o centro?*

# CRÔNICAS

## Porto Alegre desde a Lomba do Pinheiro

Crônica é o gênero literário que talvez melhor se adapte a uma produção em prosa dentro do contexto escolar no nível de Educação Fundamental, em que nos inserimos. Pela informalidade, brevidade, pela atenção ao cotidiano e liberdade criadora. E foi essa a opção que resultou nas produções presentes neste capítulo, de estudantes das turmas dos oitavos e nonos anos, a partir da Filosofia, e das turmas da Totalidade 4 à Totalidades 6 na EJA, a partir da História.

A atividade partiu de uma adesão ao movimento *POAncestral,* uma ampla frente reunindo associações docentes, intelectuais, órgãos e servidores da universidade pública e movimentos sociais, que organizaram um conjunto de atividades formativas e publicações com o intuito de problematizar as comemorações oficiais (eurocêntricas e descontextualizadas) dos 250 anos da cidade e da necessidade de destacar a presença de uma ancestralidade indígena – que remete a 12.000 anos de presença na região – a herança africana e afro-brasileira e a presença de grupos marginalizados nessa trajetória.

De maneira convergente, a FLISH – Feira Literária da Escola Saint Hilaire, que aconteceu no início do ano letivo, teve como título *Histórias que Porto Alegre não conta* e também trouxe subsídios para leituras mais atentas ao contexto regional no qual a escola se insere. Um dos convidados para ministrar uma palestra para os estudantes foi José Falero, morador na Lomba do Pinheiro, escritor autodidata reconhecido pela crítica e público como um talento emergente e autor de livros como *Vila Sapo* e *Os supridores*. Mas foi o livro de crônicas do autor, *Mas em que mundo tu vive?*, que apresentei

aos estudantes e serviu  como inspiração inicial para o trabalho.

Estudamos a história da formação de Porto Alegre e os seus 250 anos, buscando destacar visões contra-hegemônicas sobre a história da cidade, resgatando a presença indígena, africana, afro-brasileira e da população trabalhadora e periférica na história pregressa e presente da cidade. Mapeamos as características principais da Lomba do Pinheiro e revisitamos a história da ocupação dessa região, assim como alguns dos principais problemas atuais enfrentados no Bairro.

A partir desse pano de fundo, foram apresentadas as obras do escritor José Falero. Elegi três crônicas do livro *Em que mundo tu vive?* para leitura e debates em aula. Nelas o autor apresenta um olhar crítico e ácido em torno dos múltiplos desafios de quem vive na *quebrada.* Escolhi as crônicas: *Em construção*, *Sobre o direito à cidade* e *Uma vitória de tua gente* como forma de sensibilização e aproximação com o gênero.

Fiz uma proposta que os alunos fizessem o exercício de deslocar o olhar atento sobre o contexto onde vivem, estudam, têm relações e circulam: a família, a vizinhança, a escola, a rua, o beco, a vila, o bairro e elegessem um tema para uma crônica na qual eles pudessem em alguma medida filosofar ou dialogar com a história do presente-futuro.

As produções tiveram como eixo central essa reflexão: narrar e ler Porto Alegre desde a Lomba do Pinheiro. Há algo de humor nelas e uma relativa felicidade de viver em local agradável, no qual se destaca a positividade do convívio nas redes de afeto, sejam familiares, sejam de amizades, em um território no qual ainda se mantém preservada uma parcela significativa da mata nativa e de animais silvestres.

Todavia, o teor predominante é o de denúncia das mazelas, que não são poucas. Essa percepção é muitíssimo presente na eleição de problemáticas como a insegurança devido à falta de policiamento e o avanço do tráfico de drogas, que se somam a problemas graves como a falta de água frequente, o alto preço e a queda da qualidade do transporte público, a falta de investimento do poder público em infraestrutura como pavimentação e saneamento e a quase inexistência de opções de esporte, cultura e lazer, sobretudo para o público jovem, além da distância e falta de opções de acesso à escolas de Ensino Médio na região.

Para além do âmbito local ou regional, na escala da cidade, temos a presença de produções que são caracterizadas pela transição para a adolescência ou o universo adulto, quando os olhares sobre o mundo são vistos de outro modo, com menos inocência e não raro de maneira tocante, e nos comovem pela franca e límpida percepção. Ali são desnudadas as

desigualdades sociais, o preconceito por endereço, a exploração de classe, o tratamento cruel e o abandono da população em situação de rua, o racismo em relação à população negra, o machismo e a transfobia, o consumismo, a fome e o desemprego. Eis alguns dos temas recorrentes abordados.

Uma precoce e atenta percepção da lógica de funcionamento do mundo capitalista brota com a força da indignação em muitas das narrativas, traduzidas em uma justa ira, na forma de desabafos e de perguntas emblemáticas de gente que pensa, que se interroga e, portanto, filosofa e conspira, a imaginar outros mundos possíveis.

Prof. Marco Mello
Filosofia/Ensino Fundamental diurno, História/EJA

## Dia a dia na Lomba

O dia a dia na Lomba é assim: ir ao supermercado logo cedo pela manhã, é ir para o serviço, cedo. É ler o "Diário Gaúcho'' e debater sobre os preços dos alimentos, o aumento da luz e da água.

Como é a Vila Bonsucesso? A Vila Bonsucesso tem suas praças bem cuidadas por seus moradores, mas também tem ruas esburacadas, postes com lâmpadas queimadas, quebradas e muitos outros problemas.

Meu dia a dia é acordar às 7 horas da manhã, tomar café, depois ir ao SASE (Serviço de Atendimento Socioeducativo), vir para casa tomar banho e ir para a escola. Às 17 horas e 15 minutos voltar para casa, buscar meu sobrinho na creche e esperar minha irmã buscá-lo. Depois ir ao mercado comprar coisas para minha mãe fazer comida, olhar novela e ir dormir porque amanhã começa tudo de novo.

Danieli Soares Correa
Turma 81

## De cara a cara com a morte pela segunda vez

No ano de 2021, no ano passado para ser mais exato, foi minha viagem para Mato Grosso, que foi boa e cansativa ao mesmo tempo, 200 Km para ir de Cuiabá para Rondonópolis para conhecer minha família por parte de mãe. Durou, se eu não me engano, umas três a quatro horas para chegar.

Chegamos perto das 23h e estava bem cansado, então fomos

dormir, acordamos e aproveitamos esses dias com a família. Num deles fomos a uma cachoeira. Era muito bonito e legal o lugar, depois nós fomos para outra cachoeira, que era menor, mas era forte.

Nessa ida eu tinha visto um membro da família e meu irmão sentados na pedra, enquanto a água batia em suas costas, e achei uma boa ideia no começo. Sentei, mas percebi que a cachoeira poderia me levar.

Por causa da água que era bem forte, me levantei por ter mudado de ideia, mas neste momento escorreguei em um musgo que estava abaixo de mim e acabei sendo levado pela cachoeira. Chamei meus pais o mais alto possível, consegui me agarrar em uma pedra e achei que ia morrer. Meu pai me salvou! Mas em troca disso eu e meu pai nos ferimos nas pedras afiadas.

Tirando isso, foram boas essas férias. Era difícil dormir nas noites seguintes por causa das feridas. Cheguei em Porto Alegre pensando nesse ocorrido... se meu pai não tivesse ali eu não estaria agora contando essa história.

Daniel Borges Faria
Turma

## Nas alturas

Bueno, era a primeira vez que eu saia do meu país e ficaria tanto tempo separada da minha família. Não é fácil deixar nossa família lá e vir para outro país, com cultura diferente, idioma diferente, muitas coisas diferentes. Só pelo melhor futuro.

Eu tive que passar por duas cidades para chegar aqui em Porto Alegre. Então a minha impressão de Pacaraima (primeira cidade que conheci, em Roraima) não vi diferença nenhuma por causa dos muitos venezuelanos que moram lá.

Quando fomos saindo de Boa Vista (segunda cidade que conheci), comecei a ver várias diferenças, tipo praças, rios etc. Daí a gente tivemos que pegar um avião para chegar ao nosso destino. Fizemos transbordo em Brasília para chegar aqui.

Eu estava emocionada por ver a cidade onde ia morar, a minha impressão quando eu vi Porto Alegre toda das alturas!! Nossa, isso parece New York, eu pensei, devido a luz que tinha quando aterrissou.

Eu estava com muito frio! Parecia uma geladeira.

Eu vi Porto Alegre muito linda. As regras de trânsito em ordem etc. Daí, quando cheguei no Pinheiro, lembro que pensei: bah, isso aqui é um campo. Quando conheci todo o bairro, vi que é só lombada. Enfim, amei Porto Alegre toda!

Camila Guzman Gonzalez
Turma 81

# O pato maldito

No ano de 2015, no final de ano, antes do Natal, eu tinha uns seis ou sete anos e morava em Tramandaí, perto de três cataventos gigantes. De noite, quando a casa estava quieta, dava para escutar os barulhos, aquela coisa que girava me dava MEDO. Parecia que eles iam cair a qualquer momento.

Um dia eu estava brincando com uns amigos e com meus irmãos. Nós éramos muito LOUCOS. Onde nós morávamos tinha um traficante, que tinha PATOS.

Na verdade, eu não gostava deles porque eles faziam um barulho irritante, mas de todos os patos que ele tinha, o pior de todos era um pato grande e com a cabeça aberta. Dava para ver o cérebro dele! Ele sempre avançava em mim. Meu pai sempre ia nesse traficante, era uma vez por dia.

Eu não sabia porque ele ia lá, mas hoje eu tenho uma noção do que era.

Um dia eu estava brincando com meus amigos, então uma fila de patos começou a passar na nossa frente e um dos meus amigos falou:

– Bora tocar pedra nos patos!

E começou a atirar pedra de brita nos patos, até que uns minutos depois o pato morreu. Nós fomos até a casa dele e falamos para a mãe dele, mas não adiantou, depois de 10 minutos o traficante apareceu e nós tivemos que pagar o famoso pato.

Só me lembro que eu e meus irmãos apanhamos tanto que eles não lembram. Eu não me lembro de muitas coisas, mas é isso! Nós pagamos o pato!

Deivison de Oliveira Brum
Turma 81

# Estilos musicais em Porto Alegre

Algumas das plataformas que eu uso são: *Youtube, Spotify, Resso* e por aí vai.

Os gêneros que eu escuto são indie, pop, rock, rap, trap, pop e por último funk, mas muito raramente.

Acho que a maioria das pessoas escuta música em algum momento do dia. Em Porto Alegre, na maioria dos bares e mercados estão sempre tocando música, então mesmo que você não coloque música no seu celular/fone você vai acabar escutando em outro lugar.

Eu escuto música na maior parte do meu dia, principalmente de madrugada, é quando a casa está silenciosa, então dá para aproveitar e

escutar música sem ser interrompida.

Porto Alegre, por exemplo, tem vários artistas, cantores (as), tanto de funk como também de sertanejo, samba e músicas gaúchas e por aí vai.

Tenho certeza que o funk ''domina'', tipo o gênero é mais escutado, entretanto eu acho o estilo muito ''obsceno'', não que os outros estilos de música não tenham essas coisas.

Mas essa cidade precisa evoluir, por exemplo, só algumas pessoas respeitam o gosto musical das outras.

Gyselle Neves
Turma 81

## E a Prefeitura não fez nada

Éramos crianças, sua mãe não te avisou?

Acho que não! Você se lembra quando brincávamos na rua? Eu, você, sua irmã, minha irmã e meu primo.

Sua mãe, uma pessoa religiosa, e seu pai, um catador de lixo. Dinheiro não era o "item'' que você mais precisava. Vocês eram uma família típica, todos nós e minha mãe também vimos vocês saindo da igreja, às vezes tarde da noite. Creio que você não teve pensamentos sobre como seria sua adolescência! Vocês eram nossas melhores amigas. Todos os finais de semana eu e vocês estávamos brincando a tarde toda, às vezes até chegar a noite.

Crescemos, fomos para a escola. Sua irmã estava no 7° ano, mas, de um dia para o outro, sua irmã mais velha engravidou, com 16 anos. A cidade inteira ficou sabendo sobre a gravidez dela.

Ela saiu da escola para cuidar do seu bebê. Vendo tudo isso, parece que a escola, a igreja e o governo não disseram que ter um bebê na adolescência é um grande problema.

Pelo menos o pai do seu filho não o deixou como qualquer um! Não sei como você se sentia com isso, quando veio a notícia sobre sua gravidez! Sua família aceitou, pois não se tem o que fazer quando você está grávida!

O governo não falou sobre gravidez, a escola diz que "esse assunto é muito delicado para jovens", sua mãe e seu pai não te avisaram e agora você tem que cuidar de uma criança.

O governo de Porto Alegre não falou nada porque somos de classe baixa. Nas escolas privadas, eles já contaram que a gravidez na adolescência é um grande problema. O governo só diz para aqueles que têm dinheiro, aqueles que têm celular.

Emili Pires Soares
Turma 81

## Uma viagem muda tudo

Eu moro em um beco chamado Beco da Paixão, na Lomba. Sempre achei que aquele lugar nunca foi 100% ideal para mim por causa das músicas que tem em condomínios de onde eu moro. Mas após eu ficar indo de um canto da cidade para o outro foi onde eu percebi minha sorte. E finalmente me sinto feliz e em paz onde eu moro.

Sempre gostei de viajar pela cidade enquanto apreciava os prédios, com meu pai me contando sobre os lugares em que ele trabalhou e se divertiu. Nunca fui alguém político, então nunca fico olhando e lendo todas as histórias sobre a corrupção, escolhas horríveis do governo e etc., mas apenas olhando as ruas, as lojas e o povo, eu já percebi o que está errado.

Meu pai e eu sempre pegávamos atalhos entre favelas e becos para chegarmos em outros destinos mais rápido. Durante um desses caminhos que pegamos, acabamos passando por uma favela. E foi naquele local que descobri minha sorte: tudo era barro molhado, era tão apertado que carros não conseguiam passar pela mesma rua. Algumas ruas estavam com buracos que poderiam atolar, e até mesmo tinham pessoas que queimaram lixo, poluindo o oxigênio dos residentes próximos. Mas mesmo com tudo isso acontecendo, possivelmente diariamente as pessoas ainda estavam felizes, eu não entendia as pessoas ou o local em si, mas sei que todos amavam aquele local.

Eu comecei a gostar mais do beco em que eu vivo, a natureza, a mata, o campo de meu tio, tudo era calmo e perfeito do seu jeitinho.

Otávio Silva de Almeida
Turma 82

## Coisas que eu já vi em Porto Alegre

Uma vez eu fui no Centro e vi uma mulher moradora de rua com sua filha, que eu acho que tinha 10 meses. Um cara apareceu e deu dinheiro, deu sanduíche para a criança e começou a brincar com a bebezinha. A bebezinha começou a sorrir, e eu falei para minha mãe olhar, porque tinha me dado um aperto no coração ao ver aquela cena. Por que não é todo mundo que tem esse coração bom para fazer isso que nem esse cara fez?

Isso aconteceu no centro de Porto Alegre. Mas eu fiquei pensando, como vai achar um cara desses onde vive mais de um milhão de pessoas na rua? Ele podia muito bem passar se exibindo que estava comendo o sanduíche, mas não. Ele foi lá, parou de comer e deu para a bebezinha.

Outra vez, no centro de Porto Alegre. Uma vez eu estava saindo

do dentista e me deparei com uma cena na qual um cara estava dando na mulher. Na minha mente eu estava pensando por que existe homem assim no mundo, que uma hora fala para a mulher que vai dar amor e carinho e na outra já está batendo nela?

Iarley Santos
Turma 82

## Eu pensava que o mundo era uma maravilha

As pessoas todo o dia trabalhando e nunca conseguem comprar uma coisa que hoje é essencial, como um telefone! Eu vejo as pessoas ralando, até na minha família, e não posso fazer nada. Mas, que saco!

Fico imaginando o quanto duro é ralar. Um dia vou saber o que é isso. Fico vivendo minha vida mansa, andando pela rua, pelo mundo, vendo o que é uma vida. Uma vez li um livro muito, muito legal, muito interativo, especial.

Então, o que é viver? O que é o mundo? O mundo para mim é viver uma vida. Então, saber no mundo é essencial para viver, para seguir o rumo.

Então, quando eu tiver que trabalhar, comprar as minhas coisas, eu vou saber o que é isso. Há muito tempo atrás eu pensei que o mundo era uma maravilha, mundo cor de rosa, mas não é não. É um mundo cheio de preconceito, cheio de coisas que ninguém queria viver.

Kauan Andrade
Turma 82

## Uma viagem de descobertas

Eu estava no carro com meu pai e olhava todos aqueles moradores de rua e me perguntava: por que eles estão na rua?

Pergunto. – Pai, por que eles estão na rua? Ele diz que cada um deles não tinha onde morar, mas porque cada um passou por situações que fizeram ficar nessa.

Estava indo ajudar meu pai a cortar grama. Ele trabalha para pessoas ricas, que têm grandes casas, carros caros. Enquanto os ricos pagam para cortar suas gramas, os moradores de rua passam fome. Pensem como isso era terrível.

Mas como isso pode ser assim? Pensei.

Quando voltei, vi eles de novo. Meu pai viu e disse que era para eu não me importar, mas eu me preocupo e um dia talvez isso acabe.

Matheus de Lima Brittes
Turma 82

## O porquê do abandono escolar

Ao voltar para casa, encontro pessoas que abandonaram os estudos. Pessoas que já estudaram no Saint Hilaire, como meninas que ficaram grávidas e largaram os estudos.

Em Porto Alegre, tem milhares de alunos que largam os estudos.

Eu fiquei pensando, eles podiam estar saindo da escola, voltando para casa, assim como eu!

Às vezes os pais precisam incentivar os filhos a ir para aula. Eu queria que todos terminassem os estudos, fizessem faculdade e tivessem um bom futuro. Hoje em dia ninguém mais se preocupa com o outro, tipo falar “bora” estudar, porque não estudando não há futuro.

Karolina Damasio de Oliveira
Turma 83

## O mistério da Páscoa

Era um dia próximo da Páscoa. Minha mãe tinha combinado com meu pai de que eles iam se encontrar no serviço dele para fazer as compras para a Páscoa.

Chegou o dia, mas ela teria que fazer um trajeto para chegar no trabalho do meu pai. Mas ela não sabia que neste trajeto haveria uma tragédia.

Ela pegou o ônibus Bonsucesso, mas o destino dela era a Restinga e ali ela esperaria o seu ônibus para chegar no serviço do meu pai. Ela, já cansada, ali esperava o seu ônibus. Ela, um senhor e uma menina.

No primeiro banco da parada estava o senhor, no segundo estava minha mãe e no terceiro a menina. Mal eles sabiam que enquanto esperavam, um homem de moto chegou. Ele chegou, parou atrás deles e deu um tiro na cabeça do senhor que estava ao lado de minha mãe.

A menina, é claro, saiu correndo, mas minha mãe não. Ela ficou em choque, paralisada, diante do que tinha acontecido ali, naquele momento. E ficou ali até a polícia chegar e tirar o corpo dali. Eles ajudaram a minha mãe e ela contou o que tinha acontecido.

Minha mãe conseguiu chegar até o trabalho de meu pai, contou para ele o que aconteceu e o porquê da demora. Ele ficou chocado com o que tinha acontecido.

A Polícia tentou achar o criminoso que assassinou o idoso, mas, até hoje, eles procuram o *Criminoso da Páscoa.*

Essa história, real, conta de uma Porto Alegre que é frequentada por muitos ladrões e criminosos. Mas, por que muitas pessoas têm medo desses lugares que são mal frequentados? Por que as polícias não fazem uma varredura nesses lugares, em bairros e ruas de Porto Alegre, para evitar esses tipos de tragédias?

Se todo mundo se ajudasse, a nossa Porto Alegre seria bem melhor, e também muitas dessas pessoas não precisariam deixar de estudar para ajudar a família, que precisa batalhar para comprar comida ou mesmo pagar as contas.

Katiane Sonemann Dutra
Turma 83

## A melhor fase

Eu estava me arrumando para ir numa festa com minha mãe e estava super legal, mas na volta...

A gente estava voltando de carro. Enquanto passávamos pela Av. Ipiranga, presenciamos um ato de homofobia, preconceito e racismo contra uma mulher trans, que caminhava na calçada, saindo de um bar. Um homem caminhou na direção dela e agrediu ela verbalmente e fisicamente. Denunciaram, chegou a polícia, porém ela não fez nada.

Ela disse que não era a primeira vez que acontecia, que não tinha parentes em Porto Alegre, a mãe morreu muito nova e o pai não quis assumir a filha. Havia uma vó, e ainda assim, mal de saúde.

Sonhava em viajar para Nova York e trabalhar com moda. Iniciar uma nova fase em sua vida.

Manuela Silva Rosa
Turma 83

# Lá no Guaíba

Jurema era uma mulher de 24 anos. Foi num dia de sábado. Ela estava andando perto do lago Guaíba, com sua irmã Berenice. Como todos os sábados, elas caminhavam por uma parte de Porto Alegre, às vezes elas iam para o Centro, lá no Mercado Público, só olhar ou comprar algo. Outras vezes era no Lago Guaíba para fazer uma caminhada ou só olhar a vista. Também iam num parque qualquer. Mas elas gostavam mesmo era de subir no terraço do seu prédio e olhar o pôr do sol. Elas moravam perto do Guaíba, então a vista era linda.

Só que, um dia, Jurema e Berenice estavam andando pelo Guaíba fazendo o que elas costumavam fazer e do nada guardas, vestidos de preto, começaram a aparecer mandando todos ficarem no chão. Todos obedeceram.

– O que diabos está acontecendo? – perguntou Berenice.

– Não é da sua conta menina! – falou um guarda.

Todos foram cobertos com cobertores. E os guardas fizeram o mesmo, se deitaram e se cobriram.

Dava para ver um pouco do lado de fora do cobertor. E como Jurema era curiosa foi catar e então viu quatro naves espaciais: os aliens viram que não tinha ninguém, então foram embora.

Depois de quatro semanas todos esqueceram, menos Jurema. Ela ainda lembrava pois algo nos aliens fez ela não esquecer, mesmo com o gás para apagar a memória que lançaram.

Será que ela vai atrás de respostas? E será que ela vai atrás de mais segredos que Porto Alegre esconde?!

Vitória Osório Rodriguez
Turma 83

Mostra de Trabalhos Pedagógicos. Varal de Crônicas: Porto Alegre desse a Lomba do Pinheiro. Ago. 22 – Foto: Marco Mello

## Que mundo é esse?

Estava saindo de casa em direção à parada. Lá estava eu, esperando o T12 que passava perto da minha casa para ir para o meu serviço na Bento. Eu morava na 18, meu amigo Felipe morava na 13, e sempre encontrava com ele, trabalhávamos juntos. Felipe é um homem negro, tinha medo do preconceito e da discriminação racial, por conta que seu pai tinha sido morto por policiais, asfixiado.

Felipe sempre me contava suas histórias com Seu Jorge, seu pai. E naquele dia me contou que estava com um mal pressentimento. Falei para ele se acalmar que não iria acontecer nada, mas no fundo ele sabia que tinha algo de errado. Quando descemos do ônibus, avistamos alguns policiais, a partir daí Felipe começou a ter uma crise de pânico, e saiu correndo. Os policiais, achando que ele tinha me roubado, dispararam vários tiros contra o meu amigo, que morreu no dia do aniversário de seu pai. 22 de janeiro.

Por isso me pergunto: que mundo é esse? Ou melhor, que Porto Alegre é essa? Me diga!

Tiago Fagundes da Silva
Turma 84

## O que se faria

Tenho que pagar contas de luz e água. Depois irei ao Carrefour, mas estou muito cansada, é normal para uma pessoa de 55 anos.

Chegando no Carrefour, é pegar as coisas que preciso mesmo sabendo que não vou conseguir carregar tudo. Fui ao caixa perguntar onde fica a prateleira de produtos de limpeza. Chegando lá eu vi um homem alto e bem bonito e ao lado dele estava a esposa, eu acho. Mas tinha algo errado. Dois seguranças, um de cada lado do corredor. Deixei isso para lá e fui para outra prateleira.

Ouvi barulhos e gritos. Fiquei assustada e saí dali sem nada. Depois daquele dia assustador, já em casa, eu olhei para a tv e apareceu aquele mesmo Carrefour que eu fui e vi a foto daquele mesmo homem que se chamava João Alberto, e a mulher era esposa dele. Ela falou que mataram seu marido! Foram aqueles mesmos seguranças que eu tinha visto, foram presos, obviamente. Julgaram e mataram ele pela cor.

E pensar que isso pode acontecer com qualquer pessoa negra, até mesmo comigo e com minha família. Aqui em Porto Alegre.

Pedro Henrique Maiatto de Souza
Turma 84

# Eu, morta pelo homem que amava

Em 20 de julho de 2021, uma jovem de 24 anos foi morta em Porto Alegre. Eu sou essa jovem, meu nome é Alice. Fui morta pelo homem que eu mais amei. Nos conhecemos na Orla do Gasômetro no dia 8 de fevereiro de 2018, e quando eu vi ele pela primeira vez, me apaixonei por ele, e ele por mim. Começamos a sair com bastante frequência, ficamos por meses, e em agosto ele me pediu em namoro, não pensei duas vezes e aceitei. Uns quatro meses depois, ele começou a ficar com bastante ciúmes de mim. Mas eu achava normal, até porque ele sempre foi meio ciumento.

Completamos um ano de namoro e saímos para jantar. Coloquei um vestido que eu amava muito, mas ele falou:

- Pra que esse decote? Ninguém precisa ver seus peitos!

Eu achei estranho como ele falou comigo, mas fui, tirei o vestido e coloquei um mais fechado.

Chegando lá, foi tudo tão lindo, estava maravilhoso, mas novamente ele ficou com ciúmes do garçom! Bravo, ele pediu para uma mulher nos atender, e quando a moça chegou ele não parava de olhar para o corpo dela.

Fiquei incomodada e perguntei o porquê dele estar olhando assim para a moça, mas ele só riu e me chamou de louca. Fiquei muito brava com ele e pedi para ir embora. Ele, furioso, me puxou para perto dele. Eu, assustada, tirei o meu braço – fomos embora e ele ficou me pedindo desculpas – pois ele só tinha se alterado.

Perdoei-o. Ele comprou flores para mim e eu esqueci do que ocorreu. Passou um ano e ele nunca mais tinha encostado em mim. Comecei a trabalhar, mas ele não gostava que eu saísse sem ele. Um dia, quando ele foi me buscar no serviço, eu estava conversando com um colega. Quando ele nos viu, desceu do carro muito bravo e me deu um tapa na cara. Meu colega se meteu, mas ele deu um soco nele. Eu bati nele, mas também levei um soco e ele falou pra mim: - Entra no carro!

Com muito medo, eu entrei. Chegando em casa ele me bateu de novo, aí disse que eu queria me separar dele. Ele riu e falou que eu não ia deixar ele. Nisso minha vizinha ouviu meus gritos e foi lá ver o que tinha acontecido. Ele foi lá na porta e disse que não tinha acontecido nada, mas estava segurando minha boca.

Depois ele se desculpou, chorando, e falei que queria um tempo. Ele aceitou, de boas. Até estranhei. Depois disso fui passar um tempo com minha mãe. Se passaram meses e ele veio falar comigo, perguntando se a gente podia voltar. Ele estava diferente, mas eu ainda estava com medo de ficar sozinha com ele. Ele alegou que não podia ficar sem mim. Falei que ele não era mais o homem que eu conheci e fechei a porta. Ele ficou gritando que se ele não podia me ter, ninguém podia também. Comecei a chorar e falei para ele ir embora. Minha mãe chegou e disse que se ele não fosse embora, ela iria chamar a polícia. Bravo, ele se foi.

Seis meses depois, eu comecei a sair de casa de novo. Tinha até

esquecido dele. No Ano Novo, vi ele. Parecia mais calmo, passou reto por mim. Passei a me relacionar com outra pessoa. Eu estava namorando e ele ficou sabendo. Parece que todo aquele pesadelo voltou: perseguições, xingamentos, opressão.

Um dia, em junho, ele me seguiu mais uma vez. Me espancou na rua até eu sangrar. Consegui chegar no meu namorado, que foi atrás dele. Brigaram e meu namorado disse para ele me deixar em paz.

Até que chegou o dia. O dia da minha morte. Espancada até a morte pelo homem que um dia eu amei.

Nicolly Pires
Turma 84

## Sua escolha

Aborto é uma coisa que algumas mulheres, principalmente adolecentes meninas, fazem para interronper a gravidez e não terem o bebê. Algumas pessoas são a favor e outras não.

Em Porto Alegre, uma jovem de 18 anos chamada Luísa foi para uma festa e acabou conhecendo um rapaz e acabou acontecendo.... Após três semanas, começou a sentir enjoos e achou estranho, então foi ao médico, ele pediu alguns exames, se passaram duas semanas e o resultado ficou pronto. Ao pegá-lo, o médico disse à Luisa:

- Meus parabéns! Você está grávida!

Ela se assustou e falou:

- Não! Como assim?

O médico olhou para a cara dela com um olhar como quem diz "você sabe o que fez". Depois de ter saído do hospital, foi procurar o rapaz, o pai do bebê, e contou para ele. O rapaz ficou assustado e gritou:

- Sua loca! Como assim?

E ela falou:

- Eu não tenho toda a culpa! Afinal, não fui eu sozinha…

Assim que se acalmaram, decidiram abortar o bebê. E assim foi feito.

Em Porto Alegre também, uma menina de 16 anos chamada Alessandra descobriu que estava grávida e, no mesmo instante, lembrou da festa que foi e do que tinha acontecido. Ela não tinha o número nem foto do pai do bebê. Ela tinha como encontrá-lo, mas tinha certeza de que ele não iria querer assumir, então foi ao hospital para abortar o bebê pois tinha medo que seus pais colocassem ela para fora de casa.

Enquanto esperava ser atendida, veio uma moça chorando porque estava tentando engravidar e não conseguia. Então ela pensou bastante: mulher tentando engravidar e outras abortando. Então teve uma ideia: chamou a moça e disse que estava grávida mas não queria ter a criança, dizendo:

– Então, que tal eu ficar com a criança até os nove meses e, assim que ela nascer, você adotar? Assim poderá ter a família que sempre quis.

Se passaram os nove meses e no dia 3 de fevereiro de 2022 nasceram uma linda menina e um lindo menino. Após três dias eles foram entregues para seus novos pais, que deram os nomes Vitória e Vitor para o casal de gêmeos. Eram os nomes que eles sempre sonharam.

Leticia Lemos Fontana
Turma 84

## Muito prazer, Alex, homem trans

Oi! Deixe-me apresentar-me. Sou Alex, Alex Santos. Uma coisa que eu gostaria de ressaltar é que sou um homem trans entre muitos daqui de Porto Alegre.

Eu poderia dizer o quanto minha vida é sofrida e o tanto de transfobia que eu tenho passado nesses anos como trans assumido, mas eu só queria dizer que não. Eu quero contar mais sobre mim, sobre minha história, e sobre como me descobri trans... E o mais óbvio, como tudo isso acabou.

Enfim, que tal começarmos a história?

Desde os meus 16 anos (atualmente tenho 24) tenho notado que me sentia muito desconfortável com meu corpo, isto é algo comum entre os adolescentes de hoje em dia, mas o meu motivo estava um pouco longe disso. Muitas vezes me pegava olhando para os garotos, todos pensavam que poderia ser um crush incubado, mas eu apenas conseguia sentir inveja, inveja daqueles corpos perfeitos.

E hoje foi mais um dos dias que eu era flagrada encarando alguns garotos que estavam jogando futebol, enquanto eu olhava com os mesmo pensamentos de sempre, minha amiga (Lívia) me dá um tapinha no ombro, me fazendo desviar a atenção para a mesma.

– Qual é, cara, não é a primeira vez que você os encara desse jeito! Por quê não assume e me conta de quem você gosta? Eu sou sua melhor amiga, não é como se eu fosse te dedurar para o guri.

Ela riu de uma forma sarcástica e me olhou com um sorriso que dizia “me conte tudo”.

– Não invente coisas, Liv, eu apenas estou olhando o jogo dos garotos, há algo de errado nisso???

– Claro que não! Mas eu tenho certeza que não tem nada haver sobre o jogo, me conta a verdade (nome morto)!

Apenas dei uma risadinha e apenas mandei uma mensagem no whatsApp para ela.

– Prometo! Mas conta logo! De quem você gosta?
– A questão é que não estou gostando de ninguém, é outra coisa.
Ela espera eu continuar e me dá uma olhada curiosa.
– Liv, eu sou trans, já ouviu falar sobre?
– Não.
Ela manda a mensagem seguida de uma carinha confusa. Então eu explico a ela o que são pessoas trans e a partir disso ela foi procurando entender mais sobre para me apoiar.

Aos poucos pude me assumir para todos e fui feliz até o dia em que eu voltava de uma festa, eu estava andando de volta para casa, estava sozinho, eu sei que não é seguro, mas minha casa não era tão longe assim, então dispensei caronas, grave erro...

Enquanto eu andava, notei um carro vindo e indo. No início eu apenas ignorei, até começar a andar devagar perto de mim, neste momento comecei a me preocupar, me preocupar muito, olhava para trás e a cada olhada, mais perto estava.

Quando menos espero, saem dois caras do carro com pedaços de madeira em minha direção. Corro desesperadamente, mas não o suficiente, pois logo senti a dor de uma pancada e assim, tudo ficou preto...

No dia seguinte, pelas casas, era possível escutar o som da televisão, narrando a seguinte notícia:

"No dia 17 de setembro de 2020, Alex Santos, um jovem transsexual, é morto a pauladas na Lomba do Pinheiro por dois colegas de turma. Os argumentos dos garotos era que 'ela era uma aberração, não deveria continuar viva'".

E dizem que Porto Alegre é uma cidade progressista. Você concorda com isso?

Maria Eduarda Porto
Turma 84

## Máscaras

Bem, depois de um tempo eu consegui perceber que apenas um simples e pequeno objeto conseguiu salvar várias vidas. Sabe de qual objeto eu estou falando? Bem, estou falando da máscara. Sem dúvida esse simples acessório conseguiu salvar várias vidas no mundo inteiro, protegendo e salvando vidas do Brasil em estados, cidades e comunidades.

Claro que nem todos gostam de ter que usar máscara, se vacinar, se cuidar e tal. Eu mesmo não gosto tanto, porém, claro que eu sei que é importante se cuidar e se prevenir. Vale lembrar que esse vírus está acabando, e mesmo assim o uso de máscara ainda é obrigatório.

Continuando sobre o que eu estava dizendo sobre estados e cidades, uma delas é Porto Alegre, onde eu moro. Ela não foi a cidade

que teve mais a presença do vírus, mas vou dizer um pouco sobre. Eu não sei quantos casos tivemos aqui, mas sei que não foram poucos já que eu percebi que em vários lugares muitas pessoas não respeitavam o indicado para se prevenir.

Na Lomba do Pinheiro, por exemplo, tivemos muitos casos de pessoas que não quiseram usar máscara na rua, em transporte público e, claro, vários e vários casos de pessoas fazendo festa na pandemia, e sem o uso de máscara. Vale lembrar que isso não aconteceu só aqui, mas também em outros estados. Isso é algo bem chato e que fez com que o avanço do vírus se espalhasse com mais facilidade.

Daniel Gonçalves
Turma 85

## Pedro e o lixo

Há uma semana atrás, eu estava mascando um chiclete e acidentalmente ele caiu no chão da rua do meu bairro, um bairro simples, com vários chicletes no chão, não somente chicletes também lixos como: papel de bala, sacolas, vidro, garrafas pet, etc... Isso me fez pensar: será que em bairros mais "ricos" o lixo é tanto? Ou será que somente nos bairros da periferia que o lixo é abundante e não são limpos, como se não existissem aos olhos da sociedade?

Agora vamos falar de Pedro, um homem de 23 anos, talentoso e com sonhos para a vida.

Mas esses sonhos foram interrompidos devido ao fato de que Pedro teve filhos na adolescência e acabou tendo que sustentar a família catando lixo. Acorda todos os dias às 6 horas da manhã para catar latinhas e lixo em geral. Ele passa em todo tipo de bairro, sendo rico ou pobre, e o peso do seu carrinho pode chegar a 300 quilos. Mas ele não desiste de um dia ter um futuro melhor para ele e seus filhos. Chega à noite, ele vende o que coletou, dorme, e recomeça o dia novamente.

Essa não é só a realidade do Pedro, é a realidade de milhares de brasileiros, que lutam todos os dias para sustentar a sua família. Nenhum deles vai desistir de um futuro melhor e sonham em um dia dar do bom e do melhor a seus familiares.

Murilo Prestes
Turma 85

## Vida de estudante

Eu acordei no maior susto com a minha mãe gritando para eu acordar e levar as minhas irmãs para a aula. Acordei com o menor ânimo possível, porque, pensa bem, quem gosta de acordar cedo?

Enquanto levo as minhas irmãs, eu olho para o mercado que fica no caminho da escola. As “promoções” pareciam mais aumento de preço. Cheguei em casa sabendo que agora poderia tomar café, preparei uma torrada e fui colocar as peças novas no meu *notebook*. Depois fui me arrumar para a aula. No meio do caminho da escola encontrei os meus amigos e fomos conversar, cheguei na escola e fui para a aula. Que dia corrido, não? Isso é uma vida de estudante.

Durante o meu dia percebi que eu tinha sorte de ter alimento e de ter uma cama. Quantas pessoas não têm o que comer e nem onde dormir?

A nossa sociedade está se decompondo.

Agradeço a Deus por me cuidar!

André Duarte
Turma 85

## O gelo na vida

O sorvete é bom, né? O gelo, a refrescância! Ótimo para dias quentes, vários sabores. Mas, independente do calor, se você der uma mordida em um sorvete você terá aquela sensação de cérebro congelado. E mesmo no frio tem pessoas que tomam sorvete, e se você já fez isso sabe que é horrível, seu corpo gela por dentro e por fora. Mas logo passa, mas… se não acabasse, e se continuasse e não parasse de jeito nenhum? A dor aumenta, piora e cada vez mais seu corpo chegando a ficar meio imóvel e morrendo. Seria morrer congelado, como se você virasse um sorvete humano.

Nesse calor, e ter que trabalhar, estudar ou que for, quando tiver vontade de tomar sorvete lembre-se desta crônica, falando sobre o gelo em relação à Porto Alegre e seu calor que nos dá uma necessidade de se refrescar.

Lucas Trindade dos Passos
Turma 85

## Correnteza

Durante toda a minha vida, ouvi dizer que nós temos o *dever* de correr atrás dos nossos sonhos. Minha mãe, a Dona Ju, sempre me

incentivou a batalhar, trabalhar e estudar, para, assim, conseguir realizar o meu maior sonho: publicar um livro e me tornar uma escritora famosa, conhecida internacionalmente.

Toda vez que falo sobre esse sonho para alguém, ouço a mesma resposta: isso é bobagem, guria! Vai arrumar um emprego digno e esquece essas maluquices!

Quando reparei que as mesmas pessoas que falavam para eu seguir o meu sonho também diziam que eu deveria desistir dele, parei de escutar comentários que não fossem positivos, porque percebi que eles não fazem o menor sentido e as pessoas nunca pensam antes de comentá-los.

Passei por um longo processo para aceitar isso, mas finalmente decidi que meu sonho é ser uma escritora reconhecida e eu vou continuar fazendo de tudo para torná-lo realidade, mesmo que as pessoas digam que não tenho futuro e que vou morrer de fome se seguir essa carreira.

Mesmo que eu tenha certeza do que quero fazer da vida e esteja completamente focada nisso, também sei que as coisas nunca são fáceis para nós, pessoas que não nascem em berços de ouro.

Assim que eu terminei de escrever o meu primeiro livro, me apressei para enviá-lo para todas as editoras que conhecia. Óbvio que o resultado foi um **NÃO** escrito em negrito e com letra maiúscula. Falaram que a minha história não era boa o suficiente, e que eu era jovem demais para entender sobre escrita. Mesmo assim, eu não desisti.

Faz aproximadamente cinco anos que a minha vida se resume à mesma coisa: trabalhar como gerente de caixa no supermercado, chegar em casa exausta, ajudar minha mãe com a limpeza do nosso lugarzinho e tentar tirar tempo de onde não tem para escrever mais e mais livros.

Isso estava começando a me desanimar. Contudo, a notícia que faria minhas esperanças se multiplicarem chegou há uma semana.

Eu havia enviado meu último rascunho para uma editora nova no mercado, chamada Seguinte, mesmo que, na minha cabeça, não existisse nenhuma possibilidade de retorno por parte da editora. Essa falta de confiança não existia antes, mas surgiu depois de tantos *nãos* que já recebi na minha curta e triste vida. Bem, vamos ao ponto: No final, eu percebi que estava *muuuuuuuito* enganada.

A editora me enviou um e-mail dizendo que gostaria de conversar comigo pessoalmente, para, talvez, fecharmos um contrato. *Um. Contrato*. Com uma editora de verdade! Nem preciso dizer o quão feliz, animada e ansiosa eu fiquei quando li o e-mail. A minha mãe e os meus vizinhos comprovam isso.

Mal posso esperar! Parece que uma linda e brilhante flor nasceu no jardim da minha vida, iluminando e trazendo beleza ao lugar que antes estava morto e apagado. Aquela florzinha desabrochava mais e mais a cada dia, me enchendo de esperança e felicidade. Talvez o meu sonho finalmente fosse realizado! Talvez tudo que fiz até agora não tenha sido em vão.

Bem, agora, depois de dias de ansiedade e espera, estou me

arrumando para ir à reunião com a representante da editora. Minha amiga, Clara, me emprestou o seu melhor vestido, e eu peguei o meu mais novo par de sapatos. O tom branco dos tênis contrastava muito bem com o vestido azul claro, que, inesperadamente, coube direitinho no meu corpo.

Enquanto olho para o meu reflexo no espelho, um filme passa pela minha cabeça. De repente, me vejo de volta aos meus quinze anos, no Ensino Fundamental, quando eu lutava contra o meu próprio corpo como se ele fosse o meu maior inimigo.

Cresci escutando as pessoas ao meu redor falando sobre o *meu* corpo. Eu odiava o fato de que elas estavam mais preocupadas com quantos quilos eu engordei do que com seus filhos e o tipo de coisas que eles faziam fora de casa – que, eu garanto, não eram coisas que davam orgulho aos pais.

Óbvio que aguentar comentários sobre o meu peso – principalmente na adolescência – não me trouxe muitas coisas boas, muito menos *autoestima*. Fiz várias dietas malucas, tomei diversos remédios e tentei fazer de tudo para me encaixar nesse padrão que a sociedade criou, onde só corpos magros são atraentes e bonitos. Ah, mas também não podia ser magro demais, porque daí você seria uma "vara pau!"

Só aceitei o meu corpo quando me tornei adulta. Hoje, apesar de algumas inseguranças, consigo entender que todos os corpos são bonitos e eu não preciso vestir 36 para ser amada por alguém – principalmente por mim mesma.

Ver outras meninas sofrendo por causa do seu peso, do tipo de cabelo ou da cor de pele sempre me deixou estressada e furiosa. Isso me faz ter ainda mais vontade de gritar, por meio dos meus livros, que essas coisas são erradas e devem parar.

Eu respiro fundo, tranco a porta e saio de casa sem olhar para trás.

Não sei como chego na estação de ônibus. Minha inquietação era tanta que nem consegui desfrutar do caminho, como normalmente faço.

Quase solto um grito quando vejo o preço da tarifa do ônibus. Com o dinheiro que trouxe, só vou conseguir pagar a viagem de ida e volta, e isso significa que não terá almoço para mim hoje. Me arrependi amargamente de não ter comido a macarronada apimentada que Clara deixou para mim.

Enquanto o ônibus me leva até o centro de Porto Alegre, penso em como gosto de viver na Lomba do Pinheiro. Caso me perguntassem se eu viveria em outro lugar, com certeza responderia que não. Talvez fosse porque todos os meus parentes morassem lá, ou talvez fosse por causa das amizades incríveis que fiz com os moradores, mas, seja por um motivo ou outro, eu não trocaria a Lomba por nada.

Era uma alegria para mim sair na rua e encontrar as crianças brincando na rua, o seu Zé, da vendinha da esquina, lendo o jornal enquanto sua meia dúzia de gatos ronronam ao seu redor, o Morcego, um cara baixo e magrinho, que corria sua maratona diária, e até mesmo o seu Rômulo, que adorava cuidar da vida dos outros pela janela do seu quarto.

Bem, apesar de todas as coisas boas, morar na Lomba também tem

as suas desvantagens, claro.

A coisa que mais me estressa é ver o jeito que o bairro está, ver a negligência da Prefeitura com esse lugar tão bonito que é Lomba. As pracinhas, por exemplo, estão depredadas, abandonadas, cheias de mato e com brinquedos perigosos para quem quer que for lá. Isso me deixa triste e brava ao mesmo tempo. As obras que nunca foram finalizadas, os esgotos que pareciam cascatas correndo rua abaixo... Ah, são tantas coisas para reclamar.

Eu abaixo a cabeça assim que me sento no assento do ônibus e espero chegar até o Centro.

Quando avisto o grande e alto prédio, meu coração bateu mais forte. Estou tão perto...

As portas se abrem para mim. Entro no prédio e caminho até o elevador. Assim que estou dentro daquela grande caixa de metal, vejo que há outro homem ali. Ele fala no telefone com alguém enquanto anda para lá e para cá, me deixando espremida em um cantinho.

Sem querer, ouço um pedaço da conversa.

– Papai, todos os meus amigos ficaram falando que eu já sou uma menina grande e não preciso que o senhor me traga até a escola! – berrou a voz fininha. – Da próxima vez, papai, deixa o carro na esquina e eu entro sozinha!

As portas do elevador abrem novamente. Saio de lá o mais rápido possível, pensando no que acabei de ouvir. Enquanto ela reclamava com o pai, dizendo que os amiguinhos tiraram sarro dela porque ele estacionou o carro perto da escola, eu deixava de almoçar porque não tinha dinheiro para comprar comida. Gastei tudo que tinha nas passagens de ônibus e passaria fome durante o resto do dia.

Eu caminho rapidamente até a sala da Márcia Mendes, a mulher que me respondeu por e-mail, ao mesmo tempo em que tento arrancar a voz daquela menininha da minha cabeça.

Assim que encontro a plaquinha com o nome da Márcia, bato na porta e, em seguida, escuto um "entre" lá de dentro.

– Bom dia – digo, tentando controlar meu tom de voz para não revelar o meu estado de ansiedade.

– Bom dia, querida – responde ela.

Márcia tem a pele tão branca que parece papel. Seus cabelos são longos e loiros, e seus olhos são azuis como o céu em um dia de verão.

Ela continuou:

– Bem, senhorita Rafaela... olha, seu trabalho é muito bom, mas nós resolvemos fechar contrato com outra pessoa.

Ouço um barulho nas minhas costas. Quando me viro, vejo o homem do elevador parado ali. Ele veste um terno que parece ter custado dois meses do meu salário no supermercado. Sua pele é branca, seus olhos são azuis e ele sorri de um modo estranho, como se fosse o dono do mundo.

Finalmente, minha ficha caiu. Perdi novamente e, como sempre,

para um *homem*. Minhas esperanças morrem de novo, e eu acho que elas vão demorar muito para voltar à vida.

Uma vez, minha avó me disse algo que nunca mais saiu da minha cabeça. Ela falou, entre tosses, pois estava doente naquela época: *continue a nadar, minha querida.*

Continuar a nadar. Foi isso que eu fiz durante toda a minha vida, e era isso que eu continuaria fazendo, apesar de estar muito cansada. Continuar nadando, mesmo que a correnteza não esteja ao meu favor.

Essa tem sido a minha vida, afinal. Chegar em casa morta de cansaço e escrever até que meus olhos se rendessem à exaustão e não se mantivessem mais abertos. Os poucos momentos de lazer com minha família e os meus amigos era o que me dava força para continuar, como se fosse meu combustível.

A grande onda do mar me derrubava outra vez.

Sempre era assim, nadar contra a correnteza, em um mar revolto, cheio de animais perigosos por perto.

Apesar de tudo, a esperança de chegar até aquela ilha distante que eu idealizava ainda não estava completamente morta.

Eu continuaria a nadar, talvez para sempre, sim, mas continuaria.

Foi isso que minha avó me ensinou.

Brenda Budtinger Viana
Turma 85

# A Ucrânia no sofá da sala

Eu estava no sofá da sala, mais ou menos meia noite, vendo TV. Aí eu vi o que estava acontecendo na Ucrânia: tantos jovens morrendo por motivos bestas. E eu parava e pensava: depois da morte, para onde eles vão?

Qual o sentido das nossas vidas? Qual nosso objetivo?

Quem criou a humanidade? Quem foram as primeiras pessoas a andar na Terra?

E se nós criamos nossas próprias culturas para saciar as próprias ambições? Só com um motivo para nos satisfazer?

Por que a vida é uma condução de energia que busca mais energia? Potência em busca de potência e um intervalo de tempo em que uma energia dura com alguma consciência?

Penso que acredito ser alguma coisa! Mas, se for para resumir, a vida é dor, é sofrimento. E queria que tudo isso fosse apenas uma ilusão.

João Pedro Feijó Maiatto de Souza
Turma 85

# O grampeador e a crônica feminista

É curioso observar como aqui se procede em relação aos problemas das relações sociais. Questões que interessam aos altos destinos, não só da nação, mas da própria humanidade. A sociedade não resolve as coisas que realmente são importantes, tipo o machismo.

É comum as pessoas acharem que as mulheres são indefesas e dependentes e os homens independentes e capacitados a fazer trabalhos que não são para mulheres, por eles acharem que todas as mulheres são sensíveis. E a própria sociedade impõe padrões de beleza, dizendo que garotas acima do peso são feias e gordas. A sociedade mudou, mas não para melhor, porque antes o padrão de beleza era ser gordinha e hoje em dia é ser magra. As pessoas não entendem que o que importa é a saúde, não o padrão. Mulheres que não seguem o padrão, seja de corpo ou de roupa, são encaixadas na sociedade como feias e estranhas.

A sociedade prende as mulheres nesse padrão, tipo o de ter cintura fina e muitas delas acabam usando o modelador de cintura, que é um cinto que faz a cintura afinar. E tem mulheres que vão ao extremo, usam essa cinta apertada ou por tempo demais e acabam afinando muito a cintura e quando você usa demais essa cinta empurra muito os órgãos e acaba causando problemas de saúde, tudo por causa desse padrão.

Em Porto Alegre existe muito machismo: homens matando mulheres por elas não quererem mais eles, homens agredindo mulheres dentro da própria casa e elas ficam lá, no cativeiro, uma prisão que elas tentam sair, mas são ameaçadas e no fim acabam mortas.

As mulheres são muito presas aos padrões que são aplicados a elas, são oprimidas e presas, tipo um grampeador.

Anne Camile Dias da Silva
Turma 85

# Dias de luto e dias de glória

Desde quando me lembro, na Lomba sempre teve motivos de briga por falta de água, falta de luz ou encanamentos quebrados. Sempre que se quebra algo demora cerca de dois dias para voltar a luz ou a água. Geralmente não atrapalha muito, estou no Colégio ou algo do tipo. Costuma me atrapalhar mais nos sábados e nos domingos, quando estou em casa. Fico me perguntando: como ficam as pessoas que precisam de água e luz para seus trabalhos?

A minha rua foi asfaltada de tanto pedirmos para a Prefeitura, então devemos persistir e lutar para conseguirmos nossos direitos como cidadãos, mas para isso acontecer precisamos do povo unido e isso só

acontece se nós batalharmos. Essa revolta do povo sempre acontece, ela sempre esteve presente na sociedade e é uma pena que foi ouvida tão poucas vezes ao longo de todos esses anos. Sempre tentaram esconder esses tipos de revoltas, o governo, não é? O que mais me deixa revoltado é porque eles fazem de tudo para que o público não saiba e ficam com medo de revelarem tudo que eles escondem.

Matheus Moretti
Turma 91

## POA a partir da Lomba, na visão de uma mãe

Poderia começar a falar das desigualdades e como a vida do morador de periferia é sofrida, mas ninguém quer ouvir sobre isso, ninguém quer encarar isso, só quem passa por isso sabe, quem pega o ônibus lotado no centro todo dia pensando: como cabe tanta gente em um espaço tão pequeno? Será que o mercado ainda está aberto? Eu tenho dinheiro para passar lá? Preciso comprar ovo, leite e pão.

Todo dia desço na frente do Zanella e sempre me impressiono com o valor dos alimentos. Nunca consigo decorar o valor fixo de qualquer coisa, pois sempre muda, nem que sejam centavos.

É como diz aquela frase popular que a minha mãe repetia e eu nunca entendi: "cada centavo conta". Nunca entendi o verdadeiro significado dessa frase, sempre achei que fosse uma desculpa para não comprar o salgadinho *de marca* no mercado ou comprar roupa nova todo ano. Agora que sou mãe, entendo na pele... não só entendo como também sinto a dor de ter que dizer não para algum pedido ingênuo da minha filha, que para as mães que moram na Bela Vista, loiras, formadas na UFRGS, que nem se quer sabem da existência de um ônibus, conseguem facilmente realizar, ou melhor, pagar alguém para fazer.

E é aí que o morador da Lomba do Pinheiro entra, como o pedreiro que vai construir a piscina para alguma Sophia ou Maria Eduarda poder usar na aula de natação, ou como o eletricista que vai configurar a nova televisão da brinquedoteca das crianças de algum cara importante.

Depois de passar pelo Zanella, acelero o passo para poder chegar em casa com minha bolsa e dignidade intactas. Para quem vê de fora pode até achar a situação engraçada, nessa escuridão correndo sozinha a noite, fugindo de algo que nem aconteceu. É óbvio que em todo lugar há crimes, mas aqui na Lomba nós não fugimos só do ato, mas sim do medo de ser algum primo, vizinho, ex-colega de escola ou até um amigo próximo, que já tenha desistido de lutar contra o sistema e só tenha aceitado fazer parte do tabu de que todo favelado é ladrão.

É, alguns correm toda manhã no Gasômetro. Nós, moradores da periferia, corremos todo santo dia contra as tentações de ter uma vida mais fácil agora que pode nos custar um preço muito alto no futuro. Depois de passar pela minha luta semanal, chegar em casa e não ter água ou luz já virou rotina, uma rotina que os moradores de bairros chiques com asfalto sem nenhum desenho ou amarelinha feitos por uma pedra, postes de luz sem nenhum sapato pendurado, com calçadas alinhadas nunca quebradas, dificilmente vão passar.

Às vezes paro para pensar como nossas vidas são parecidas com as dos livros de príncipes e castelos que leio toda noite para minha filha, só que, ao invés de castelos, temos casas improvisadas para caber o máximo de pessoas dentro, e no lugar dos príncipes, os políticos, que fazem novas praças, lugares bonitos e turísticos que dariam uma bela cena em um comercial, mas na hora de melhorar a qualidade dos Bonsucesso se transformam em sapos.

Essa é a nossa triste realidade ou melhor, essa é a nossa grande diferença do que é realidade, mas do que adianta reclamar? Amanhã vou ter que acordar e passar por tudo de novo.

Jullia Justo Bueno
Turma 91

## Humanidade

Eu sou uma mulher jovem de 14 anos, moro na Lomba do Pinheiro, na parada 16 na vila Bonsucesso. Quando eu era menorzinha, o meu mundo era totalmente diferente de como a realidade realmente é: para mim tudo era um conto de magia, pois em minha mente não existia violência, racismo, homofobia, assédio, machismo e pessoas com mentes maldosas. Porém o tempo passa muito rápido e o meu mundo, que era cheio de expectativas, foi sumindo com o tempo e a realidade foi aparecendo.

Eu usava roupas nas quais eu me sentia confortável, até quando os pedófilos que não podem ver uma mulher ou um garoto e já vem com uns olhares maliciosos. É como dizer que estão te assediando, ou como se tivessem tocando nas partes íntimas onde não deve tocar. E isso incomoda sim a nós, principalmente as mulheres, e quando falamos para alguém que um homem nos assedia, as primeiras coisas que ouvimos seriam “mas também, olha as roupas que você usa” ou “mas se você tivesse usado roupas compridas, não teria sofrido um assédio’ ou até mesmo, “mas com essas roupas que tu usa realmente tava pedindo para ser assediada”.

Entendam que roupa ou sem roupa não é um convite para ser assediada! Mesmo que estivesse usando uma roupa comprida, tapando meu corpo todo, seríamos assediadas da mesma forma. E outra: roupa não define nada nem o que você é.

Como sempre, nós mulheres temos sido desprezadas e desrespeitadas. Supondo que um homem teve uma atitude igual à que uma mulher teve, quem será aplaudido pela sua linda atitude? Pois é, o homem será o mais aplaudido,

As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens, pois elas que parem os homens, deixam de comer um prato de comida para dar ao seu filho. Nós mulheres sofremos o dobro do que um homem, vocês nascem dentro de uma MULHER guerreira e, claro, tem algumas mulheres que são sem caráter, porém elas aprendem com o tempo.

Infelizmente esses tipos de violência, machismo, assédio, estupros etc., não acontecem só na Lomba do Pinheiro e sim acontecem pelo mundo todo.

Heloisa Monique Silva do Nascimento
Turma 91

## Além de uma questão

Parando um pouco e refletindo sobre Porto Alegre, nunca parei para pensar a respeito do lugar onde nasci, ou melhor, moro até hoje. 14 anos aqui, andando e indo para um canto e outro, jamais percebi os mínimos detalhes desta cidade, deste bairro e desta rua.

E você? Já chegou a parar um pouco e pensar sobre onde mora? Eu espero que sim, pois eu não! Mas agora nesta folha e com esse lápis, que irei contar e refletir sobre essa cidade, até mesmo esse bairro onde aqui estou, onde aqui vivo.

Lomba do Pinheiro, já ouviu falar? Já conhece? Ou mora aqui? Talvez seja mais conhecida por ser em algum canto de Porto Alegre, ou até mesmo pelo ônibus Bonsucesso, essa parte dá para deixar fora do roteiro. O que sei responder é que, sim, o Pinheiro pode ser chamado de um bairro desmerecido, por ser em uma periferia, por ter bastante pessoas com baixa renda. Se fosse um bairro com gente rica, com pessoas de renda poderosa, vamos ter certeza que ia ser mais importante e mais chamativo aos olhos da sociedade. E isso é apenas um exemplo, porque muitos lugares não são assim, nem todo mundo consegue um emprego com uma grana estável, nem todo mundo consegue pagar uma faculdade para ser advogado, ou médico, entre outros, e por não ser todo mundo, daí que vem esse desprezo na história.

Mas não pense que por a Lomba ser desmerecida não é um bairro com qualidades, ok, tirando que tem pontos de tráfico ou droga, lixo pra lá, lixo pra cá, o respeito que muitas vezes parece que não existe, mas isso não tem só na Lomba, certo? Muitos outros bairros estão na mesma situação, também é vívido isso, pra pior até.

Muitas vezes só olhamos os lados negativos das coisas, não é mesmo? Acho que até você concorda comigo numa situação como essa! Parando para refletir sobre as qualidades do Pinheiro, bem, você pode me achar um pouco louca, mas a qualidade dele é que tem bastante árvores!

Pois é, talvez você não esperasse por essa. Em alguns instantes tu até vê que o bairro tem uns cantos agradáveis… Outra parte é que na Lomba o que mais há são pessoas iguais a você, umas mais preguiçosas e outras que ralam muito para conquistar o que querem, que levantam as 5:00 da manhã para ver se conseguem pegar seu ônibus mais vazio, ir à luta para dar o pão de cada dia a seus filhos.

Esse texto foi sim, sobre a Lomba, mas também mostrar a diferença, que de um lugar ''ruim'' pode haver um lar bom e, principalmente, com pessoas boas!

Gabriela Padilha dos Santos
Turma 91

# O assédio na Lomba

Um dia eu estava indo para a Escola Saint Hilaire quando um senhor ficou me olhando com um olhar de maldade. Um olhar muito desrespeitoso que me deixou muito desconfortável.

O pior é que isso não acontece só com uma mulher e sim com todas. E o que mais me dá nojo é que as pessoas romantizam isso e colocam sempre a culpa em nós mulheres, com a desculpa de que ficamos mostrando partes do nosso corpo, e que depois não queremos ser "assediadas".

Isso é muito errado! Nós mulheres temos o direito de usar as roupas que queremos e não é porque uma mulher está com uma parte do corpo à mostra que um homem tem que olhar.

Outra situação que também existe é que tem certas escolas que proíbem as meninas de usar *cropped*, calças rasgadas e bermudas, pois falam que estamos provocando os meninos. Acho isso uma puta injustiça, pois assim a escola ensina como uma mulher deve se vestir ao invés de ensinar um homem a se comportar.

Temos vários casos de muitas mulheres que sofrem assédio, e são maltratadas por seus namorados, maridos, padrastos ou até mesmo seu próprio pai. Vejo muitas mães vendo suas filhas ou filhos sofrerem e mesmo assim não fazem nada ou até participam dessa crueldade.

Fabiula Barbosa
Turma 91

## Sou quase uma turista por aqui

O Pinheiro não é bem um lugar perto das coisas ou melhor, lugares. Afinal, antes o Pinheiro não era de Porto Alegre, mas de Viamão. Que louco, né? Eu não faço ideia do porquê mudou.

Acho que todo mundo que mora aqui também sabe ou vai aprender a andar de ônibus, por ser bem longe de tudo. Por experiência própria não é exatamente agradável andar de ônibus, principalmente em horário de pico. Mas se você é diferente de mim provavelmente conhece lugares do Pinheiro muito melhor que eu. Isso porque não gosto muito de sair de casa. Quando saio pareço uma turista conhecendo algum lugar.

Sempre fui bem curiosa, então toda vez que me falavam eu sentia vontade de conhecer o bairro. A mesma coisa de quando descobri que existem quilombos e comunidades indígenas aqui, sinceramente fiquei bem chocada. Ou quando falaram do campo de futebol atrás da escola. Mas a preguiça sempre vence.

Mesmo eu não sendo essa pessoa que tem costume de sair para passear, pelos lugares, tenho amigos que vivem saindo e visitando lugares no bairro e principalmente o centro da cidade, já que não tem muito o que fazer dentro do bairro. Costumam ir em parques, museus, estádios, praças e outros, mas na maioria das vezes no Gasômetro.

Então não me pergunte de como é Porto Alegre, porque afinal sou quase uma turista por aqui.

Eduarda Dias
Turma 91

## Um dia no Gasômetro

24/04/2022. Me acordo às 09:57 da manhã num domingo na casa da minha amiga Laysla. Olho meu celular e vejo mensagens de amigos nossos nos convidando para ir ao Gasômetro, lugar em que costumam ir muitos jovens. Na maioria das vezes aos domingos. O Gasômetro se localiza às margens do lago Guaíba em Porto Alegre. Às 10:30, por aí, eu e minha amiga Laysla fomos ao mercado para comprar coisas para tomar café. Depois do café subimos para o quarto dela, deitamos na cama e ficamos mexendo no celular, esperando a hora passar. Mais ou menos 12:20, por aí, almoçamos e fomos ver as roupas que iríamos usar para ir ao Gasômetro. Minha amiga foi tomar banho e enquanto isso eu pesquisei o horário do Bonsucesso para saber a hora que teríamos que ir para a parada. Depois eu já fui tomar o meu e uns 15 minutos depois fui para o quarto dela me arrumar. Colocamos as roupas que tínhamos escolhido e nos maquiamos. Era umas 16:00 quando fomos para a parada esperar o ônibus. Às 16:16 pegamos o Bonsucesso que nos levaria para o Gasômetro. Passamos pelo Partenon, Shopping João Pessoa, colégios da região e pelo túnel. Eu sempre gostei

muito do túnel, passava por lá quando era pequena com minha bisavó e amava, achava muito legal, e acho até hoje. Eu e minha amiga fizemos muitos vídeos e fotos passando pelo túnel e estávamos muito ansiosas para chegar ao Gasômetro.

Chegamos ao Gasômetro e lá fizemos muitas amizades novas. Estava lotado de jovens e adultos de quase todos os bairros de Porto Alegre e de muitas outras cidades. Ficamos a tarde toda lá, nos divertimos muito, bebemos, afinal também faz parte da juventude, né?

Às 23:40 chamamos um *Uber* e quando ele chegou nos despedimos dos nossos amigos e voltamos para casa. Eu nunca vou esquecer esse dia! Eu e minha amiga fizemos amizades maravilhosas! E não vejo a hora de voltar e rever todos.

Agora eu faço uma pergunta: Por que é tão difícil para os jovens das periferias chegarem ao centro da cidade? Por que nós jovens só temos "um lugar para ir na cidade"? E esse lugar precisa ficar a duas horas dentro de um ônibus, às vezes nem temos R$ 4,80 para a passagem. E isso deveria mudar!

Kamilla Menezes
Turma 91

## Os erros do mundo

Eu nasci e moro na Lomba do Pinheiro, que é um belo e reconfortante lugar, onde há pessoas maravilhosas. Esses dias mesmo eu me permiti olhar mais o meu lar, um lugar onde há várias árvores e aqui perto muitas lombas, há vários tipos de animais e lojas. Há várias pracinhas, mas poucas crianças brincando.... Talvez seja pelos crimes e perigos nas ruas. E nisso paro para pensar como o mundo tem falhas, tipo, pessoas que deviam estar trabalhando estão vendendo drogas e fumando, e muitas das vezes estão onde era para estar famílias. Muitas pessoas passam a evitar de ir nas pracinhas, isso é inacreditável, mas é o mundo onde vivemos, infelizmente.

As ruas da Lomba do Pinheiro são lindas se tu olhar certo, olhar para a natureza, pode sentir o vento, observar as pessoas e ver como são bobas, sensíveis, fortes e felizes mesmo com pouco. Há pessoas que se permitem ser felizes mesmo com tanta maldade nesse mundo, e é tão fácil ficar triste, pois há tanta tristeza por aí.

Eu jamais iria querer ver um adulto olhando para uma criança com maldade, mas acontece, e não poucas vezes. As ruas da Lomba do Pinheiro têm um lado sombrio, como estupros, assassinatos, venda de drogas, abuso sexual e verbal, machismo e várias outras coisas, por isso eu falo que temos que mudar o mundo! Não está certo e essas coisas horríveis tem que parar.

O mundo está muito perdido e não é só aqui, é em vários lugares do mundo, e há pessoas que continuam a se fazer de cegas e fingir que está

tudo perfeito, sendo que não está nada bem, além de várias coisas que eu falei.

A gente não está acabando com nós mesmos, mas também com o mundo. Se tu olhar para a Lomba do Pinheiro em dias de chuva tu te depara com tudo alagado, a água da chuva leva todo o lixo para os bueiros alagando algumas ruas. Na verdade, não ajudamos nem um pouco o mundo e nem nós mesmos, e eu tenho certeza que nada disso só acontece aqui. Se liguem um pouco!

Em Porto Alegre há crimes em tudo, envolvendo muita violência. Ela precisa de ajuda e nós temos que dar o primeiro passo, porque, se não, o que vai sobrar dela? Só crimes e maldades. E já estamos bem perto disso.

Porto Alegre está lutando tanto, com tudo!

Temos que corrigir os erros do mundo! Precisamos mudar e melhorar Porto Alegre.

Nathalia Dias Caminha
Turma 91

## Minha Visão

Meu dia começa comigo acordando e vendo a hora. Eu sou muito ansioso, então estou sempre vendo a hora, logo depois disso eu levanto e vou tomar café. Às vezes eu acordo tarde e acabo não almoçando. Eu tomo um longo banho, logo depois almoço e me arrumo para ir à escola.

Quando estou a caminho da escola eu vejo várias pessoas olhando pra quem passa com medo ou desgosto, várias mesmo, não sei se olham assim pelo jeito das pessoas ou por algum outro motivo. Até mesmo para mim.

Depois da aula chego em casa querendo tomar um banho, mas constantemente falta água e demora muito para voltar, sem contar as faltas de luz quando chove e as ruas alagadas que parecem o rio Guaíba.

Porto Alegre é uma cidade muito prejudicada, também acho que ela já foi pior do que hoje em dia, porque antigamente era todo dia faltando água e luz. Esses problemas demoravam muito para serem resolvidos. Às vezes faltava às 10:00 e só voltava às 22:30, a luz também demorava, mas não tanto, cerca de umas seis horas, isso sem falar nos alagamentos que às vezes demoravam cerca de dois a três dias para passar, ninguém podia comprar nem pão de tanta água.

Eu acho que a nossa cidade nunca irá ser melhorada e nem mudada, pois ela é assim desde sempre, o prefeito não liga para nossa cidade e não faz nada a respeito dos problemas que passamos no dia a dia.

Matheus Soares
Turma 91

# Desprivilégio na comunidade

Às vezes as menores coisas fazem a gente refletir, sabe? Ou até mesmo grandes acontecimentos te fazem ter uma visão crítica sobre aquilo.

Sou uma mulher moradora da periferia da Lomba do Pinheiro, mas não estou aqui para me vitimizar com uma historinha fútil e dizer como minha vida é difícil. Eu nasci e cresci aqui, vendo de tudo acontecer, tiroteios, pessoas vendendo droga nas esquinas. Já vi até conhecidos morrerem por se envolver com coisas erradas, já vi muita menina nova largar os estudos porque engravidou cedo. E assim como eu já vi os meninos que brincavam comigo quando eu era criança, também vi entrarem para vida do crime. Já vi muitos jovens largarem os estudos para trabalhar porque tinham que ajudar em casa, e isso não é nem metade do que eu já presenciei.

E eu fico pensando sobre isso... Quem mora na periferia desde novo convive com esse tipo de coisa, enquanto os filhinhos de papai que muitas vezes nos humilham por morar na comunidade, nunca vão saber o sufoco que é acordar todo dia cedo, contas as moedinhas para passagem e pegar o ônibus lotado na frente do Zanella, descer no centro e ver as pessoas tentando ganhar seu dinheiro de todas as formas possíveis, ou quando receber não poder gastar porque tem que guardar para pagar as contas.

Eu moro na parada 15 da Lomba do Pinheiro, especificamente em uma ''VILA'' como muitos dizem, e eu acho um absurdo em época de eleição os candidatos a Prefeito entrando nas vilas e *pagando de humilde* com a historinha de sempre de que ''vão fazer a diferença''. Aqui onde eu moro, na parada 15, esses candidatos fizeram milhares de promessas e depois de eleitos não cumpriram. Várias comunidades da Lomba precisando de suporte e recursos, e cadê aquele prefeito que disse que iria fazer a ''diferença'? Aquele que disse que iria acabar com as faltas de luz e água frequentes na comunidade? Foram apenas promessas vazias até eles conseguirem o que queriam. Enquanto zona de gente rica que tem de tudo, além do recurso necessário tiveram as promessas cumpridas. Eu não consigo entender porque ainda acreditamos nesse governo.

Existem muitas pessoas que dizem que entendem o que o morador da periferia passa, mas a verdade é que quem não mora na periferia nunca vai sentir na pele o sufoco, o desprivilégio, a desigualdade e o medo de não saber se vamos voltar para casa ou seremos agredidos, até mesmo mortos por sermos periféricos, por ser negro, ou por ser mulher.

Eu disse que não iria me vitimizar, e não fiz. Isso não é vitimismo, é a realidade da periferia da Lomba do Pinheiro e de muitas outras.

Ketellem Gomes
Turma 91

## O despertador da consciência

22  março de 2022. Terça-feira. Escuto o alarme do meu celular tocar *hellow moto*. Levanto cansado da noite mal dormida por causa dos latidos dos cachorros, gatos brigando. Então, é um resumo do início de um dia na minha quebrada. Mas, bora...então levantei, escovei os dentes. Dei um pé no portão para ver o movimento. Mas é isso, agora é esperar a coroa arrumar a comida do ´´Zeus´´, meu cachorro, para depois chegar botando uma pressão ''arruma minha roupa rapidão". E entro no banho, boto um cremizinho no cabelo, por que nois é cheroso. Daí tá 12h30. Tchau mãe, vou partir para o colégio. Daí fui... Vamos mais cedo, com os guris, para dar umas olhadinhas nas guria. Mas calma aí João, tu namora, ta in. Bateu o sinal, bora pra sala, ''que nada vamo ver o que tem de comida e depois nois soltamo'' disse um parceiro.  Mas só que às vezes minha cabeça fica a milhão... às vezes, porque depois da escola eu penso o que eu vou comer? O que eu vou beber? Será que o pai vai trazer dinheiro para mistura? Será que vou no bar? Será que vai ter gás? Acredito que essa parte da minha vida percorre a vida de muitas pessoas que estudam na escola pública.

João Vitor Correa Mendes
Turma 91

## A sua vida por trás de uma máscara

Me chamo Augusto e hoje vou falar sobre minhas experiências e perspectivas sobre certos acontecimentos. Sofro de depressão e, por conta disso, penso sobre diversas coisas.

Sempre morei no centro de Viamão e durante esse meio tempo presenciei jovens como eu se perdendo, achando que o tráfico, o roubo, entre outros crimes era a "solução".

Minha infância foi um tanto conturbada pois meus pais se separaram enquanto eu era criança ainda, mas, de qualquer forma, minha mãe me criou muito bem fazendo papel de pai e mãe ao mesmo tempo. Eu nunca culpei ambos porque sei que cada um teve e tem seus motivos.

---

Às vezes penso sobre nossas escolhas e vejo um quanto somos falhos, em praticamente tudo. Independente disso eu mantenho as minhas esperanças na humanidade.

Desde que a pandemia iniciou veio à tona certas coisas, o que me fez repensar onde podemos chegar sendo arrogantes e não tendo um mínimo de empatia pelos demais. Grande exemplo disso é Bolsonaro, que literalmente viu os demais morrendo e não fez nada.

Eu acredito que com o tempo podemos melhorar, com atitudes, com empatia, com exemplos e, principalmente, com todos sendo unidos, pois a pandemia é muito mais do que podemos ver.

Andrew Rodrigues da Rocha
Turma 92

## Por que a balança pesa tanto de um lado só?

Acordar cedo todo dia. A oportunidade não bate fácil na minha porta. Se duvidar, ela me bate na rua, por conta da minha cor e sexualidade. Ela não é fácil para mim como é para o filhinho do papai, que mora na avenida mais cuidada pelo governo.

– Que tanto medo você tem do mundo lá fora, Lívia?

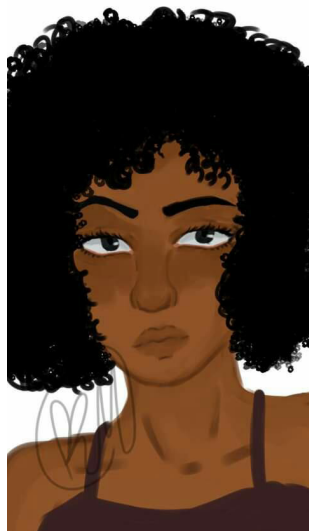
Foi a pergunta que eu mais escutei quando criança. Eu era tão pequena para escutar aqueles tiros lá fora, não entendia a balança desequilibrada que era o mundo lá fora. Eu não tinha culpa de sentir medo.

A escola às vezes não tinha comida, faltava professor e um pessoal se organizava para bater em alguns amigos meus. Eu, tentando ao máximo não me misturar, achava que o motivo era eles se vestirem bem, mesmo sendo pretos, mas era só por serem pretos e morarem na periferia mesmo.

Voltando já tarde da noite todos os dias, vinte ligações da minha mãe, ela se preocupa muito, precisa pagar a faculdade, precisa colocar comida na mesa! Tenho sete irmãos e minha mãe não aguenta mais trabalhar por conta da saúde frágil.

Kassiane Ramos | Turma 92

Quer vir falar da realidade pesada? Comigo? Branco, hétero e que não mora na periferia, dando discurso na faculdade sobre dificuldades?

Por que essa balança é tão pesada para um lado só? O que vou dizer ao meu irmão menor? Que sua irmã batalhou todos dias, mas faltou oportunidade? Ou dizer que pela minha cor e por onde moro, fico sempre com as sobras das coisas?

Eu já apanhei na rua por estar de mãos dadas com minha namorada. Meu irmão já foi preso por simplesmente ser preto, usando correntinha, chinelo e capuz. "Esse é malandro" na visão da polícia.

Vivo num lugar no qual se normalizou ouvir disparos toda a noite e cuidar para que meu irmão não acorde minha mãe, adormecida pelo cansaço. Dessa vez a faxina não trouxe o pão para a mesa, foi para pagar algumas das contas atrasadas, para o gás da cozinha. Quem trouxe o pão fui eu, com o livro embaixo do braço, torcendo para o bar do beco ainda estar aberto, torcendo para que não chova, porque senão complica passar pelo trecho para pegar o ônibus às 6 da manhã, alaga tudo. Todo dia é mais uma batalha e fica tudo acumulado. Cansativo!

É assim morar na periferia, a todo momento pensando no dia de amanhã. Nunca dá para parar. Empurro o carrinho de bebê com meu irmão dentro enquanto tento ler um livro com mais de 350 páginas. E na rua, não posso mosquear. Os outros cinco estão na rua e não podemos tirar o olho de nada. Em menos de segundos é melhor botar todos dentro de casa. Daí a gente vê que não prestou atenção na leitura e aquelas páginas vão cair na prova, com certeza. Então começa tudo de novo...

O que acontecerá com a Lívia daqui a um ano ou dois? Ela sai da vila, melhora de vida e consegue dar uma casa com boas condições para os seis irmãos? Consegue passar na Faculdade e enfim sair da periferia? Ela consegue não se preocupar com os irmãos brincando lá fora, perto da boca? Ou ela morre com quatro tiros, três na cabeça e um no pescoço? Uma fatalidade, diz o Jornal, causada por "mais uma bala perdida".

Mariah Clara Dias Paz<br>Turma 92

## O gás da desigualdade

No dia 16 de março de 2022, fui à escola normalmente e nesse dia vi muitos colegas reclamando por conta de que não tiveram almoço. Não fizeram comida, pois a escola estava sem gás.

O almoço nunca foi um problema para mim, nunca reclamei por conta do almoço pois não frequentava o refeitório da escola, não fazia diferença ter ou não para mim. Mas vê bem, aquelas pessoas, pessoas que vejo todos os dias, tristes. Isso fez que eu observasse como isso que para mim não faz diferença, pode ser muito para alguém.

No recreio vejo e ouço mais reclamações, mais rostos tristes e tudo isso me faz questionar: não seria o mínimo? O porquê disso? Cadê a Prefeitura? Várias perguntas sem respostas. Eu particularmente não iria ver essa diferença, como que para muitos isso é tão importante e para mim não teve diferença. Por que essa desigualdade? De uma certa forma é uma desigualdade.

No dia 18 de março fui à aula novamente e, novamente, para mim foi um dia normal, mas naquele dia tinha comida e acabaram as reclamações. A Prefeitura regularizou o pagamento da empresa de gás. Vi alunos felizes com a comida. Mas para mim foi só mais um dia normal, igual dia 16. Foram três dias sem gás, sem comida, mas cheio de reclamações. Acho que aprendi algo com isso.

Laiza Pereira
Turma 92

## Estou de pé!

Meu nome é Gustavo dos Santos da Silva, tenho quatorze anos e sou um ser humano como qualquer outro. Na minha opinião eu tenho uma personalidade muito impactante, porque eu só tenho quatorze anos e já vivi muitas coisas, tanto coisas boas como coisas ruins.

Fiquei seis meses internado no Hospital de Clínicas por questões de depressão e ansiedade. Eu lembro tudo como se fosse ontem... lembro que passei um bom tempo longe dos meus amigos e familiares. Perdi muitas oportunidades, até mesmo de ir a São Paulo. Passei meu aniversário no hospital sem poder comemorar com as pessoas que queria ao meu redor. Passei o Natal e o Ano Novo vendo os fogos de artifício pela janela.

Mas isso passou e daí veio a pandemia, o *lockdown* e ficamos quase dois anos sem ver amigos e familiares, sem ter aulas de qualidade, praticamente sem viver...

Uma das coisas que mais me machucou foram as perdas de dois familiares queridos que tentavam estar sempre presente, acompanhando minha vida e torcendo pelas minhas conquistas. Os dois percorreram toda a minha trajetória. Mesmo com a perda da minha bisavó pela Covid-19 e de um tio que faleceu de overdose, fiquei de pé, batalhando! Cada segundo, cada dia eu criava mais força para permanecer de pé e hoje estou aqui, bem de saúde, fazendo uma crônica para a aula do professor Marco Mello, de Filosofia.

Hoje realizei um dos meus sonhos, que é continuar no Projeto de Robótica e, com muito esforço, consegui outra oportunidade que, para mim, é muito mais que uma oportunidade e sim um sonho de ir para São Paulo de avião e apresentar meu projeto inovador para pessoas de outros estados.

Então, quero que pessoas da minha idade ou quem tem menos ainda, saibam que tudo é possível, com garra, com esforço e com muita paciência. Se eu, Gustavo, estou aqui, de pé, feliz, realizando meus sonhos, qualquer um consegue.

Bem, esse é pouquinho do Gustavo dos Santos da Silva.

Gustavo dos Santos da Silva
Turma 92

# O mundo é mais amplo

Bah, lembro de quando vivia em uma caixinha lacrada com fita, lacrada com fita barata, que nem as daquela calça que comprei em um *site* duvidoso. Essa fita, levemente desgrudada, bastava uma puxada para abrir a caixinha, que chamo de vida.

Naquele dia estava indo visitar minha coroa no centro de Porto Alegre, acompanhado do amor da minha vida, minha esposa. Aproveitamos para comprar um pastel de queijo, mas não qualquer pastel, não! Tinha que ser aquele favorito da minha amada, feito pela Dona Lulu. A neguinha faz com tanto amor que dava pra sentir no coração!

Então, fomos comprar os pastéis. Dona Lulu, sempre com um sorriso no rosto, nos atendeu. Pedimos dois pastéis e dois copos de caldo de cana bem gelados. Decidimos comer no lugar, e na primeira mordida me deparo com algo estranho… uma mulher com tanto *piercing* que poderia se confundir com árvore de natal, vestida de preto e vermelho, com um sapato tipo plataforma que a deixava 10 centímetros mais alta, disfarçando a segurada de mão que estava dando em uma loirinha de vestido florido e sandália.

Na hora estranhei, não a segurada de mão escondida, mas sim o porquê e como mulheres tão diferentes podiam ser amigas. Comento com a minha esposa, e ela diz que os opostos se atraem… Talvez ela tenha razão, quem sou eu pra julgar? Me casei com uma mulher que, mesmo não tendo muitas coisas em comum comigo, continuo amando sua presença… Mas será que aquelas garotas têm algo mais além de amizade? Achei essa possibilidade ridícula, meninas não namoram meninas… né?

As duas meninas pegaram seus pastéis e foram embora, mas a dúvida ficou na cabeça. Normalmente não fico querendo saber da vida dos outros, muito menos de desconhecidos… Mas foi simplesmente algo que eu nunca vi antes, eu precisava saber a história das duas, mesmo que isso me tornasse um enxerido. Uma gótica e outra bem delicada, como que essa combinação funcionaria? Saímos da pastelaria, e eu continuei com a dúvida.

Depois de uma caminhada, começo a achar que bebi caldo de cana demais! Minha bexiga estava prestes a estourar, precisava tirar a água do joelho! Não tinha muitos banheiros por perto, então sem tempo para pensar, entrei no primeiro que vi dentro da loja da Renner, que por acaso era unissex. Minha esposa desculpou a minha pressa, enquanto eu corria até a toalete. Consegui! Nenhum acidente aconteceu, e o alívio subia enquanto outra coisa descia.

Quando saiu tudo que tinha para sair, vou até a torneira lavar minhas mãos, mas escuto uma porta abrir atrás de mim… por reflexo olho para trás, e me deparo com as amigas da pastelaria! Era minha primeira e provavelmente última chance de perguntar. Cumprimentei ambas, que retribuíram com um olhar confuso seguido de um *Oi!* Perguntei: “Desculpa o incômodo, mas eu queria saber como vocês se tornaram amigas, vocês

parecem tão diferentes uma da outra!". E vocês não vão acreditar no que aconteceu depois…

A baixinha de vestido florido se ofendeu, e num piscar de olhos respondeu, com ódio na voz: – "Quem você pensa que é para se meter na nossa vida?! E ainda falar como se nós não devêssemos estar juntas… Seu…!"

Não era essa a reação que eu estava esperando… Não queria ter parecido rude. Mas, impedindo que a loirinha terminasse, a gótica a puxou para longe de mim e a beijou. Calma, a gótica acabou de beijar ela?! Foi o que eu pensei na hora. Minha mente estava a mil! E antes que eu pudesse dizer algo, a gótica (que se apresentou como Lilith) respondeu: "Então, já ouviu dizer que os opostos se atraem? Foi mais ou menos isso que aconteceu. E… "amigas"? Desculpa, mas nós não somos amigas, estamos namorando. Somos um casal lésbico! " Depois disso, viraram as costas e saíram.

Com essa resposta eu acho que acabei com mais perguntas do que respostas! Apenas mulheres podem ser assim? Por quê? Como que eu só ouvi falar disso agora? Contei o ocorrido para minha esposa na casa da minha coroa, enquanto tomávamos um chimarrão. As duas também ficaram confusas! Minha esposa não acreditou na história, mas minha mãezinha, com os cabelos platinados de sabedoria me disse: "Talvez não possamos entender esse tipo de amor, mas sinceramente esse mundo é muito amplo. O amor está por toda parte e vem de todas as formas. Mesmo que não seja algo que estamos acostumados a ver, esse tipo de amor pelo mesmo sexo é indiferente do seu amor por essa mulher linda que é sua esposa."

Quando voltei para casa continuei pensativo, mas minha mãe está certa. Não vou julgar esse tipo de amor, não é como se amor fosse exclusivo ao sexo oposto só porque é a norma. Bastou uma puxada daquela fita mal colada para abrir um pouco mais a minha mente para essas coisas…

Enfim, agora que eu sei sobre lésbicas, imagina o que mais tem por aí? Acho que deveria pesquisar. Mas, agora que paro para pensar, eu estava tão focado em tirar minhas dúvidas com aquelas garotas que não percebi que elas tinham saído da mesma porta dentro do banheiro…

Isabelly Alves dos Santos<br>Turma 92

## Como cheguei em Porto Alegre

Meu nome é João e vou falar como cheguei em Porto Alegre. Tudo começou quando meus pais se conheceram. Minha mãe era garçonete de uma cafeteria, meu pai trabalhava com obras na cidade de férias chamada Oropesa del Mar, localizada na Espanha. Meus pais moraram nessa cidade e conheceram amigos que também eram brasileiros e ajudaram meus pais a

se acostumar e aprender como funcionam as coisas e até como entenderem a língua espanhola.

Meus pais se casaram no dia 29 de agosto de 2006 e um ano depois, em 30 de agosto de 2007 eu nasci, em Castellon de la Plana, uma cidade próxima de Oropesa del Mar.

Depois que eu nasci, meus pais tiveram que trabalhar duas vezes, pelo desafio de cuidar de duas crianças. Eu e meu irmão gêmeo. Os amigos do meu pai e da minha mãe ajudaram com as coisas, com o carrinho de bebê, fraldas e etc. Depois de sete meses de idade aconteceu uma crise econômica, as pessoas estavam perdendo seus empregos e meus pais tiveram que sair da Espanha e voltar para o Brasil.

Chegando no Brasil, meus pais vieram para Porto Alegre. Ficaram um tempo aqui, mas foram para o Mato Grosso, visitar minha vó e para ela me conhecer. Depois de um tempo em Mato Grosso, meu pai acabou se separando de minha mãe. Passados alguns anos, meu pai conversou com minha mãe, preparam as malas. Ele despediu-se das pessoas e pegou o ônibus, Depois de um dia na estrada, de noite chegou em Porto Alegre. Achei meu pai no meio da multidão, abracei ele muito forte, tinha 5 anos de idade e lembro disso até hoje.

João Borges Farias
Turma 93

## Xenofobia e pastel de frango

*Pastel de flango*, chega até ser engraçado, não é mesmo? Talvez você já tenha escutado ou até mesmo falado isso para alguém, brincando ou para irritar mesmo. Muita gente fala que isso não tem nada a ver, que é só brincadeira, que é só zoação, mas nós sabemos que isso é algo sério e que é um preconceito. Já presenciei um ato desses dentro de uma loja no centro de Porto Alegre: um rapaz de origem asiática entrou dentro do estabelecimento e uma atendente antes de ir atendê-lo cochichou com uma colega, chamando o rapaz de fabricante de Coronavírus.

Por que asiáticos sofrem xenofobia?

Pessoas que buscam oportunidades em outros países sofrem muito preconceito. Não são apenas asiáticos que sofrem, mas durante a pandemia de Covid-19 a violência e o preconceito contra a população de origem asiática cresceu muito no mundo inteiro e não foi diferente aqui no Rio Grande do Sul.

No Zaffari da Cidade Baixa enquanto estávamos na primeira onda da Covid-19 uma amiga da família chamada Terezé, que é chinesa, foi xingada várias vezes, de diferentes formas xenofóbicas, por clientes que a mandavam voltar para o seu país e levar a sua Covid junto.

Outra forma de xenofobia é imitar a forma que alguns falam. No alfabeto chinês não existe o som do "R", por isso muitos nativos que estão aprendendo o português trocam o som do "R" por "L" e fica "Flango" ou "Fulango".

Julia Rodrigues dos Santos
Turma 93

## Um lugar bom de morar

Uma vez eu andando na rua, e do nada você recebe um bom dia, boa tarde e boa noite. É incrível como somos surpreendidos na rua. Esses dias ainda recebi bom dia de um senhor. Ele estava catando garrafas, e claro que também dei bom dia. Tem coisas que temos que nos acostumar em Porto Alegre, como lixo na rua, roubos, assassinatos e também os cachorros – que é o que mais tem – sempre vai ter um cor caramelo ou pretinho. Até na escola tem. Já aconteceu de eu ir no bar comprar pão e o cachorro pular em mim e conseguir pegar um pão. Depois disse para minha mãe que eu vim comendo. Ainda bem que ela acreditou! Também teve situações como de dar comida na rua.

É triste ver, mas essa é a realidade. Mas também tem coisas boas na Lomba, como promoções no mercado. Meus pais adoram.

Minha avó mora na comunidade de Viamão e apesar de ser comunidade é sempre limpa, parece condomínio, só que de pobre. Conheço todas as crianças de lá. Até já levei para casa da minha avó. E ela tem mais amigos do que eu. São todos conhecidos. É disso que gosto lá.

Onde eu moro todos somos amigos. Quando chega os domingos sempre tem fumaça na rua, não é de queimada, mas sim de churrasco. Isso sempre acontece, mas agora com os valores da carne, diminuíram um pouco.

Gosto de onde moro.

Jamily Prates Silva
Turma 93

## O lugar quem faz é a gente

Eu sou Rosane, tenho 58 anos. Sou negra, 1,65 m de altura, signo de Leão.

Tenho quatro filhos, o nome deles são: Cleberson, Marilene, Suelem e Michel. São  os meus amores. E tenho cinco netos.

Vivi meu primeiro casamento por 25 anos. Me separei, não deu certo. Era um bom casamento no começo, mas ele me fez muito mal, com um ciúme possessivo machucou, daí acabou.

Me divorciei e casei de novo. Fiquei casada dez anos, mas ele morreu de Covid. Fui feliz. Só que ele não deixava eu fazer o que eu queria.

Quando eu vim morar na Lomba do Pinheiro eu não tinha nada, só uma cama e um fogão. Vim de Gravataí. recomeçando a vida. Eu tinha medo de dormir sozinha, tinha tiros à noite e ficava sozinha porque meu marido era vigilante. Com o tempo fui conhecendo a vila que morava e o meu preconceito foi mudando. Conheci pessoas muito amigas e fui gostando daqui e do Lami, que eu aprendi a gostar. Meu marido adorava.

Na vila onde moro tive muito apoio quando ele morreu de Covid. Eu julgava ruim aqui, mas conhecendo melhor não me sinto mais com medo.

O lugar quem faz é a gente.

Rosane dos Santos Melo Bandeira
Turma T51

## Vida Maria! Viva Maria!

A história do filme *Vida Maria* conta a trajetória de uma menina do sertão nordestino que por impedimento de sua mãe não pôde seguir adiante seus estudos, já que seus pais passaram por essa mesma situação, passando a vida trabalhando desde muito cedo e mais tarde casando, tendo filhos e envelhecendo nessas condições, sem conhecimento algum. As suas gerações repetindo aquilo que aprenderam sem qualquer mudança ou crítica.

O vídeo denuncia a ausência de escolaridade e as condições precárias de vida de várias mulheres do sertão brasileiro, e que pode ser mudado na medida que elas *quiserem* construir um futuro melhor.

Liria Adriana Zancan
Turma T51

## Desde o primeiro suspiro

15 de junho de 1998. Dia que nasci e de lá para cá vivo em Porto Alegre, na Lomba do Pinheiro, desde sempre.

Aos 23 anos ando sentindo que a política anda errando e com

esses erros se prejudica demais o Pinheiro. Vivo me perguntando se quando crescemos nos acostumamos a ter medo da vida. Vejo que esta dúvida é real pois temos incertezas de como conseguir um trabalho, como se manter com um Brasil tão desvalorizado.

Aqui no Pinheiro sempre tem umas evoluções, aqui e ali por exemplo: as escolas, os cursos dando oportunidade para jovens para conseguir trabalho. Para mim, se não fossem as escolas aqui do bairro e os cursos, este bairro seria muito mais desapontador para todos.

Tem muito trabalho, porém é difícil ser contratado. As coisas muito caras, enfim, um bairro que tem suas qualidades e seus defeitos.

No meu dia a dia eu desço no famoso campo do Pinheirinho para jogar um futebol com meus amigos do bairro e lá eu acho que quase todos temos algo em comum, estudamos no colégio Saint Hilaire, sejam conhecidos ou quem vimos por vista no SH.

Infelizmente hoje em dia não encontro nenhum indígena por aqui, pois vejo em histórias sobre a Lomba que teriam aqui povos Guaranis, Kaingangs, Charruas. Infelizmente foram dizimados pelas doenças infectocontagiosas e por outras causas.

Muitos haitianos migraram para cá, gostei muito de ver eles, pois aprendi muitas coisas com seu idioma meio francês. É muito bom conversar com alguém que viveu fora do Brasil.

Gosto daqui da Lomba do Pinheiro, de jogar futebol no campo do Pinheirinho, onde muita gente conhecida e muitas outras vão curtir o sábado tomando um chimarrão e assistindo aos jogos. Gostaria de trabalhar por aqui, assim ficaria perto da minha família e não precisaria sair para longe.

Esta é a minha história vivida na Lomba do Pinheiro, um bairro feliz e que tem seus defeitos e qualidades. Se bem que dos tempos antigos para cá, a política vai dificultando muito mais a convivência aqui.

Paulo Cesar Gomes dos Santos
Turma T51

## Um dia agitado

Foi hoje. Acordei, escovei os dentes e fui comprar pão e margarina. Quando estava chegando no mercado, tinha dois carros ali perto. Um bateu de frente com o outro, dois carros novos. Quando cheguei mais perto do acidente tinham duas crianças mortas no banco de trás do carro. Daí eu perguntei para a mulher que estava passando quando aconteceu o acidente. Ela falou que o motorista do carro estava amanhecido e dormiu na direção, pois tinha trabalhado a noite toda.

Essa história serve como lição de vida porque o homem trabalhou a noite inteira e não teve um descanso. Ele poderia ter pegado um *Uber* e ter ido para casa tranquilo, mas para chegar mais rápido na casa dele decidiu ir com o próprio carro dele e quando estava chegando em casa, muito cansado, dormiu no volante e acabou batendo o carro e infelizmente matou duas crianças e feriu a mulher que estava no outro carro.

Roger Ribas
Turma T51

## Saúde pública: descaso

Há pouco, num domingo, estive no Posto de Saúde da Parada 10 da Lomba do Pinheiro. Por volta das 3h da manhã, um horário que o Posto está vazio.

Minha bebê de um ano e sete meses estava doentinha. Tinha apenas três crianças na nossa frente e esperamos por mais de uma hora sem chamar ninguém. E não havia ninguém em atendimento.

O rapaz que chegou junto conosco, cheio de dores, ficou o mesmo tempo de espera, com o Posto vazio.

Quando o tempo começou a se estender e ninguém para nos atender ligamos para a Brigada Militar, que chegou super-rápido no Pronto Atendimento.

Após a chegada da Polícia, a supervisora de plantão apareceu de repente e logo o botãozinho de chamada começou a disparar.

Atenderam o rapaz e logo foi minha filha, num frio de 3 graus que fazia nessa madrugada. Ficamos dentro do carro das 4h30 até as 10 horas da manhã e nada do tal resultado dos exames.

Então fui até a recepção e pedi para chamar a supervisora, que já era outra, e por sinal era pior que a anterior. Com total ignorância e arrogância me disse que não tinha hora certa para o resultado e que quando estivesse pronto iriam chamar o meu número e era só esperar.

O Posto estava enchendo e o tempo de espera era cada vez maior. Então falei para ela que iria chamar a Brigada Militar novamente. Ela, com ar debochado, disse: – Pode chamar!

A Brigada chega. Olha, que mágica! De repente chamaram minha filha!! E a supervisora que demorou mais de 15 minutos para vir me dar uma satisfação estava lá na frente com uma prancheta na mão, e logo apareceu médico, enfermeiro de todo o lado dispostos a trabalhar. Em questão de minutos a fila de espera se esvaziou.

Uma dica a todos que estão passando por esse problema nas Unidades de Pronto Atendimento do seu bairro: não deixem praticarem esses atos desumanos com seus filhos e com vocês, utilizem seus direitos

civis. Muito triste ter que se submeter a envolver a polícia para algo que deveria ser tão simples que é fazer o papel deles de trabalharem.

Fica aqui meu desabafo e indignação sobre o Posto da 10 da Lomba do Pinheiro

Esse é um problema vivido por todos nós da classe baixa. Dependemos da saúde pública, por isso é necessário relatar acontecimentos como esse e que tenhamos sabedoria e responsabilidade na hora de escolher nossos governantes.

Tatiana Santos da Rosa
Turma T61

## Bueiro aberto?

Eu comecei a minha bela noite de domingo com um jogo de futebol para comemorar o início do meu primeiro dia de trabalho. Tudo estava maravilhoso, o jogo estava pegado, eu estava defendendo todas as bolas que chutavam para o gol, até que resolvo ir para casa com uma bicicleta sem freio. No meio do caminho, eu me deparo com um bueiro sem tampa. Por um milésimo de segundos eu olho para trás e esqueço tudo que está em volta. Quando eu volto a olhar para frente, eu bato nesse bueiro sem tampa e paro no outro lado da rua, batendo a cabeça no chão.

No Hospital, com o tempo que fiquei lá, acabo lembrando que semanas atrás a Prefeitura de Porto Alegre tinha acabado de mexer na mesma rua. Então eu fiquei pensando: por que a rua estava daquele jeito *se* a Prefeitura tinha acabado de mexer?

Fico imaginando que a Prefeitura deveria dar mais atenção para as estradas, tapando os buracos, mexendo mais na sinalização, para melhorar a segurança dos motoristas e pedestres que frequentam essas estradas.

Edson Dornelles da Rocha
Turma T61

## Lacrado G5

Era noite e eu estava na rua Araçá, eu e meus amigos bebendo um kit. Era três horas da madrugada, quando, de repente, vêm três carros pretos com película G5 lacrado.

Os caras desceram dos carros e atiraram na gente. Três dos meus amigos foram baleados, com tiros nas regiões do rosto, tórax e nas costas. Eu e mais cinco amigos corremos para a mata. Nisso, a gente ficou mais de

duas horas escondidos, pois eles estavam nos procurando e dando tiros para cima. Só conseguimos sair da mata quando amanheceu.

Eu e os guris fomos na delegacia para fazer uma ocorrência por conta da tentativa de homicídio, mas três dias depois os caras que atiraram em direção a nós apareceram mortos num córrego. Descobri que eles estavam atrás de nosso amigo e não da gente. Aquele guri era envolvido com o tráfico de drogas. Passou um ano e ele foi morto por causa do envolvimento com o tráfico. Mais lágrimas saíram, mas o tempo passa e a saudade vai embora.

Agora, de uns tempos para cá, a rua que eu moro está mais calma. As crianças saem para a rua com segurança, melhor até. Eu e meus amigos ficamos sentados horas na rua, sem dever nada a ninguém. Mas tem que ficar espertos mesmo assim.

Agora a gente trabalha e alguns amigos também escolheram essa vida. Agora o meu foco e de outros é o trabalho.

Geovani da Costa Cavalheiro
Turma T61

## Eles vivem em outro mundo

O que acontece na favela não acontece no bairro rico. Por quê? Só porque não temos a condição que um rico tem? Só porque não temos dinheiro? Fala sério! Somos todos iguais, não de aparência, mas sim por dentro.

Em favelas têm crime, cometido por pessoas que são revoltadas, por serem humilhados pelos ricos, que acham que são melhores só porque tem uma condição melhor, mas nenhum dos que são ricos sabem o que um pobre passa todo os dias para ter o que comer e ter o que dar para os seus filhos no dia seguinte, o que nós favelados sofremos todos os dias, colocando nossas caras em lugares de rico para conseguir um emprego digno. Sofremos demais por não ter o que vestir direito. Sofremos por não sabermos se amanhã vamos estar vivos. Não sabemos se vamos voltar vivos do trabalho.

Só queríamos que fosse tudo igual, sem diferenças nesse mundo tão desigual. Mas temos bairros que pessoas comem todo o dia e outras não tem nem onde morar. Muitos moram nas ruas, com crianças pequenas, passando sede, fome, frio e necessidades. E tem muitas pessoas com dinheiro podendo ajudar, mas estão se catando para os pobres.

Gelson Leal Gonçalves
Turma T61

## Um 16 inesquecível

Ainda lembro daquela noite escura e fria. Era mais ou menos três e meia da manhã quando aqueles caras entraram em minha casa, fortemente armados. Minhas irmãs estavam dormindo, eu era o único acordado.

Neste dia estava meu cunhado, minha irmã mais velha e um amigo meu dormindo ali na sala. Eu estava no meu quarto, deu vontade de ir ao banheiro, escutei os cachorros latirem, passos no pátio, logo pensei que fosse algo da minha cabeça ou apenas um bêbado. Fui abrir a porta para ver o que era ou quem estava lá, mas quando fui abrir a porta ela simplesmente voou em minhas mãos, empurrada por três homens com armas.

Logo pensei que fosse mais uma daquelas brincadeiras de Guilherme (meu irmão mais velho). Fui tirar a arma das mãos do primeiro homem, então percebi que a arma era verdadeira! Pedi desculpas, fui para trás e o cara aceitou as desculpas, eles eram traficantes de algumas paradas distantes da minha (eu moro na parada 18 da Lomba do Pinheiro). Eles procuravam um cara chamado Acerola que ficou devendo uma grana preta para eles. Esse tal de Acerola fumava maconha, e um dia ficou devendo para aqueles traficantes, ele usava muita droga, não pagou e os "guris" foram atrás dele.

– E aí, muleque, tu conhece o "Acerola"? – disse o traficante.

– Bah, mano, não conheço não.

– Beleza, foi mal pela invasão aí! – disse novamente o traficante.

– Tranquilo mano, fica por isso mesmo. Foi mal por ter quase pegado a arma da tua mão e valeu por não atirar em mim.

– Ok, fiquem bem ai! Fui. – disse o traficante.

Depois de dois dias, encontraram esse cara, o tal Acerola. Depois nunca mais ouvi falar nele.

Agora eu me pergunto: por que isso não acontece lá nos bairros e só em favelas e bairros pobres?

E a resposta é simples. Esse nosso governo só se importa com pessoas de classe mais alta. E nós, como podemos mudar isso? Outra resposta simples ou talvez nem tanto, projetos sociais, protestos e se unir para lutar por um país mais justo para que nossos filhos e filhas não passem por isso.

Davy Figueiredo Ramires
Turma T61

## Histórias que os cartões postais não mostram

Nasci em 1990. Tive uma infância boa, mas humilde. Pai eletricista e mãe dona de casa que, de vez em quando, fazia umas faxinas.

Decidi cedo começar a trabalhar e tive que parar os estudos. Nesse meio tempo me apaixonei aos 16 por um rapaz que trabalhava em um circo que estava em minha cidade, decidi ir embora com eles. Aí então fiquei seis meses vivendo essa vida circense. Logo após decidi ir embora para casa de volta e comecei a trabalhar no meu antigo trabalho. Se passaram dois anos, casada com esse rapaz engravidei. Só que o amor já havia acabado. Então fiquei toda a minha gravidez vivendo o verdadeiro inferno. Ele começou a beber e me incomodar, bater e ameaçar. Tive que parar de estudar porque o ciúme dele era doentio.

Meu filho nasceu! Quando faltavam vinte dias para ele fazer um ano, decidi me separar pois não aguentava mais as pressões psicológicas, ameaças etc. Mandei ele sair da minha casa. Ele se recusou. Me trancou dentro de casa, pegou uma faca e falou a seguinte frase: – Se tu me deixar, vou matar o nosso filho, te matar e depois tirar a minha vida. Eu, apavorada comecei a chorar, passou um filme na minha cabeça e então pensei que minha vida havia acabado ali, quando do nada minha mãe bateu na porta. Foi Deus que mandou ela ali, pois se ela não tivesse chegado naquela hora hoje eu não estaria aqui escrevendo essa crônica e contando minha história.

Corri para os braços dela com meu filho dormindo em meu colo, sem ter noção do que estava acontecendo, então saí da minha própria casa, pois ele se recusou a ir embora. Alguns dias depois ele saiu, depois de infernizar e vender todas as minhas coisas.

Recomecei minha vida, trabalhei, reconquistei tudo novamente. Hoje meu filho está com 13 anos, me incentiva em tudo. É meu parceiro e meu melhor amigo.

Rejane Mendes
Turma T62

## Transporte público de Porto Alegre, Lomba do Pinheiro

Há um ano atrás fui convocada pela Prefeitura de Porto Alegre para uma vaga de higienização em caráter emergencial, em uma escola municipal na Lomba do Pinheiro.

A partir daí, passei a me deslocar todos os dias para o trabalho, localizado na Vila Bonsucesso.

Eu, moradora da Zona Sul de Porto Alegre, passei por vários perrengues e passo até hoje. Os ônibus estão com horários precários todos os dias da semana. Uma verdadeira calamidade para os usuários. A linha do Bonsucesso é horrível! Normalmente fico em média de 30 a 40 minutos esperando o bendito ônibus, e preciso sair de casa no mínimo duas horas antes para chegar a tempo no trabalho.

Realmente está cada vez mais difícil andar de ônibus em Porto Alegre e não é só na Lomba do Pinheiro que passamos por essas dificuldades com os ônibus. É em toda a cidade.

Certo dia eu estava na parada e havia uma senhora aparentando estar angustiada pelo atraso do ônibus. De repente ela me olhou e perguntou:

– Tu viu se o Quinta do Portal já passou?

– Não vi, cheguei há pouco.

– Pois é, já estou a mais de vinte minutos esperando e nada de ônibus. Vou me atrasar. Tenho consulta no posto de saúde.

– Olha é complicado mesmo. Os ônibus não têm horário certo. Volta e meia se atrasam e muitas vezes devido ao atraso chegam lotados e não param.

– É verdade.

– Olha, o meu ônibus está vindo. Boa sorte para a senhora!

E a pobre senhora continuou lá, à espera do ônibus.

É ou não é um desrespeito?

Temos a passagem caríssima, os ônibus precários e quase sempre lotados. E esse é apenas alguns dos inúmeros problemas que enfrentamos em Porto Alegre.

Nós, cidadãs e cidadãos, usuários do transporte coletivo, somos abandonados pelas autoridades, pois os governantes em geral pouco se importam com o povo, que precisa deste serviço e que paga por ele. Assim mesmo, o que recebemos é um serviço da pior qualidade.

É ou não é um desrespeito?

Tatiana Santos da Rosa
Turma T62

## O dia que não me sai da memória

No dia 10 de novembro de 2021, estávamos eu, meu marido (Cláudio) e minha filha (Gabrielle) nos preparando para almoçar. Naquele dia tinha feito panquecas ao molho branco, junto com uma salada verde e um refogado de legumes. De repente, meu irmão Jean veio no meu portão e gritou para mim:

– Márcia, um vizinho veio aqui pra me chamar para dizer que o pai está ali na parada passando mal!

Eu larguei tudo o que estava fazendo e corri. A parada é bem perto da minha casa, então cheguei bem rápido. Quando estava me aproximando, vi uma moça com ele nos braços. Ela estava ajudando, junto com minha mãe, a colocar ele no carro. Ele já estava sem forças, fomos com ele para a UPA (Unidade de Pronto Atendimento) Panorama, da Lomba do Pinheiro.

Quando chegamos, meu pai já estava desacordado, e aí é que começou a bater o desespero. Iniciou o atendimento e ficamos ali, esperando por notícias. Pedi para a mãe ir para casa, que eu e minha irmã ficaríamos ali com ele, até porque ia demorar e em função da pandemia, não poderíamos ficar todas ali.

Ela então foi para casa com meu marido, e nós ficamos à espera de notícias quando, de repente, a moça da recepção chamou os familiares de Jaime. Eu e minha irmã fomos imediatamente, quando chegamos nela, disse:

– Vocês podem entrar aqui que o médico vai falar com vocês.

Naquele momento passou mil coisas na cabeça, o médico nos convidou a entrar e começou a me fazer perguntas, de como tinha acontecido e como ele estava quando o trouxemos. Aí eu falei que não sabia muito, porque ele já estava desacordado quando foi colocado no carro. Contei ainda que a moça que ajudou ele na parada me disse que ele sentou no chão e começou a passar mal. Ela chegou nele, ele deitou nos braços dela, suspirou e apagou. E é só isso que eu sei.

Aí o médico me disse:

- Então, dona Márcia, teu pai não resistiu. Tentamos reanimá-lo por mais de 20 minutos, tentamos tudo, mas não conseguimos e ele veio a óbito.

Meu chão caiu naquele momento. Fiquei desesperada, mas quando vi minha irmã desabando no chão, aos pés do médico, me segurei e busquei forças do meu interior porque sabia que elas precisavam de mim. Não sabia como iria contar para minha mãe e meu irmão. Aí respirei fundo, engoli o choro e comecei a dar forças para a minha irmã, que estava ali nos meus pés, desesperada. Quando consegui acalmá-la, comecei a pensar como iria dar a notícia para a minha mãe, sem que ela fosse passar mal. Daí tive a ideia de pedir para o médico se poderia trazê-la para a UPA, porque se ela fosse passar mal, já estaria ali. Ele foi bem atencioso e aceitou. Liguei para o meu marido pedindo para que lhe trouxesse ela para cá. Chegando aqui ela começou a me fazer perguntas sobre ele, mas não conseguiu falar muito, só disse:

– Mãe, ele não aguentou, ele se foi!

Ela começou a chorar, mas a garra dela foi surreal, eu pensei que ela fosse desmoronar, ela me abraçou e à minha irmã e disse:

– Vamos ver ele, gurias.

O médico nos levou até onde ele estava deitado. Ele estava com o semblante tranquilo, parecia que estava dormindo. Fiquei um pouco mais com elas e logo em seguida comecei a fazer as ligações para avisar o restante da família. Todos da equipe da UPA foram muito atenciosos com a gente. Só tenho a agradecer a todos, porque falam muito mal do atendimento do SUS (Sistema Único de Saúde), e no nosso caso foram todos humanitários naquele momento tão delicado para nós, família. Fomos muito bem amparados pela nossa UPA da Lomba.

Esse dia nunca mais esquecerei!

Não imaginei ter que escolher caixão e flores para o funeral do meu pai. Nunca estamos preparados para a perda de um ente querido!

Márcia Daltoé Santos
Turma T61

## Por quê?

Por que quando andamos em uma vila há esgoto a céu aberto? É só porque somos pobres!? Ou é porque falta verba? Vejo por aí muitas pessoas idosas, crianças desviando de enormes crateras formados pelo excesso de água da chuva!

Vimos na televisão um monte de pessoas que morreram em deslizamentos de terra ou até mesmo morrendo afogados dentro da cidade. Uma coisa horrível dessas acontecer dentro de uma cidade!

Pego ônibus, passo por lugares muito pobres, onde sequer eles têm um emprego para sustentar suas famílias. São pessoas que catam garrafas, latinhas ou papelão para retirar dali o seu alimento. Quando vamos ao centro da cidade passamos de ônibus e há pessoas dormindo na rua, idosos e até crianças. É muito triste a realidade deles.

Em meio a esse caos todo temos também muitas coisas boas, pois vemos muitas pessoas simples, mas com um sorriso no rosto. Não devemos reclamar da vida que temos, somos abençoados por ter nossa casa, comida em nossa mesa e saúde, é claro.

Há muita desigualdade nos dias de hoje, políticos cheios de dinheiro, mansões e carros importados, que moram em condomínios fechados, onde só andam com dois ou três seguranças.

E nós, que recebemos um salário mínimo, não podemos ter um celular bom que já somos assaltados. Sem falar que temos que aguentar tudo isso quietos, pois quando os ladrões são presos sequer ficam dois dias presos e já estão soltos por aí para fazer novas vítimas.

Há vilas por aí que sequer tem iluminação, são ruas escuras e sem segurança alguma. Estamos sujeitos a qualquer coisa.

A indignação de muitas pessoas pobres é porque somos tratados desse jeito como se não valêssemos nada. Somos todos iguais, mas porque nossos direitos não são respeitados, como o das pessoas que têm dinheiro, mansões e segurança particular?

Fica aqui a questão para Porto Alegre. Por quê?

Stefani Dutra
Turma T61

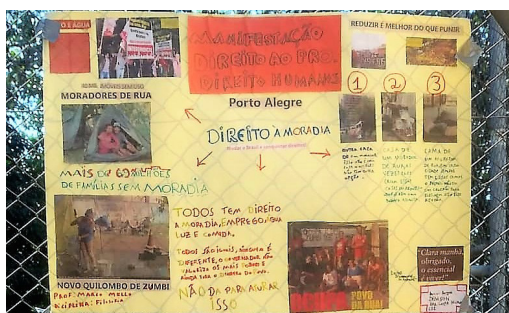
# Esta carta é para o Brasil

Olá! Me chamo Jaderson, tenho 17 anos e moro no estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre e no Bairro Lomba do Pinheiro.

Escrevo esta carta para o meu país. Queria que o nosso governo visse um pouco de nosso dia a dia na periferia, como nós batalhamos para sobreviver e ter o pão de cada dia. Muitas pessoas, às vezes, não têm o que comer.

Se a Prefeitura e o Estado se reunissem para ajudar pelo menos um pouco, já matava a fome de muitas pessoas. Pelo meu ponto de vista, ao invés de fazer a Orla do Guaíba, gastando milhões em obras, seria tão perfeito eles entrarem nas comunidades da periferia com toneladas de alimentos. Aposto que iria matar a fome de muitas pessoas.

Meu sonho é poder ajudar o próximo, criar alguma forma de ajudar pessoas carentes e de baixa renda salarial. Eu imagino crianças, pessoas em geral que não tem o que comer, nem pelo menos um pão ou um prato de comida. E tem muita gente que tem tudo e ainda reclama da vida.

Jaderson Gehen Berneira
Turma T62

Estudantes da Turma 81. Produção coletiva de painéis. Filosofia e Direitos Humanos. Foto: Marco Mello

CAPÍTULO 2

# ESCRITAS DE SI

Diários, autobiografias, relatos, cartas, poemas confessionais são exemplos das possibilidades de escrita em primeira pessoa, nas quais a voz do texto se identifica com o autor biográfico, ainda que descreva situações ficcionais.

Chega a ser curioso o quanto escrever em primeira pessoa suscita nos estudantes o efeito paralisante da página branca: “escrever sobre mim, sora?”. O que há de tão desafiador neste encontro entre o EU e a linguagem? Estudioso dedicado a esse tema, o filósofo Michel Foucault nos apresenta um caminho para entender esta dificuldade: o fato de se obrigar a escrever desempenharia o papel de um companheiro, o que tornaria o papel um confidente, de OUTRO.

Estaria deflagrado, aí, um processo de autoconhecimento, de reencontro de si por meio da linguagem? Os estudantes foram desafiados a se (re)apropriarem da língua, enquanto grupo – na primeira pessoa do plural –, mas também a se reconhecerem nos textos e discursos forjados nesta língua, na primeira pessoa do singular.

Profª. Daniele Gualtieri Rodrigues
Língua Portuguesa

## Prédio B, andar de cima, última sala

Escola Municipal de Ensino Fundamental Saint Hilaire, localizada na zona leste da capital gaúcha, Porto Alegre (RS). Prédio B, no andar de cima, última sala do lado direito. Alunos, em grupos, todos conversando muito. Ao redor, diversas mochilas de várias cores – azuis, brancas, pretas etc… O cheiro de comida sobe pelas janelas da sala. Apoiando os cadernos sobre as mesas, sinto a textura do lápis liso enquanto escrevo. Estamos no último ano do Ensino Fundamental.

Sobre o nosso mundo interior, não podemos falar que é fácil… Cada um de nós tem um pensamento, cada um tem a sua forma de expressar as suas lembranças… nossos sentimentos, imaginação, sensações…

Pouco a pouco, aprendemos cada dia mais a como ter a noção de organizar nosso mundo interior, agora com uma maturidade, digamos "avançada"... mesmo assim, temos dificuldades de nos organizarmos e nos expressarmos.

Texto coletivo
Turma 92

## Comece a se preocupar, poeta

A todos aqueles que ficaram, e aos que não existem mais, a todos aqueles que fingem não sentir nada até realmente não sentir, a aqueles que preferem fingir que morremos para apenas não precisar olhar no fundo dos olhos, aos poetas que sofrem de amor nas madrugadas com uma taça de vinho ao lado, fumando seu último cigarro do dia, nas sacadas admirando a beleza da lua talvez, a aquele que prefere passar frio ao invés de tentar falar o que mais o congela, para aqueles que rasgam suas cartas mesmo antes de finalizar, para aqueles que têm medo de se entregar novamente, que interrompem pessoas de se beijarem por que simplesmente morrem de medo de toques, mas vive pedindo por eles, para aqueles que dão além do mínimo para alguém que não dá nada, para aqueles que são intensos sozinhos e aqueles sou eu... mas, se você também se encontrou com tudo que leu, comece a se preocupar, poeta.

Mariah Clara Dias Paz
Turma 92

## Radiante

Eu sou um lindo caracol
Que vai todo dia para a janela
Ver o pôr-do-sol

Eu gosto muito de ver
Porque me faz compreender
O quanto a natureza é linda
Cada vez mais mostrando a sua beleza

Me sinto vivo e radiante em ver
Que a natureza me expande

Vitória Nascente
Turma 91

# Corro atrás do pôr-do-sol

Eu corro atrás do pôr-do-sol para tentar achar um amor que seja intenso como a lua, libertador e fascinante como as estrelas, barulhento e inquieto como o mar azul de Yemanjá.

Procuro alguém não específico, seja na sua personalidade ou sensualidade, mas que não me faça chorar de novo, seja leal aos seus votos, envolvido no amor. E nem é sobre votos de casamento que eu digo, eu quero alguém que fique e seja digno.

Luísa Bernardes Guimarães
Turma 92

# Escrita nossa de cada dia

Bom, o que eu acho que mais me identifico nessa etapa que estou é: palavras, escrita, notas... eu escrevo muito mesmo. Não expondo muito, eu boto todo o meu ódio, todo o meu rancor, até mesmo minha felicidade no papel, eu acho que a escrita está todos os dias na minha vida, ou seja, a escrita que me salva de muuuuitas coisas...

Gustavo dos Santos da Silva
Turma 92

Estudantes da Turma 93. EMEF Saint Hilaire - Foto: Daniele Gualtieri Rodrigues

Haverá uma forma mais eficaz e ao mesmo tempo mais coerente do ponto de vista político-pedagógico-epistemológico do que assentar o diálogo e a construção de conhecimento no reconhecimento dos saberes dos estudantes? De suas  histórias de vida, percepções, visões de mundo e experiências? Essa foi a premissa que orientou o trabalho inicial nos componentes curriculares de Filosofia e História, com o propósito de realizar uma leitura de realidade no início de um ano letivo atípico, com o retorno presencial de todos os estudantes, em se tratando de um contexto pandêmico. Três questões foram lançadas para a produção de uma apresentação: Quem eu sou? Em que mundo vivo? Que horas são? (no sentido de expectativas e compromissos).

Prof. Marco Mello
História/Filosofia

## Eu não sei mais quem eu sou

*Eu não sei. Eu não sei mais quem eu sou.*

Uma hora eu acho que sou uma coisa e em outra, eu acho que sou algo muito diferente.

Eu não sei me definir, eu apenas acho que sou uma bagunça e não sei como consertar.

Talvez eu apenas seja uma garota qualquer, porém, eu também posso ser uma garota que, ao olharem, pensam "eu gosto daquela garota" ou "eu gostaria de ser amigo daquela garota" ou "eu admiro tanto aquela garota" e muito mais. Mas isso talvez possa ser apenas um sonho que não irá se realizar.

Ao pensar nessas coisas, eu percebo que se nem eu consigo me entender, como os outros irão?

Mas eu quero que tu me diga, o que eu sou para você?

Eu serei apenas uma garota confusa? Uma garota que não sabe o que está fazendo da vida? Ou eu possa apenas ser uma garota que para ti, eu sou um destaque, uma garota especial, inteligente e carismática… Mas… Eu realmente sou isso? Ou será que é apenas o que as pessoas querem que eu seja?

Acho que, agora, eu posso não saber muito quem eu sou, mas eu tenho certeza de uma coisa… eu não sou essa garota que todos querem que eu seja.

Eu sou eu.

Maria Eduarda Porto
Turma 84

# Viva como se fosse uma despedida porque é...

O dia começa cedo. Não querendo acordar para essa realidade cruel, me viro para todos os lados na cama me perguntando se vale a pena continuar.

Sem muita escolha, me acordo e entro na minha outra realidade, que é o celular. Nesse mundo são coisas bem diferentes da nossa realidade: danças, vídeos, entretenimentos, coisas para se distrair um pouco. Depois nesse meio tempo no celular abro a janela do meu quarto para entrar um pouco de sol e ar fresco, arrumo minha cama, e logo depois ouço minha mãe dizendo que o almoço está pronto

Minha maior motivação para continuar é minha família, meus sonhos, mas às vezes nem a nossa maior motivação nos apoia ou nos faz bem. Na maioria das vezes, são coisas toleráveis, mas que machucam e vão rasgando a camada do seu coração que ainda não está machucada.

Depois que sai do meu quarto, minha irmãzinha veio me abraçar – o carinho de uma criança é a coisa mais pura no mundo inteirinho. Abracei ela muito, muito feliz, coloquei ela na cadeirinha e fomos almoçar junto com a mamãe. Meu pai chegou da caminhada, trouxe algumas coisinhas para fazermos um café, mas no final ficou de acompanhamento.
Almoço, escovo meus dentes e lavo meu rosto, e só assim começa realmente o dia. Eles têm sido muito cansativos e exaustivos, mas digamos que virou uma coisa que já me acostumei de alguma forma, o desânimo tem tomado conta de mim por inteiro. É uma coisa que não tem explicação, mas é bem ruim e desgastante, só quem sente isso sabe como é horrível, mas vai de cada pessoa. Bem, hoje em dia a rotina mudou um pouco, agora minha irmãzinha vai pra creche bem cedinho, ela já se acostumou, mas no começo foi bem difícil pra ela.

Enquanto estou escovando os dentes, lembro dos deveres da escola e tudo mais. Vou na garagem, na frente da minha casa tem uma árvore muito linda e grande que existe há muitos anos. A cada estação ela muda de cor. Depois de apreciar aquela linda e delicada árvore, coloco a roupa para ir para escola, saio de casa e dou tchau para a minha família. Chego na escola e encontro minhas amigas, vamos para o refeitório, acompanho elas, conversamos um pouco da matéria do dia e temas e coisas da aula.

Uma das coisas que eu mais aprecio na minha vida é a natureza, a coisa mais linda do mundo todo. A escola é um lugar que me sinto muito bem, não gosto de ficar em casa, então esse tempo na escola é valioso pra mim. Depois da escola, chego em casa e a minha irmã já chegou da creche. Não gosto de crianças, a minha irmã é a única que eu cuido, e depois de ficar um tempo com ela dou uma arrumada na casa, gosto de arrumar as coisas e deixar tudo organizadinho.

Chega a noite, tenho muitos pensamentos sobre meu futuro e os meus sonhos. Meu maior sonho é morar sozinha e ter minha independência, e na maioria das vezes é assim. Às vezes é pior ou mais chato, mas já me

acostumei com isso. Antes discutia muito com meus pais, mas descobri que ouvir é melhor, essas coisas faladas doem muito e como vou guardando vai virando raiva, mas tá tudo bem. Até porque são coisas normais que acontecem na maioria das vezes.

Um tempo depois meu pai chega, dou um abraço bem forte nele, durante o dia sinto muita falta do meu pai.

Depois de tudo isso ocorrido no dia vou dormir, mas demoro um pouco até porque os pensamentos ficam bem altos. Bem, a maioria das vezes é isso. Sou muito grata por tudo na minha vida, a única coisa que eu não estou suportando mais é esse desânimo, mas acho que com o tempo vai passando.

Isadora Cardoso Machado
Turma 82

## Mulher menina

Quando eu vim para o mundo, eu vim com um objetivo: movimentar o mundo! Ele está com muitos fatalismos e tem muitas guerras, morte, fome e pobres. Mas tem gente ajudando o próximo, doando roupas e comida, e conforto.

Eu  me chamo Maria Laura. Eu sou mulher menina pois tive que amadurecer  rápido, porque fui mãe cedo demais. Com 16 anos, já tinha minha filha e eu amo ela demais!

Hoje em dia, as pessoas deixam muitas coisas pra trás, como por exemplo os estudos. O que mais gosto de fazer é passar o dia com minha filhota, porque o tempo voa!

Maria Laura Barcelos Meireles
Turma T41

## Minha vida

Quando vim para Porto Alegre, tinha 14 anos. Era da localidade de Dois Irmãos das Missões, no Rio Grande do Sul. Comecei a trabalhar muito cedo. E daí vem a minha revolta sobre o trabalho que eu já fazia: limpeza, serviços gerais. Hoje em dia, em geral, não somos valorizadas. É por isso que eu estou estudando, para conseguir um emprego melhor, para ser mais valorizada.

Continuo no serviço de limpeza e de diarista. E muitos erros nesse Brasil me revoltam. No ônibus lotado, as pessoas não respeitam ninguém, o palavrão é direto. Na vizinhança, muita fofoca.

Mas tem uma coisa importante que aconteceu na minha vida. Veio uma vontade grande de estudar. Me orgulho de ter força de vontade de estudar novamente! Quando era mais jovem, na época, em 1979, não tinha professora lá no interior.

Não estou satisfeita ainda porque estou decidindo meu futuro. Creio que vou acertar!

Hoje sou uma mulher de Deus. Conheci Jesus na Igreja Universal e sou feliz. Ele me deu essa felicidade e anda comigo. Amo meu trabalho espiritual, ganhando almas para meu Deus. Sendo discípula de Jesus Cristo, me tornei uma nova mulher.

Elisete Barbosa
Turma T62

## Há muito ainda a fazer e conquistar

Quem sou eu?
Eu sou Ivaneis, tenho 46 anos e tenho dois filhos, de nome Kauã e Nicoli. No momento estudo, trabalho, faço academia e cuido da casa. Estou casada há dois anos. Ele se chama Juares e tem dois filhos do primeiro casamento, Angélica e Patrik. Moramos todos juntos, mas já fiquei casada com meu primeiro marido por 18 anos. Fiquei separada um ano e pouco e agora estou muito feliz com meu novo companheiro.

Que mundo eu vivo?
Eu acho que vivo num mundo onde as pessoas que têm um pouco mais não dão atenção para as que têm um pouco menos e acham que são mais que os outros. Eu acho que tem muita desigualdade, racismo e preconceito com as pessoas que vivem nesse mundo. E é muito ruim.

Que horas são na minha vida?
Na minha vida é hora de recomeçar tudo o que eu tinha vontade de fazer e não tinha apoio. Só agora que conheci uma pessoa que está me ajudando muito, e me incentivando também. Antes não trabalhava fora, hoje trabalho e faço academia e estudo, nada disso eu fazia, só cuidava da casa e filhos. Estou muito feliz, e tenho muitos planos na minha vida, que quero fazer ainda e conquistar.

Ivaneis Moraes
Turma T41

# É hora de recomeçar sempre

Quem sou eu?
Meu nome é Lindair da Silva, tenho 58 anos, sou brasileira e viúva há nove anos. Tenho duas filhas e uma netinha. Sou cabeleireira e, entre os meus hobbies, adoro ouvir músicas, sou bem eclética.
Minhas qualidades: sou determinada, caprichosa, alegre e de bem com a vida, proativa. Meus defeitos: sou um pouco desorganizada e tenho manias de guardar coisas.
Meu sonho é terminar meus estudos.

Em que mundo eu vivo?
Este é o mundo em que eu vivo: um mundo cheio de preconceitos, mundo cheio de injustiças, que perante meus olhos sorriem para não mostrar o que realmente sinto.

Que horas são?
Na minha vida, é hora de recomeçar sempre, horas de dar continuação na vida, tanto faz, às 12 horas ou às 18 horas ou 00hs. A hora é nós que fazemos e teremos sempre que fazer o melhor...

Lindair da Silva
Turma T41

# É preciso manter a esperança viva!

Em 1982, eu e minha família nos mudamos para a Lomba do Pinheiro e naquela época era bem diferente de agora. Toda a Avenida João de Oliveira Remião era de chão batido, as árvores chegavam a ser marrons de tanta poeira.

Morávamos na parada 21, as casas, os armazéns (como eram chamados), os mercados e as madeireiras eram muito distantes uns dos outros.

Uma lembrança que tenho até hoje é de quando terminava o gás de cozinha, meu pai colocava o botijão vazio em um carrinho de mão, e eu sentava em cima; era muito divertido, íamos juntos comprar outro até a parada 19. Lembro que minha irmã tinha mais ou menos quatro anos e não gostava de ir junto, preferia ficar com a mãe. Meu pai sempre comprava alguma coisa para ela, e eu ficava muito brava por que ele sempre levava o salgadinho de palito que ela gostava, e eu gostava do *Ruffles,* mas ele dizia que eu tinha ido junto, dado um passeio e a mana tinha ficado em casa; eu não conseguia entender, mas tudo bem.

Meus estudos iniciaram na Escola Araçá, depois passei para a Escola Saint Hilaire, Escola Onofre Pires e Escola Doutor José Inácio Ferreira, no bairro Partenon. Em 1991, parei de estudar, pois estava grávida da minha filha primogênita, então me dediquei à casa, marido e filha, e em 1995 já estava à espera da segunda filha.

Hoje a mais velha está com 30 anos e é formada em Pedagogia. A segunda filha tem 26 anos, é formada em Hotelaria e está concluindo técnico em enfermagem. Esperei elas crescerem um pouco e fui trabalhar, mas sempre as deixei em boas mãos, com a minha mãe.

2004 foi o ano que eu me separei e retornei para a Lomba, construí uma casa no terreno do meu pai, o que não deu certo. No ano de 2006 estava casada novamente e graças a Deus, com uma pessoa maravilhosa, um ótimo marido, pai, amigo e companheiro.

Para nossa alegria, em 2011 nasceu nossa filha Manuella. Foi uma gestação bem difícil, tive algumas complicações de saúde que levaram ao parto prematuro de 6 meses. Graças a Deus deu tudo certo e hoje está uma mocinha, com 11 anos, cursando o 6° ano na Escola Saint Hilaire, na qual trabalho há oito anos.

Comecei por uma terceirizada em 2014 que ficou até 2020, em 2021 a Prefeitura abriu um edital de uma contratação temporária de 6 meses. Depois renovamos por mais 6 meses, e agora em 2022 da mesma forma.

Com toda organização e exigência da Prefeitura, tive que me matricular na EJA, pois era pré-requisito ter o Ensino Fundamental completo, ou estar cursando. Então para garantir a vaga, me matriculei e voltei a estudar. Já estou na T6 e daqui a pouco estarei com essa etapa concluída.

Nesses oito anos tive muitas conquistas: temos nossa casa própria, meu carro, minha CNH... Nossa, tanta coisa boa. Isso falando somente na conquista material, fora a espiritualidade, o quanto evoluímos e crescemos como pessoas, portanto tenho somente gratidão.

Ah, e a Lomba? A Lomba melhorou muito, evoluiu imensamente, mas tenho certeza que ainda pode melhorar mais, principalmente na parte da saúde, pois são tantas crianças e idosos que necessitam de atendimento e isso nem sempre acontece por falta de médicos ou até mesmo medicações. Mas não podemos perder a esperança, temos que fazer valer o nosso voto nas eleições, ouvir as propostas apresentadas, procurar informações e votar consciente para termos uma Porto Alegre cada vez melhor.

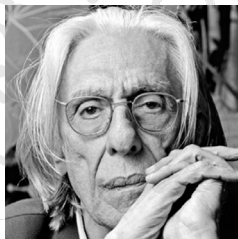
Rejane Mendes Trindade
Turma T62

CAPÍTULO 3

# INTERTEXTUALIDADES:
## ENTRE A POESIA E A MITOLOGIA

A língua e a literatura têm sido reconhecidas, historicamente, como um espaço simbólico e privilegiado de constituição da identidade de uma nação. Acessar o patrimônio cultural e literário produzido em uma língua é uma das formas de reconhecer-se como parte de um povo, uma cultura, um território, Na escola, proporcionar o contato dos estudantes com obras e autores consagrados da literatura nacional é permitir o encontro entre estes estudantes com o seu patrimônio cultural. Na proposta *Intertextualidades*, mais do que receber passivamente os textos literários, os estudantes dos oitavos e nonos anos foram instigados a produzir releituras que refletem, provocam e dialogam com autores e obras.

Profª Daniele Gualtieri
Língua Portugesa

# DIALOGANDO COM FERREIRA GULLAR

## Solidão com solidão - solução?

Uma parte de mim
é sorridente e falante
outra parte é quieta e séria
um ciclo sufocante.

Uma parte de mim
é desejo de ser rodeada
outra parte prefere ser isolada.

Resolver solidão com solidão
- que depende de querer ou não -
será a melhor solução?

Isabelly Alves dos Santos
Turma 93

## Meio-dia e meia-noite

No meio-dia
Eu sou alegre e feliz
À meia-noite
Eu sinto minha felicidade se ir

No meio-dia
Eu estou muito acordada
À meia-noite
Eu durmo sem pensar sobre nada

No meio-dia
Conversa com minhas amigas
À meia-noite
Me sinto sozinha

No meio-dia
Estudo na escola
À meia-noite
Durmo enrolada, como uma bola
Minha vida é uma balança
Numa hora tô de um jeito
E noutra, tô de outro.

Vitória Osório Rodriguez
Turma 83

## Partes do meu mundo

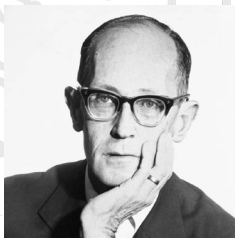
Não sei quantas partes de mim
Estão sem fundo
O quanto não existe mais todo mundo
E o meu mundo está tão fundo

Não tem partes vivas
Sozinha, carrego meu vazio
A multidão foi uma fantasia
Nunca existiu todo mundo
Sozinha, no meu mundo

Partes divididas pelo mundo
Meu mundo está despedaçando
Minhas partes voando
O ar está com cheiro de memórias

A minha parte que está vendo o fundo
Se alimenta de memórias para continuar viva
antes de dormir, lembra de todas
Sonhar com isso me faz ver um fundo
Existiu todo mundo?

Laiza Pereira
Turma 92

# DIALOGANDO COM CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE

## Cidade grande

Pessoas entre bairros
bairros entre avenidas
vidas expressas, viver.

Um espaço grande demais.
Um espaço ocupado demais.
Um espaço vazio demais.

Espaço... eles admiram
Vida ocupada, mas vazia.

Gabriela Padilha e Jullia Justo
Turma 91

## Que cidadezinha, hein?!

Ruas entre prédios
Pessoas entre carros
Gritar, tumultuar, tentar

Uma mulher vai protestar
Uma negra vai protestar
Uma gorda vai protestar
Protestar... eles oprimem

Eta cidadezinha preconceituosa...

Eduarda Dias, Kamilla Menezes
Turma 91

## Cidade agitada

Muros pichados
Cartazes fixados
latidos, buzinas, viver

Mulheres vão trabalhar
Homens vão trabalhar
Crianças vão estudar
"Devagar"... o dia passa

Bah, que cidade agitada.

Ketellem Gomes, Nathalia Dias
Turma 91

## Uma cidade abandonada

Um ritmo lento
uma vida triste
uma morte dolorosa
uma mordida infecciosa
uma vida quase eterna
um corpo andante

Um prédio destruído
uma vegetação grande
uma lata vazia
um mercado tomado
um rio tranquilo
uma fogueira aconchegante
um barulho arrepiante
uma horda gigante
uma arma descarregada
uma faca ensanguentada
uma fuga mal ocorrida

uma última tentativa
uma rua sem saída
uma respiração ofegante
uma alma desesperada

uma morte desalmada
uma cidade silenciosa.

Uma vida curta e triste, que pena.

Luiz Gustavo Figueiró
Turma 93

## Expectativa

Enquanto caminho em minha cidade
Olho para a multidão em minha volta
Mulheres, homens e crianças
Sem preconceito e desigualdade
Todos juntos em sociedade

Amizade e alegria
Paz e amor
Respeito e igualdade

Uma cidade linda de se ver
Todos em segurança
Sem pobreza, sem tristeza

Um dia irei morar nesta cidade.

Joice Araújo
Turma 92

## Vida em Nova York

Uma multidão me cerca
Com olhares malignos
Observado por toda parte
onde ando, parece que aqui
não é o meu lugar.

Pessoas tão ocupadas
que não têm tempo
nem sequer de se cumprimentarem

Talvez essa desatenção
Seja pela minha cor de pele
Porque sempre que vejo
Alguém diferente de mim
O mesmo não demonstra
Interesse em ser prestativo
comigo naquele momento.

Ah, isso é tão triste
Os olhares que nos pisam
Ainda chicoteiam a nossa alma.

Alessandro Flores
Turma 92

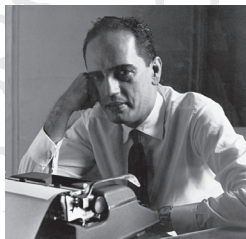
## Cidade iluminada

A lua sobre a cidade
ilumina ruas e avenidas
transformando as sombras
em luzes coloridas.

Jogando pelas calçadas
suas estrelas brilhantes,
são diamantes
são brisas suaves que passam
são vento na vidraça
são lembranças doces
são sonhos com se fossem
uma eterna… realidade

a minha cidade.

Luana Proença
Turma 92

# DIALOGANDO COM RICARDO RAMOS

## Repetição

Acordar, levantar da cama, reclamar da segunda e da semana, escovar os dentes, comer algo, ajudar minha avó, tomar banho, colocar uma roupa, almoçar, chamar meu primo, vir pra escola. Reclamar mais um pouquinho, depois ficar feliz porque estou na companhia dos meus amigos, ficar com fome, ficar pedindo comida, estudar e estudar, tentar focar na Matemática. Voltar pra casa, ficar um pouco chateada, ficar no celular até minha mãe chegar, comer os doces que minha mãe traz pra mim, ficar com a minha família ou pelo menos tentar, jantar, dormir.

Mariah Clara Dias Paz
Turma 92

## E por falar em rotina...

Levantar, correr ao andar, atrasei. Preciso estudar. Escovar, tomar banho, correr, abrir a porta, preciso entrar. Escrever, anotar, responder, pegar a borracha e apagar, errar, continuar, estudar. Pausar, vou me alimentar, comer, descansar. Voltar, pegar, não parar, escrever. Passar o tempo, sair, correr para chegar, chegar e descansar.

Laiza Pereira
Turma 92

# MITOS E LENDAS: REESCRITAS E RELEITURAS

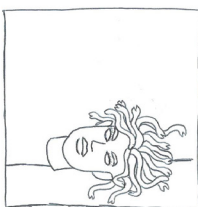
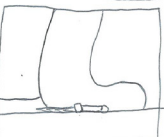
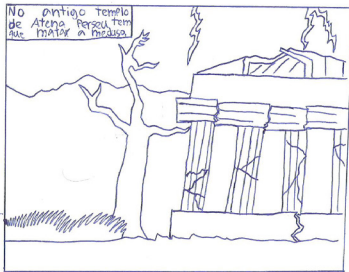
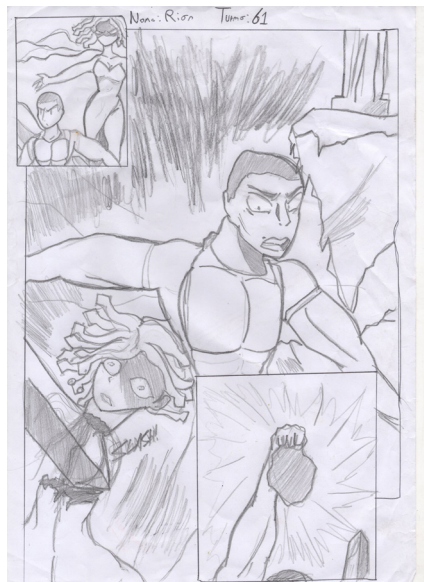
Os mitos (do grego *mythós*), são narrativas fantásticas que tentavam explicar o mundo e os homens. Cumprem o papel de ensinar, através de estórias repletas de simbolismos, lições de como viver e se relacionar com a natureza. Com o desenvolvimento da Filosofia, a mitologia foi sendo progressivamente substituída por uma explicação mais lógica do mundo.

Muito do que sabemos sobre Mitologia nos chegou pelos registros de poetas e filósofos. Através de obras de autores como Homero e Hesíodo, o universo fantástico da mitologia grega chegou aos nossos tempos. E assim, descobrimos sobre Pandora, Perséfone, Minotauro, Hércules e tantos outros personagens fascinantes.

A Mitologia Grega foi um dos assuntos abordados durante as aulas das turmas de Correção de Fluxo, e também nas turmas de sétimo ano. Trabalhamos alguns mitos, entre eles Pandora, Medusa e o Minotauro. Ao trabalharmos Pandora e Medusa, fizemos a leitura, a interpretação e a contextualização dessas estórias, trazendo à discussão tanto o papel delegado à mulher na sociedade grega antiga quanto o reflexo desse papel na sociedade contemporânea. E, ao trabalharmos com o Mito do Minotauro, fizemos uma reflexão acerca do significado do Mito, discutindo sobre os papéis de vítimas e heróis. Os alunos das turmas de Correção de Fluxo fizeram releituras desse mito, trazendo ao texto novas versões.

Além dos mitos, também trabalhamos com outras narrativas fantásticas pertencentes ao imaginário popular. O conto apresentado é uma releitura de uma famosa lenda urbana.

Profª. Adriana Ávila Bleggi
Língua Portuguesa

# O mito de Medusa

João Vittor de Diogo
Turma 61

Rian Ariel Rodrigues Leal
Turma 61

## O mito de Pandora

Cristiano Nogueira
Turma 74

Rafaela Santos
Turma 74

## Minotauro vai ao supermercado

Era um dia normal na vida de Rian. Ele estava no mercado, fazendo suas compras básicas: abacaxi, maçã e cinco tomates. "O abacaxi e a maçã são para consumo; e os tomates são para culinária". Se pôs a sorrir, passou no caixa e dirigiu-se à porta do estabelecimento.

Eis que, do nada, abriu-se um portal interdimensional que levou Rian para...

O Mito do Minotauro

Rian, ainda meio atordoado, chegou em Creta. Imediatamente, foi abordado por guardas reais, e sua punição por invadir o reino de Creta é ser jogado no Labirinto. Ao ser jogado lá, o Minotauro apareceu, e o atacou sem piedade. Porém, antes do ataque final, um tal Teseu ouviu seus gritos e salvou Rian das garras da fera. Tremendo de medo, Rian correu, e ao correr deixou cair seus tomates, aqueles para uso culinário. Os tomates rolaram portão abaixo. "Arranhado pelo Minotauro, sim; mas sem meus tomates, não "E lá foi Rian, esgueirando-se portão abaixo atrás dos tomates. Ao pegá-los, viu novamente o mercado. Voltou tranquilamente para a fila do caixa. Lembrou-se que não havia pego o troco.

Rian Ariel Rodrigues Leal
Turma 61, Correção de Fluxo e Volância

## Quem tem um Minotauro faminto, tem medo

Minos estava vivendo em seu castelo, e tudo acontecia normalmente. Um belo dia, ocorreu algo muito estranho: apareceu um lindo touro branco. E, sua beleza impressionou o rei e a esposa dele. Dias depois, o rei Minos recebeu uma carta que dizia:

"- Amado rei, tenho más notícias. Alguém amaldiçoou a sua esposa. Ela irá se apaixonar pelo touro". O rei, ao ler isso, lembrou do porquê de sua esposa estar agindo estranhamente nos últimos dias. O rei havia ordenado que se executasse o touro branco, e os soldados do rei cumpriram a ordem. Mas, já era tarde demais. A esposa do rei engravidou do touro.

Então, a criança nasceu, e o rei prendeu sua esposa em uma cela com a criança. Construíram em volta da cela um labirinto, para que eles ficassem presos ali. A criança-touro crescia, e sentia muita fome. Cresceu tanto que nenhuma comida chegava para sanar sua fome. Então, já adulto, exigiu que lhe mandassem seis pessoas para serem devoradas por ele. Se não mandassem, sairia do Labirinto e procuraria comida por toda Creta.

Um tal herói, chamado Teseu, soube que havia um monstro que devorava pessoas e ameaçava a cidade. Então, Teseu foi lá onde ficava o Labirinto, e se propôs a caminhar por dentro dele até encontrar o Minotauro. Lá chegando, viu uma menina muito jovem e bonita. Ela era a filha do rei e chamava-se Ariadne. Ela foi muito gentil com Teseu, lhe ofereceu comida e também um fio de linha. Disse a Teseu que usasse o fio ao entrar no Labirinto. Assim, ao percorrer o caminho, Teseu ia soltando o fio. Era uma boa maneira de não se perder naquele lugar.

Teseu cumpriu sua missão. Encontrou o Minotauro, e a batalha foi grande. O bicho era forte demais, mas Teseu era mais esperto. E assim, Teseu venceu a fera, desferindo um golpe certeiro no coração do Minotauro.

Teseu voltou, seguindo o fio de linha dado por Ariadne. Ao encontrá-la, agradeceu e a levou consigo. A menina havia se apaixonado por ele, e ela jurava que iriam viver felizes para sempre, bem longe de Creta. (Mas isso é uma outra história).

Kauã Lemos
Turma 61, Correção de Fluxo e Volância

## Minotauro vem para o café

Era uma vez um ser chamado Minotauro. Ele tinha corpo de humano e cabeça e rabo de touro. O Minotauro tinha uma beleza que atraía as mulheres (além de ser saradão), e fazia com que todas se apaixonassem por ele.

Um belo dia, o Minotauro estava passeando pelo reino. A rainha o encontrou e logo se apaixonou por ele.

– Qual é o seu nome, belo homem(!?)? Perguntou a rainha.

– Meu nome é Minotauro.

– Vamos marcar um café? Perguntou a rainha.

– Vamos! Respondeu o Minotauro.

A rainha logo marcou o café para uma terça-feira. Porém, o rei, marido dela, ficou sabendo disso, e deu um jeito de dizer ao Minotauro que o encontro seria segunda-feira. Rapidamente, o rei mandou construir um Labirinto enorme, com apenas uma entrada e uma saída praticamente impossível de se encontrar.

Chegou o dia do encontro e o rei mandou uma carta para o Minotauro se fazendo passar pela rainha. Na carta, dizia que o encontro seria no castelo, entrando pela construção nova da cidade, o Labirinto. O Minotauro aceitou, e partiu para o encontro feliz da vida.

Ao passar pelo Labirinto, o Minotauro entrou em uma armadilha. Portões se fecharam ao seu redor e ele ficou preso. "Tirem-me daqui! Não posso perder meu café! Esqueci de dizer que tem que ser descafeinado e sem açúcar! Estou de dieta!".

João Raphael da Silva de Moraes
Turma 61, Correção de Fluxo e Volância

## A loira do banheiro transformada em sereia

Um dia eu estava na escola, e pedi para a minha professora para ir ao banheiro. Chegando lá, vi algo estranho saindo do vaso sanitário (e nem era o que vocês estão pensando). Era uma loira, e só podia ser a loira do banheiro.

Corri para a minha sala e contei para os meus colegas, mas não acreditaram em mim. Um outro colega pediu para ir ao banheiro. Chegando lá ele viu. Mas já não era apenas a loira do banheiro. Era a loira do banheiro com uma cauda de sereia!

Ela saiu do banheiro, foi para o refeitório, assustou as cozinheiras e abriu as panelas. Ficou furiosa porque estavam fazendo peixe naquele dia. Deu um berro enorme de brava e revirou as prateleiras, comendo tudo o que tinha no refeitório. Ela estava com uma fome absurda.

A loira-sereia não parava de crescer. Ela destruiu toda a escola porque não passava pelas portas. Só queria mais e mais comida, e não parava de crescer. Arrebentou o portão da escola e saiu pela Lomba do Pinheiro. Foi parar lá na parada 16, no Zanella. Entrou supermercado adentro colocando abaixo todas as prateleiras atrás de comida. Quanto mais comia, mais crescia. Assim, ela iria dominar o mundo de tão grande!

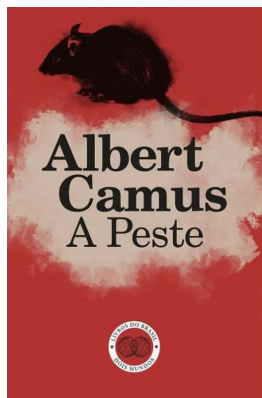
Ela queria mais e mais comida. Saiu do Zanella e devorou o que tinha nas lancherias ao redor. Depois, foi para a parada de ônibus esperar o Bonsucesso. Disseram para ela que na Bento Gonçalves tinha um supermercado maior.

David Camargo
Turma 61, Correção de Fluxo e Volância

CAPÍTULO 4

# CONTOS FILOSÓFICOS
## SOB O SIGNO DA COVID 19

Albert Camus (1913-1960) foi um filósofo existencialista franco-argelino, ativista da resistência à ocupação alemã na França e que militou em periódicos de esquerda. Em 1957 recebeu o Nobel de Literatura com o livro *A peste* em estilo de romance filosófico. Sua obra é marcada pela crítica aguda à submissão ao meio e a busca de sentido da existência humana

*A Peste* foi escrita no contexto da II Guerra Mundial e narra o surgimento de uma epidemia de peste bubônica transmitida por ratos e que invade a cidade de Orã, litoral da Argélia na década de 1940. A partir de um médico chamado Bernard Rieux descreve, ao longo de 10 meses, como a população e as autoridades reagem, indo da apatia à ação, do negacionismo a justificações religiosas para o flagelo, da xenofobia à banalização do sofrimento humano.

O livro é na verdade uma poderosa metáfora para denunciar o nazismo e a ocupação militar alemã na França, representada pelos ratos e pela doença por eles propagada e de como se aceita ou se reage a isso. O vírus que penetra não apenas nas células, também coloniza o imaginário e essa é, portanto, uma forma de destacar o papel da ideologia na construção da consciência social. É, essencialmente, um livro de revolta contra a aceitação da morte causada por regimes totalitários. Esse foi o ponto de inspiração inicial do que se lerá aqui. Apresentei Camus e *A Peste* para as turmas dos nonos anos e os desafiei a escreverem um Conto Filosófico ambientado no contexto de vigência da Covid-19, portanto trazendo a contemporaneidade para o primeiro plano.

Importante dizer que essa foi a culminância de um estudo sobre a emergência do neofascismo e ampla gama de conhecimentos foram trabalhados e debatidos em sala de aula, o que criou um caldo de cultura e substrato para as análises. Afinal, estamos não apenas sob surto do novo coronavírus, mas com um país "ocupado" por grupos neofascistas, destinando ódio e intolerância, o autoritarismo e a negação da ciência e do papel da educação e da cultura e, sob o terror, a morte como projeto

político, com o lema conservador da defesa de “Deus, pátria e família”.

Para a produção dos Contos, com algumas turmas na escola organizei um espaço e ambiente para a escrita criativa, com uma trilha sonora afim, dezenas de cartões postais e amplo espaço, sem classes ou cadeiras, sob um tatame para que pudessem sentar ou deitar. As produções passaram pela leitura crítica e pela reescrita por parte deles/as e foram digitadas pelos próprios estudantes. Em função do espaço possível na publicação, selecionei alguns desses contos, que são representativos do trabalho realizado com as turmas nos nonos anos.

Há neles algo que vejo como um misto de entre uma racionalidade que ganha corpo, densidade, amplia o vocabulário, expõe e desenvolve argumentos e ao mesmo tempo a familiaridade e liberdade no uso da palavra e no movimento de permitir-se dar asas à imaginação criadora - que se desloca no tempo e no espaço do período da pandemia da Covid-19, cria personagens, enredos, elege tensões na narrativa e. a partir de seus desdobramentos, busca uma conclusão possível. E há aqui a distinção que penso singulariza a dimensão filosófica: há uma voz na narrativa que faz associações com o vivido, extrai significados, defende teses, lança perguntas inquietantes, politiza por assim dizer a narrativa.

Quero crer que estes belos contos filosóficos tem uma potência de força regenerativa e de cura, porque o grau de empatia, sensibilidade social e criticidade dessa moçada faz algo essencial nesses tempos: acalenta nossos corações e nos faz crer que a esperança há de vencer o medo.

Prof. Marco Mello
Filosofia

Escaneie o QRCode e acesse a
**playlist** da Oficina de Escrita Criativa.

Estudantes das Turmas 91 e 92 na Oficina de Escrita Criativa de Contos Filosóficos – Foto: Marco Mello

## Próximo carnaval

22/02/2019. O clima anunciava o final do verão, as últimas ondas de calor faziam com que todos saíssem de suas casas em busca de uma brisa ou qualquer forma de se refrescar. Agitada e barulhenta era como a periferia se encontrava, com os postes decorados, as ruas sujas de copos plásticos e decorações baratas. Tudo isso era obra do carnaval, ou melhor, do final dele. Em meio a essa confusão, a família de Lucas retornava à sua casa, à frente da Dona Lúcia, mãe solteira de dois filhos, que cumprimentava a todos que por ela passavam. E as pessoas não falavam com ela como se fossem apenas vizinhos ou moradores próximos, mas sim grandes amigos com grandes vínculos. Bia, sua filha mais nova, olhava para tudo com receio, afinal não ter passado o carnaval na sua casa com seus amigos e vizinhos, fazia com que ela pensasse na situação.

– Mãe, a senhora tem certeza que está melhor? – disse ela com a voz trêmula e olhar preocupado.

– Óbvio, sentir o calor e a energia do meu morro não tem preço, não aguentava mais aquele hospital preto e branco.

– O que a mamãe precisa agora é descansar, venham. Felipe nos espera em casa, – disse Lucas, cortando o clima triste que estava prestes a se criar.

Felipe era o primo de Lucas e Bia, sobrinho de dona Lúcia, que havia sido expulso de casa pela sua mãe após ceder às tentações do Morro da Cruz, afinal nem tudo ali era festa e alegria.

13/05/2019. Meses haviam se passado, os momentos em que Lucas e sua família passaram juntos e despreocupados não foram em abundância, mas aqueles pequenos momentos bobos em que todos se reuniam no final do dia para compartilhar com o resto da família seus feitos da semana, ou os churrascos de domingo, faziam eles se sentirem uma família normal, sem raça, sem *status*, sem qualquer característica que poderia ser taxada como minoria.

Mas esses momentos infelizmente acabaram, pois a notícia de que um vírus mortal havia chegado na cidade em que moravam foi devastadora, como um tsunami que levava consigo qualquer esperança de uma vida calma, a Covid 19, um nome que passou a ser temido por todos naquela casa. Dona Lúcia havia proibido essa palavra, se referiam à doença como o "inimigo". Bia e Felipe acharam a ideia uma bobagem de início, afinal para eles era apenas uma gripe. Lucas temia pela mãe, que de todos ali era a que a Covid mais afetava.

As escolas e comércios não essenciais foram fechados e todos na cidade já usavam máscaras, mas na periferia não podiam se dar ao luxo de ter água encanada todo dia, o que diria máscaras e álcool em gel...

Para todos que ali moravam, o inimigo não era um vírus e sim um homem engravatado que não dava apoio nenhum para se defender dele.

23/11/2019. O silêncio ensurdecedor dominava o morro, as mortes causadas pelo inimigo só aumentavam, batendo de porta em porta, de casa em casa, levando um ente querido consigo. E na casa de Lucas não seria diferente. Infelizmente Bia entrou em contato com o vírus, que foi transmitido a Dona Lúcia. E ir a um hospital particular estava fora dos planos, um público, então... mal cabiam os médicos, a única saída da família era esperar que a visita do inimigo fosse embora, sem levar ninguém consigo. Lucas entrava em desespero, sua mãe era seu porto seguro e sua irmã a sua base. Bia se sentia culpada, afinal, supostamente ela foi quem havia trazido o vírus consigo. Felipe havia voltado para o crime para poder ajudar sua família e mãe biológica. As semanas se passaram e toda alegria que naquela casa havia ido embora. E Dona Lúcia não conseguiu resistir ao inimigo. Bia entra em desespero e divide seu pensamento com seu irmão:

– Se eu não tivesse saído, ou se tivéssemos colocado ela em um hospital particular, ela ainda estaria aqui.

– Não podemos ficar nos martirizando, a mamãe se foi. No lugar onde ela deu seu primeiro suspiro e seu último sorriso, ela escolheu ficar, e o que nos resta são as lembranças e todos os momentos em que passamos juntos. – responde Lucas com os olhos cheios de água.

23/09/2022. Talvez com um governo diferente ou uma sociedade diferente a família de Lucas e outras milhares de famílias não precisem passar por isso, mas esse não foi o caso. Se Dona Lúcia morasse em outro lugar ou fosse uma pessoa diferente, ela estaria viva? Essa é uma pergunta que estatísticas podem responder, mas agora ela é apenas mais um número, uma negra morta entre tantas outras pelo inimigo, e a família de Lucas é só mais uma entre tantas outras.

Mas, se lutarmos contra esse círculo vicioso talvez um novo carnaval possa acontecer, ser construído por nós, nas ruas, e ninguém mais sofra pelas irresponsabilidades de um inimigo. Seja ele um vírus ou um homem engravatado.

Jullia Justo Bueno
Turma 91

## Medo, perda e superação

"Estamos quase sem suplementos médicos'', diz a placa na frente da enfermaria. A Casa de Saúde Chicago Hope, localizada no Sul do Brasil, está passando por inúmeras dificuldades devido ao período da pandemia: sem remédios, apenas dois ou três quartos hospitalares disponíveis e sempre

chegando cada vez mais pacientes atingidos pela Covid-19. Enfermeiros e enfermeiras dando suas vidas para salvar outras. Com esses diversos problemas, não podemos esquecer de destacar Deise, a mais nova gerente desse pequeno hospital de emergências. Deise é enfermeira, tem 44 anos de idade, é solteira e sem filhos. Graças ao seu esforço, o Chicago Hope está aberto, salvando vidas.

Aos 27 anos, Deise não aguentava mais ter que ir ao metrô e ainda pegar um ônibus para conseguir ir ao único hospital. Com sua determinação, Deise se deu o trabalho de ir atrás de seu diploma de medicina e abrir essa clínica fora da cidade, onde hoje se passam esses problemas por ser no interior e por causa da COVID.

Deise dorme e acorda cansada, rodeada pelas dificuldades que a clínica está passando, mas o que lhe causa mais tortura é ver seu sobrinho de apenas quatro anos de idade internado, sofrendo por causa dessa terrível doença.

Sete dias após tanta correria, recebe a notícia que nenhum medicamento chegou, e os pacientes estão piorando, principalmente seu sobrinho. Sendo assim, ela entra em desespero, decide arrumar algumas coisas e ir atrás dos remédios que estão em falta, mesmo sabendo que a viagem será longa. Deise deixa suas responsabilidades nas mãos dos outros enfermeiros para tentar amenizar a situação dos pacientes enquanto ela não está. Após oito horas de viagem, chega ao destino e pega tudo o que precisava. No total eram cinco caixas médias com os remédios necessários. Passa pela longa estrada novamente. Ao chegar em sua clínica, é recebida pela maioria de seus colegas de trabalho na porta, com um aspecto de tristeza. Deise é informada que seu sobrinho tinha falecido duas horas atrás, por falta de remédios. Naquele momento, o mundo de Deise desmorona.

Ao longo de um mês de sofrimento e da perda de seu sobrinho, Deise está em pé novamente, só que agora mais firme e com propostas a cumprir. Reparou em tudo que estava acontecendo e que não era justo. E prometeu a si mesma que não ia deixar mais nenhuma vida ser perdida por falta de medicamentos. Pegou suas coisas e foi até o centro da cidade, onde ficava a Prefeitura, e exigiu falar com o Prefeito. Deise descreve tudo o que estava acontecendo, principalmente a falta de remédios, que pessoas estão perdendo suas vidas, que não é justo só porque a clínica dela é fora da cidade ser desmerecida, até porque há pessoas com a vida inteira pela frente lá. O Prefeito se comove com suas falas e manda aumentar os medicamentos necessários, informando que vai aumentar sua clínica, para manter os seus pacientes da COVID em conforto para que ocorra tudo bem.

Nove meses depois, Deise se encontrava numa situação de superação, sua clínica foi ampliada, ganhou apoios, os casos de COVID diminuíram, e a vacina para o fim dessa doença já começou a ser testada.

Com essa comovente história de Deise e toda sua trajetória, conseguimos tirar uma grande reflexão. Deise é uma mulher batalhadora, uma grande enfermeira, na sua batalha diária tem que enfrentar desafios

para representar sua profissão e de todos que carregam esse cargo tão importante numa sociedade.

Gabriela Padilha
Turma 91

## Protestantes anônimos

Três anos atrás ...

Nossas vidas nem sempre são perfeitas, ou acontecem do jeito que nós queremos, mas pelo menos temos nossas famílias e nossos trabalhos. E, com nossas lutas diárias para uma vida melhor, conseguimos prosseguir normalmente... pelo menos por enquanto.

Dias atuais ...

O vírus se espalhou tão rápido que quase não houve tempo de as autoridades iniciarem o confinamento e o protocolo de contenção contra a nova variante Covid-19. Quando se deram conta da realidade, o vírus já havia se espalhado por todos os lugares do Brasil e do mundo. Em alguns lugares a situação era feia, com milhares de infectados e mortos. O vírus deixava sequelas, para alguns, irreversíveis.

Apesar da Covid estar em torno de todos, havia alguns mais privilegiados que os outros. Os ricos, da elite, que viviam na alta sociedade. Essas pessoas ricas pagavam profissionais extremamente estudados e capacitados para desenvolver uma vacina que combatesse o vírus.

O problema é que o governo não disponibilizava a vacina para qualquer um, mas sim apenas para aqueles que podiam pagar por ela uma grande quantia em dinheiro. O sistema não se importava com a população, principalmente a população pobre. O povo estava apavorado e o mundo estava um caos..., mas, talvez, houvesse esperança!?

Muitos lugares foram atingidos pelo vírus, levando várias pessoas a óbito. Mas, em uma pequena cidade no Brasil chamada Corais, restavam quatro sobreviventes, um pequeno grupo de jovens que parecia ter sido escolhido a dedo e estava disposto a lutar contra as injustiças postas pelo governo, fazendo o impossível para conseguir a vacina contra a Covid-19 para toda a população.

Os jovens se juntaram e começaram a planejar como fariam para que seus direitos à vacina fossem assegurados. Suas maiores motivações eram a raiva e indignação contra o governo opressor e contra os ricos da alta sociedade, pois estes agiam como se o mundo não estivesse um caos. Já o atual governo achava que a vacina não era importante, mas se alguém quisesse usufruir dela teria que pagar muito dinheiro para isso.

Após algum tempo os jovens começaram a pôr em prática seu plano. Durante algum tempo eles espalharam cartazes pelas cidades, conscientizando a população de seus direitos, também picharam os muros da República e postavam várias críticas sociais contra o governo, tudo isso de forma anônima. As autoridades começaram a ficar preocupadas, pois não sabiam até onde isso poderia chegar.

O plano havia chegado na parte mais importante e arriscada: os jovens haviam invadido o servidor do Presidente e descoberto vários podres de vários políticos. Com isso eles montaram um vídeo com todas essas informações e acrescentaram várias críticas em forma de protesto. E fizeram o vídeo ser transmitido por todo o país através de uma rede de TV.

O vídeo teve um impacto tão grande que chocou a todos e fez com que o governo recuasse e voltasse atrás de sua decisão, disponibilizando a vacina para todos, usando isso também para "amenizar" a situação atual.

Grande parte da população começou a apoiar a causa dos ''PROTESTANTES ANÔNIMOS'' a partir disso, pois quando há um governo opressor, os protestos e oposição do povo contra isso é que faz a revolução acontecer.

Ketellem Gomes
Turma 91

## O mundo não é o nosso quarto!

Era 15 de março de 2020 e, antes de ouvir pela primeira vez a palavra pandemia, Yasmin estava feliz. Cursava o 7o ano da escola com suas amigas Maria, Raquel e Jennifer. Até aí, tudo ia bem... até que chegou um dia em que foi entregue um bilhete pela Secretaria da escola informando que as aulas seriam suspensas por quinze dias. Todos ficaram empolgados! 15 dias sem aula... quem não gosta, né? Mas, mal sabiam que esses "15 dias" seriam dois longos anos.

Se passaram 15 dias e nada de as aulas voltarem. Até que sai nos jornais que as aulas seriam suspensas por um tempo indeterminado, pois os casos da Covid haviam aumentado mais e, para evitar a contaminação, fecharam todas as escolas do estado.

Com os casos cada vez aumentando e pessoas morrendo, Yasmin ficou triste, pois não podia sair de casa e nem ver seus amigos. E foi assim que o uso do celular cresceu bastante, muitas pessoas usavam a internet para trabalho, e por isso foram criados *apps* para que os alunos pudessem estudar e ter aulas online. Porém, muitos alunos ou pais não tinham acesso à internet como os demais e foi aí que a escola preparou matérias impressas, o que foi mais fácil para todos.

O tempo foi passando, Yasmin foi se acostumando com essa

sua nova rotina. Ela e suas amigas aproveitaram esse ano como se não houvesse amanhã, matavam aula, quando não tinha aula, elas saiam juntas, entre outras coisas. Chegou o fim do ano e todas passaram, a pandemia não havia acabado mas tinha abaixado os casos. E assim se inicia mais um ano para Yasmin.

No começo da pandemia, Yasmin tinha apenas 13 anos e hoje se encontra com 15 e isso para ela foi muito estranho, pois 3 anos de pandemia para uma pré-adolescente não é nada fácil...

E com isso podemos ver que temos que conversar com alguém, sair, ver luz, ninguém consegue ficar em um quarto trancado sem sair, ver alguém respirar ar puro. O mundo não é o nosso quarto!

Fabiula Barbosa
Turma 91

## Entre a vida

No dia 26 de janeiro no ano de 2019 foi confirmado o primeiro caso de uma pessoa com a Covid-19, no Brasil, e todos pensaram que era apenas uma gripezinha de nada, que não ia ser contagioso, mas mal sabiam que isso tornou-se uma nova peste que mataria e contaminaria milhões de pessoas.

Se transformou numa febre pelo mundo todo e ninguém escapou dessa peste. Na verdade, alguns escaparam, apesar de ter contato com pessoas que tiveram Covid, mas muitos morreram por causa do psicológico de sua cabeça.

Muitos que acreditavam que era algo passageiro, viram o tão ruim que é sentir os sintomas dessa verdadeira peste, sentiram a dor das perdas de familiares, amigos e seus amados.

Foi um tempo horrível, até que foi criada a vacina para o Covid, que não era a cura, mas sim algo que faria o vírus não fosse mortal em você. Mesmo assim, metade da população não quis fazer, pois na cabeça deles isso era apenas uma vacina, que não ia mudar ou fazer efeito.

E essa pandemia durou dois anos, e hoje ainda temos aí, em pleno 2022. Isso lembra a peste negra que ocorreu em 1347 e durou até em 1353, cinco anos, causando mortes de 50 milhões de pessoas na Europa. Parece que o passado virou o presente.

Mas como eu vivi a pandemia?

Aconteceram muitas situações que afetaram os empregos das pessoas, principalmente no setor qual eu trabalho. Muitas empresas tiveram que demitir algumas pessoas por conta da pandemia e no meu serviço, infelizmente, não seria diferente. O RH me chamou e aí eu percebi que seria demitida e aí foi onde tudo desabou. Fiquei sem emprego, procurei outros

lugares onde poderia ter uma vaga, mas estava tudo fechado e acabei fiquei por casa, desempregada.

Fiquei muito abalada, mas me mantive calma, pois não queria entrar em desespero por conta disso. Quando cheguei, fiz as minhas tarefas de casa, me deitei na cama e fui mexer no celular. Vi que muitas pessoas começaram a trabalhar em casa, usando apenas o celular. Pensei que eu poderia tentar, mas não sabia se conseguiria trabalhar assim. Depois de dois meses, pensei em tentar abrir uma loja de roupas femininas e masculinas de marcas, em casa, e usando o celular. Nos primeiros dias não estava rendendo, mas com o tempo minha loja virou uma das mais pedidas do meu Estado e daí em diante foi tudo melhorando na minha vida. Minha loja ficou famosa, fiquei conhecida na internet por fazer vídeos, fiz parceria com outras lojas, meu salário que era de 900, passou a ser 5.600 por mês. Conheci meu marido pela internet e com o tempo fomos nos conhecemos pessoalmente. Hoje em dia somos casados e temos um filho de 5 meses, Luis Henrique.

Hoje minha vida é maravilhosa. Infelizmente não acabou a pandemia, mas ela já não é tão forte assim, já temos uma vacina e as pessoas conseguiram recuperar seus empregos de volta. Alguns acharam outros empregos novos e melhores. Já outras pessoas continuaram trabalhando em casa, como eu e meu marido.

Nisso aprendi que às vezes vai ter dias que tu vais pensar em desistir, mas terá dias que vai querer continuar. E para ter suas conquistas tem que ter suas perdas, foi isso que aconteceu comigo.

Perdi meu emprego, mas não desisti e continuei insistindo até que veio minha conquista, e foi assim que aconteceu. Para ter ou aprender tem que perder ou errar.

Heloisa Monique
Turma 91

## Como foi minha chegada ao Brasil

Estou aqui escrevendo minha história, de como foi minha chegada ao Brasil. No começo foi muito difícil, mas depois as coisas começaram a melhorar. Sou uma americana que, na época, tinha 22 anos, e viu uma reportagem que tinha uma pandemia muito forte no Brasil. Era 2020, eu era muito curiosa com as coisas novas e pedi para meu pai, Carlos, me emprestar seu barco, para que eu fosse para o Brasil ver o que estava acontecendo.

Meu pai ficou bem assustado, com medo do risco dele e eu própria morrermos com a pandemia. Mas ele me deixou ir. Arrumei minhas coisas, peguei água, comida, roupas e cobertores para me aquecer à noite e me despedi do meu pai.

Então fui. A jornada para o Brasil, é óbvio que eu sabia que não ia ser fácil, ainda mais de barco. Foram muitos dias, muitas noites, mas enfim cheguei! Logo vi um monte de pessoas, idosos e crianças usando máscaras, mas o mais estranho é que tinha muito pouca gente e o desespero bateu.

Cada vez que eu pensava em desistir, pensava no meu pai. Quando saí do barco, um senhor me disse para usar a máscara. Felizmente ele sabia falar inglês. Me ofereceu uma máscara, álcool gel. Como não tinha amigos ou parentes, também me ajudou a encontrar um abrigo.

Me hospedei em uma pensão, mas estava quase sem dinheiro. Muitos estabelecimentos fecharam e depois de muito procurar, encontrei um emprego e nele conheci o grande amor da minha vida.

Em 2024 a pandemia acabou, mas infelizmente teve um dia que recebi uma carta informando que meu pai tinha morrido devido à Covid-19. Fiquei muito triste. Mas lembrei dele e da vontade que ele sempre falava de que eu pudesse ser feliz. Hoje, em 2025, com 27 anos, tenho dois filhos e um marido maravilhoso que me ama e estou muito feliz morando no Brasil.

O que teria acontecido na vida dessa família se eu não tivesse escutado os apelos do pai e não tivesse viajado?

Essa foi a minha jornada e minha história no Brasil.

Vitória Nascente
Turma 91

## O estrago da pandemia

Do hospital para casa, enfrentamos o risco de contaminação e o medo de levar o vírus para nossas famílias. Perdemos pacientes e colegas, mas também comemoramos a cura de pessoas que amamos e muitas que cuidamos.

Mas, um paciente me marcou muito com o seu caso.

Um dia chega a ambulância e os socorristas retiraram rapidamente o pequeno Rafael, de 5 anos de idade, acompanhado por sua mãe, Carmem, e seu pai, Rodrigo, que relataram que o menino estava com muita falta de ar e acabou tendo uma parada cardíaca.

Ficaram desesperados, chorando por conta do estado do seu filho. Eu, Dra. Débora, fiquei responsável por cuidar do caso de Rafael. Após duas horas da parada cardíaca, pedi para fazer o teste da Covid-19. Rafael infelizmente testou positivo e rapidamente foi para o isolamento. Pedi para que os pais também fizessem o teste, e felizmente testaram negativo.

O menino ficou em um quarto isolado de seus pais, que não podiam nem ver o filho. Eu ligava para seus pais em chamada de vídeo e eles falavam com ele todos os dias, mas infelizmente aconteceu o pior.

Rafael teve duas paradas cardíacas seguidas e teve que ir para a UTI urgente e seus pais ficaram apavorados em casa. Sua tia veio ver o que

tinha acontecido. Infelizmente acabou indo a óbito e sua tia teve que dar a má notícia para os pais do pequeno Rafael…

Gustavo dos Santos Silva
Turma 92

## Um viajante do tempo

Sou Carlos, um viajante do tempo.

Aqui não vou falar sobre a pandemia que deixou de 600 mil mortos, dizem que acabou em 2022, e que na verdade não acabou. Vou falar sobre 2023, ano que teve outra pandemia, e infelizmente eles não conseguiram controlar a situação e criar uma vacina, o que acabou se transformando em um caos, e o vírus se transformou em um Apocalipse Zumbi.

Tudo isso se transformou e foi causado por conta de um vírus chamado H3N8, que levou as pessoas a morderem e comerem umas às outras. Essa variante se espalhou tão rápido que os cientistas não tiveram tempo para pensar em algum antídoto contra o vírus.

Estou aqui escrevendo do futuro, de uma próxima geração, para que se possa saber as coisas que aconteceram há 35 anos atrás, e que possam entender o que aconteceu. Hoje em dia tenho 56 anos, e estamos em 2059. Estou sobrevivendo, mas não sei até quando vou continuar vivo, enfrentando as catástrofes que esse mundo tem.

Tenho um filho com 19 anos, tive uma esposa, mas infelizmente ela não conseguiu sobreviver, acabou sendo mordida na perna, até tentamos amputar, mas infelizmente ela não sobreviveu. Às vezes sinto falta dela, pois foi minha melhor companhia durante anos. Minha única mulher, namorada e esposa que tive em toda a minha vida. Hoje meu filho é meu tudo, minha única razão por ainda estar vivo. Lutei por anos para proteger ele, e estou orgulhoso por ele ter se tornado esse homem que é hoje em dia.

Contei um pouco sobre minha vida para você, mas vou continuar falando sobre esse Apocalipse. As coisas saíram do controle e os Zumbis estão tendo mutações, agora tem uns com olhos na frente e atrás, estão muito mais rápidos do que já estavam, e apenas com uma mordida infectam muito mais rápido.

Não sei se uma nova geração eles vão ter novas mutações (provavelmente sim), então esse é o meu último registro ou talvez não possa fazer outro. Porém, já escrevi o que lembro e o que vivi.

Aqui chega ao fim a minha história. Aproveitem a vida, leitores: abracem, beijem pois a demonstração de afeto e amor é tudo, e pode valer mais que qualquer valor de dinheiro.

Louise Kipp Rodrigues
Turma 91

# EM BUSCA DA VISÃO

## UM PROJETO DE PESQUISA DA TOTALIDADE 6 DA EJA

Pesquisadoras: Andressa Martins Oliveira (T61); Everton Mateus do Nascimento (T61); Kauana Sanguine Gomes (T61); Maurício dos Santos Alves (T61); Mateus Fagundes da Conceição (T62); Vitória Beatriz Souza dos Santos (T62)
Orientador: Eduardo Rosseto | Ciências
Apoio: Suellen Kohanowski | Coordenadora Pedagógica

Quase todo mundo que usa óculos começou a fazê-lo quando já não mais conseguia enxergar o quadro na escola. Mas acontece que, muitas vezes, as crianças e adolescentes não se dão conta de que estão desenvolvendo desvios de visão e, por isso, vão aprendendo a conviver com uma visão imperfeita. Percebi isso em alguns alunos da EJA e a escola os encaminhou à unidade de saúde mais próxima. Meses se passaram e esses estudantes não conseguiam sua consulta oftalmológica.

A partir disso, organizei uma aula sobre acuidade visual e lentes corretivas e fiz uma versão simplificada da triagem realizada em consultórios oftalmológicos com as turmas de T6, o que revelou algumas alunas com desvios graves de visão. Com a chegada da Mostra Interna de Trabalhos (MIT) da escola e do Salão de Iniciação Científica (SIC) da Secretaria Municipal de Educação, a coordenação pedagógica me provocou a converter a aula num projeto de pesquisa, a fim de triar mais estudantes da escola e pressionar o poder público para conseguir o atendimento médico necessário. Sete estudantes toparam. Em duas tardes letivas e durante a própria MIT, instalaram pequenas bancas de triagem de acuidade visual na escola, utilizando tabelas de teste que nós mesmos imprimimos. A "rotina" da triagem havia sido ensaiada com todas as colegas da EJA durante a aula de Ciências da Natureza.

Com apoio da Suellen, nossa coordenadora da EJA, desvendamos vários caminhos confusos das políticas públicas de acuidade visual. Pudemos acessar uma parceria com o SESC (Serviço Social do Comércio) e conseguir exames oftalmológicos para os 32 estudantes que, em nossa triagem, demonstraram possuir alguma forma de desvio. No exame médico, alguns acabaram confirmando que tinham visão perfeita, outros saíram de lá com seus óculos encaminhados. A Educação Popular que desenvolvemos na EJA tem disso: observamos nossa realidade concreta a partir de nossas experiências, quase sempre percebendo carências, faltas e abandonos; buscamos compreendê-las a partir dos saberes científicos à

nossa disposição e, coletivamente, elaboramos uma forma de transformar essa realidade.

A seguir, estão os relatos de quatro estudantes que fazem parte do grupo que desenvolveu o trabalho. São estudantes jovens, que vieram fora de seu turno usual e ocuparam a escola na condição de sujeitos do saber, e não apenas objetos.

Professor Eduardo Soares Rosseto (Dudu)
Ciências da Natureza

Prefeitura Municipal de Porto Alegre
Secretaria Municipal de Educação
1º Salão de Iniciação Científica da Rede Municipal de Porto Alegre
EMEF Saint'Hillaire
Turma T6 - EJA

# Em busca da Visão

OLIVEIRA, Andressa; DA SILVA, Susiane; DOS SANTOS, Vitória; SANGUINE, Kauana; ROSSETTO, Eduardo (orientador)

## INTRODUÇÃO

- Percebemos que, em nossa escola, há vários colegas que têm dificuldade de enxergar o quadro ou até mesmo o que estão escrevendo em seus cadernos.
- Sem saber que tinham esse problema, não iam atrás de consulta oftalmológica. Os poucos que iam não conseguiam atendimento no posto do bairro.
- Por isso, decidimos pesquisar em nossa escola quem teria algum desvio de visão, com foco em miopia e hipermetropia

## METODOLOGIA

- Utilizando os optotipos de Snellen (miopia) e Jaeger (hipermetropia), realizamos uma triagem de acuidade visual na escola.
- Participaram da triagem os e as colega da EJA, dos oitavos e nonos anos, bem como professores, estudantes mais novos e comunidade (no dia da Mostra Interna de Trabalhos)
- Analisamos os dados no Planilhas Google

A maior parte dos desvios apareceu no teste de miopia. Em verde, resultados sem desvio. Em vermelho, resultados que apontam a presença de miopia.

## DESENVOLVIMENTO

- Notamos que boa parte das pessoas que apresentavam algum desvio de visão não tinham noção de que sua visão não era perfeita.
- Com a ajuda de nossa coordenadora da EJA, já conseguimos parcerias para os exames oftalmológicos dos colegas triados.
- Como a triagem está sendo feita na escola, o atendimento dos colegas será mais rápido

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

- Testamos um total de 127 estudantes.
- Encontramos 32 colegas com algum desvio de visão.
- Concluímos que **faltam políticas públicas** na escola sobre acuidade visual: colegas sofrem com os desvios e não conseguem consultas e dinheiro para os óculos.
- A escola é lugar de aprendizado, de enxergar o mundo e de lutar por nossos direitos.

Pesquisadoras realizando a triagem na escola
(acima: turmas de EJA; abaixo: 8º ano)

Referências: https://www.sanarmed.com/tabela-de-snellen-uma-ferramenta-de-avaliacao-da-acuidade-visual-colunistas [acessado às 14:16 de 25/08/22]; Aula da disciplina de Oftalmologia da UFSC, acessada às 16:48 de 25/08/22; HIRANAKA; Roberta Aparecida. **Inspire Ciências**: **6° ano** (livro didático). São Paulo: FTD, pg 48, 49, 70, 71 2018.

## Relato de Andressa Martins Oliveira | Turma T61

Bom, vamos começar.

Primeiro, quando entrei eu queria ver como era fazer parte de um projeto em grupo. O professor veio com esse projeto de teste de visão, que a gente fez, e vimos se temos problemas na visão. Os [alunos] de outro turno não teriam [acesso ao teste], então fomos [à escola] de tarde pra fazer o teste de visão neles.

Na primeira etapa, a gente foi no colégio de tarde e pegamos dois papéis chamados optotipos. O primeiro era [para testar] miopia (optotipo de Snellen) e o segundo era [para] hipermetropia (optotipo de Jaeger). O primeiro a gente tinha que marcar no chão 4 metros [de distância do optotipo]. O segundo a gente marcava no chão [seis distâncias, cada vez mais próximas do optotipo:] 1.25m, que testava J1 na escala de Jaeger; depois 1m (J2); 0.75m (J3); 0.67m (J4); 0.5m (J5); e 0.37m, que testa J6 [na escala e demonstra visão perfeita]. Depois que a gente marcou tudo isso no chão, fomos primeiro nas sala do oitavo ano. Chamamos um aluno da sala e pedi com educação [para que nos seguisse] para o lugar [no corredor onde estávamos realizando a triagem]. Quando o aluno chegava no lugar, perguntávamos seu nome, idade e se usava óculos. Depois, pedimos pra ficar na marca de 4 metros (para testar miopia). Eu pedia pro aluno falar as letras até onde conseguia, sem forçar a visão. Onde ele travava, eu pedia pra ele repetir. Se ele continuava parando no mesmo lugar a gente marcava onde ele parou [, anotava o resultado do teste] e pedia pra ele ir pro segundo cartaz, que era hipermetropia, e pedia pra ele ir pra frente onde a gente marcou com o J6 e pedia pra ele ler até onde podia. Se ele travava e não conseguia ler, a gente agradecia e marcava na prancheta o resultado.

A gente repetiu [o teste] várias vezes, até fazer isso com mais de 120 colegas. Tinha uns alunos que não queriam participar, mas não obrigamos ninguém. Se o aluno queria, vinha com a gente, se não, ficava na sala. Tinha alguns que vinham, mas era só pra brincar ou tirar sarro com a nossa cara ou do projeto, mas a gente nunca falou nada ou desrespeitou um aluno. Quando eles acabavam, a gente agradecia.

Eu aprendi que tem muita gente que precisa de ajuda e a gente foi atrás do projeto e ainda tamos indo atrás pra conseguir essa ajuda pra quem tem problemas de visão. Tivemos bastante dificuldade: tinha turmas que não queria vir com a gente, mas mesmo assim a gente continuou porque têm alunos que precisam. A gente queria fazer no sétimo e sexto ano também, mas não deu tempo. Mesmo assim, encontramos 32 alunos com algum desvio de visão e queremos que esse trabalho vá para frente, porque a gente quer ajudar mais pessoas que precisam de óculos.

O nome do nosso trabalho é "Em busca da visão" e foi feito por 7 alunos da noite (da EJA) e um professor. Já conseguimos, [com a ajuda da nossa coordenadora de turno], 50 consultas [oftalmológicas, bem como óculos gratuitos] pros colegas. Foi cansativo porque tínhamos que vir de

tarde e estudar de noite, mas foi bom porque eu me diverti, ri, brinquei, conversei e trabalhei. Eu amei fazer isso, mesmo que uns alunos não ajudassem, mas eu gostei. Amei fazer os exames nos alunos mesmo eu ficando nervosa, porque não sou muito de conversar com os outros. Mas ali eu fiquei nervosa e, ao mesmo tempo, feliz porque eu estava fazendo uma coisa legal e divertida. Quando eu fui pra frente explicar o que tinha que fazer deu medo, porque eu sou muito tímida pra falar e tenho vergonha, mas quando me acostumei a ficar lá na frente explicando o que tinha que fazer, comecei a me divertir e a brincar com alguns alunos que vinham fazer o exame, mas só fazia isso se eu via que o aluno era legal e também brincava comigo.

### Relato de Maurício dos Santos Alves | Turma T61

Vamos começar: me chamo Mauricio dos Santos Alves, tenho 16 anos e faço parte de um grupo de pesquisa que se chama "Em busca da visão". Faço um trabalho de pesquisa com exames [de acuidade visual] que são feitos com alunos da Escola Saint Hilaire. Esses exames são feitos medindo a miopia com um Optotipo de Snellen e hipermetropia com um [optotipo] de Jaeger. Até agora, nós examinamos 127 alunos e alunas.

"Como foi trabalhar com seus colegas?"[1] Foi bom porque cada um ajudava uns aos outros, até porque não foi difícil trabalhar com eles e elas.

Minha experiência foi ajudar as pessoas a entender um pouco as letras [dos optotipos]. Por que eu escolhi essa experiência? Porque eu gosto de ajudar as pessoas e também pra mim e as pessoas entenderem um pouco mais e eu amo ajudar as pessoas. Ah, e sobre o lanche [dado pela coordenadora da EJA]: tava muito bom! Só digo obrigado! Eu quis participar porque achei que parecia ser legal.

### Relato de Vitória Beatriz Souza dos Santos | Turma T62

Bom, vamos começar

Me chamo Vitoria e faço parte do grupo de pesquisa "Em busca da visão". O projeto foi feito com mais seis colegas. Nós colegas pegamos as turmas do 9° e 8° anos. Tivemos várias complicações: tinha muitos alunos que não queriam participar, mas mesmo assim a gente conseguiu entrevistar, em três dias, [quase] 100% dos alunos e alunas da escola pra quem o sor dá aula.

Como foi feito: o projeto foi feito em dois grupos e nesses grupos cada um tinha uma tarefa. Eu, Vitória, tinha a tarefa de anotar os [dados]: nomes, turma, idade e o resultado dos exames dos alunos. Minha outra

---

1 Nota do orientador: algumas perguntas geradoras foram fornecidas aos e às estudantes para facilitar o processo de reflexão, e alguns escolheram inserir as perguntas no próprio texto.

colega tinha que ir buscar os alunos, outra fazia a parte, vamos dizer, mais importante: ela tinha que perguntar para os alunos o que eles estavam conseguindo enxergar no papel [dos optotipos]. O teste era de miopia e de hipermetropia. Vamos dizer que o resultado foi bom.

"Por que quisemos participar da pesquisa?". Bom, eu nunca tinha participado de pesquisa, nem de uma de escola, sabe?, então quis ver como ia ser, se ia ser legal ou chato... Confesso que sou meio tímida pra essas coisas, mas a vontade falou mais alto. Foi um pouco chato porque tinha uns alunos que não queriam participar e outros sim. Eu acho que os colegas que não participaram perderam a chance de ver se precisam mesmo de óculos. A gente já sabe o quanto é ruim de conseguir um óculos grátis, mas enfim, a experiência foi muito boa. Gostei bastante, e a prof Suellen deu uns lanchinhos pra nós e, confesso, tava muito bom. O prof Dudu também tava sempre pra lá e pra cá ajudando nós. Enfim, essa foi minha experiência em participar da pesquisa.

Relato de Everton Mateus do Nascimento | Turma T61

[O trabalho foi] legal, divertido, trabalhamos e dedicamos tudo nesse projeto para ajudar pessoas com vistas ruins.

Nós perguntamos os nomes, idade e turma e depois colocamos os papéis na parede, papéis esses que continham letras que serviam para alunos ou professores de cada turma lerem. Depois, marcamos a distância de 4 metros para ver o quão longe ele poderia enxergar e soletrar. Depois procuramos voluntários (organizados por turmas) para fazer o teste de visão, marcamos até onde ele soletrou as palavras [dos optotipos] e até onde ele/ela enxergou, daí vamos para outra folha. Ela contém escritos como "conseguir acessar óculos de graça" e [o aluno/a] tem que ler as palavras na folha. A cada distância as palavras vão diminuindo e depois de tudo isso [o teste] acaba e anotamos os resultados das pessoas.

Foi divertido, rimos e nos divertimos, foi legal, serviu como terapia pra mim e gostei muito. Eu e meus colegas de turma [não só] nos divertimos como também trabalhamos, nos empenhamos muito e demos nosso melhor nisso: para saber se o aluno ou professor tem miopia ou hipermetropia.

Miopia é quando você não enxerga de longe e hipermetropia é quando você não enxerga de perto.

Eu quis participar porque parecia legal, me diverti muito, aprendi muitas coisas novas e também teve o lanche [dado] pela prof Suellen, [que foi] muito bom. Nós passamos por umas dificuldades, mas isso não nos impediu de seguir em frente e continuar o projeto; [Foram] dificuldades tipo alunos não quererem participar pra ver se tinha algum problema na visão, o que dificultou um pouco nosso progresso, mas nós não desistimos: nós continuamos em frente.

Porto Alegre, 15 de Setembro de 2022.

CAPÍTULO 6

# CARTAS PARA UM FUTURO ANTIFASCISTA

Cartas escritas à mão ou em uma máquina de datilografia, inseridas em um envelope, endereçadas e postadas com um selo em uma agência dos Correios parecem algo de um passado distante, quando as novas formas de tecnologia que hoje dispomos - telefones, computadores, celulares - não existiam ou eram para muito poucos. Contudo, hoje escrevemos todos os dias muitas cartas nas redes sociais, pequenas na maioria das vezes, mas mantendo a mesma lógica, a busca da comunicação com o "outro".

Nas aulas de História com as turmas de T6 na EJA, último ano do Ensino Fundamental, propus como uma das atividades de conclusão do semestre a elaboração de Cartas Pedagógicas, gênero que destaca a dimensão política-educativa do diálogo, a partir de experiências de educadores, pesquisadores e ativistas de movimentos sociais e populares, ressignificando uma prática social que atravessa séculos da história: das cartas presentes na comunicação dos apóstolos de Jesus Cristo às cartas de viajantes a descrever novos mundos, cartas entre escritores/as famosas, entre gentes anônimas partilhando confidências, enviando e recebendo elogios apaixonados, até cartas de intelectuais e líderes revolucionários como Antonio Gramsci, Che Guevara, Olga Benário e Rosa Luxemburgo.

As Cartas aqui presentes surgiram de um estudo sobre o nascimento da modernidade, a história da cidadania e da democracia, bem como os embates entre diferentes concepções do papel do Estado e do perfil dos governantes nos séculos XVI e no século XVIII, até chegar na fatídica experiência dos governos autoritários e totalitários que culminaram no Holocausto e em uma guerra que ceifou a vida de mais de 70 milhões de pessoas, provocadas pela ideologia insana do nazi-fascismo. Fizemos um estudo sobre a ascensão e sobre as características do novo fascismo, que vimos com muita preocupação renascer, bem como da importância de ações e movimentos de caráter antifascista, que recuperam o papel vital da democracia, o respeito às diferenças e a defesa incondicional da liberdade.

Há cartas ambientadas no contexto da Itália e da França no período da II Guerra Mundial (1939-1945), no qual se destacaram tristemente as figuras de Mussolini e Hitler, e que são atualíssimas ao dialogarem de forma subliminar com o presente e fazer associações muito visíveis entre o fascismo clássico e o neofascismo contemporâneo e os riscos da escalada da extrema-direita. Há cartas situadas no aqui e no agora, dirigidas aos

sobreviventes de um futuro próximo e cartas dirigidas ao País, como a chamar a atenção da população de sua responsabilidade. Há cartas comoventes, como aquela dirigida ao netinho, para ser lida no futuro, com receio que um golpe que se consuma e instaure a grande noite do Fascismo.

Há uma tensão presente em todas elas: há medo da censura, há receio de perseguição, banimento, tortura e morte, há indignação com ditaduras, controle da imprensa e demonização de minorias e dissidentes, com o uso da violência como forma de resolver conflitos sociais. Mas sobretudo há consciência histórica, do que ocorreu, do que acontece hoje e do que pode acontecer.

Escritas em primeira pessoa e por vezes nomeando a interlocução, há em todas elas, em que pese a tensão, o compromisso ético humanista, o afeto de uma intimidade possível e uma profunda esperança de que o pesadelo passe e um novo dia há de nascer, no qual todas as formas de vida floresçam.

Prof. Marco Mello
História

À esquerda estudantes da EJA, Turma T62, fazem a entrega das Cartas Antifascistas. À direita, estudantes e professoras/es com as pulseiras antifascistas distribuídas na Mostra de trabalhos da escola.
Fotos: Marco Mello e Valeska Maffei Barcellos

## Fascismo

Gênova, 29 de junho de 1932

Larissa,

Olá! Espero que estejas bem.

Aqui na Itália não anda nada bem, o fascismo político, econômico e social tomou conta do país após a Primeira Guerra mundial. Estamos enfrentando graves crises econômicas, junto com a França e a Alemanha.

O fascismo tem total poder e autoridade junto com os líderes do governo e sabemos muito bem que eles são a favor da violência com quem descumpre qualquer regra estabelecida por eles.

Os governantes fascistas e totalitários querem expandir seu território através de conflitos internacionais. Eles estão realizando altos investimentos na produção de armas e equipamentos de guerra.

O fascismo e seus governantes querem controlar todos os meios de comunicação. Espero que esta carta chegue até você, pois eles estão controlando tudo e todos que são minorias e que não aceitam suas ordens. Não temos voz nesse país e todos que desacataram as ordens são mortos pelos militares.

A qualquer crítica contra o governo fascista, é usada a violência e o terror. Não podemos ser inimigos de um governo fascista, podemos até ser presos e mortos.

Gostaria de escrever mais para você, mas temo a morte!

Tudo é controlado nesse país, até mesmo a minha expressão.

Fique bem! Não se preocupe comigo, sou a minoria para esse governo fascista.

Muitos beijos!

Sabrina Grégis
Turma T62

## Uma carta para meu neto

Olá, meu querido neto!

Nos tempos de hoje o fascismo é muito forte nessa década que venho lhe falar. Estamos em 2022.

Devemos mudar essa forma de pensar! Todos têm o direito de viver como quiserem, desde que não faça outra pessoa sofrer. Devemos combater essa parte da sociedade contra eles mesmos. No seu tempo imagino que a sociedade vai pensar mais antes de agir para um país melhor para você e seus filhos e netos.

O fascismo não é uma coisa boa para nossa sociedade. Devemos respeitar as pessoas e todos que temos ao nosso redor.

Meu neto, tomara que você seja uma pessoa de cabeça aberta para não cair nesse golpe, de ser igual a eles. Que você seja melhor que eles na sociedade. Seja diferente: um homem bom e maduro para tirar suas próprias dúvidas e conclusões sobre esse assunto para a sociedade.

Com esperança, tua vó Jacira.

Jacira Dornelles Bueno
Turma T62

## Carta antifascismo para povos futuros

Não sei por onde começar, afinal vou explicar um assunto extremamente complexo. Vou começar me apresentando então. Meu nome é Davy Figueiredo Ramires, tenho 16 anos, sou um jovem de periferia ou favela, como costumam dizer.

Vamos lá! Esses fascismo e neofascismo são uma droga, eles são monstros destrutivos, desleais, uns legítimos babacas ou sei lá como vão chamar no dia em que você ler esta carta.

Eles querem matar nós pobres, os moradores de rua ou até os políticos bons, se é que realmente existe isto. Acho difícil, mas enfim... querem tirar nossos “amados” direitos, que os ricos dominem, ou pessoas de “classe”, como costumam chamar. Eu acho isso uma palhaçada, pois todos somos pessoas iguais às outras, porém outras têm muito mais dinheiro. Todos sentimos as mesmas dores, temos as mesmas doenças, apenas não somos “ricos”, porém somos pessoas iguais às outras.

Esses neofascistas e fascistas são lixos, pessoas que cometem esses erros são iguais aos seguidores de Adolf Hitler, ou seja, “o diabo na terra”.

Davy Ramires
Turma T61

## Uma carta para Charles

Olá, meu amigo Charles!

É com o coração apertado que escrevo para você, pois apesar das lutas e das consequências ainda existe o que vem após a guerra, causada pelo Hitler e pessoas com o mesmo conceito que ele tinha.

É muito triste ver que o Fascismo não foi abolido. Muitos ainda têm essa concepção de uma raça “pura”, de preconceito e até religiosamente,

não aceitando nada que seja contra o natural ou habitual.

Tem muitas pessoas que sofrem com isso, com agressões e discriminação, e de maneira em geral dizem que existe uma pandemia onde as pessoas são contaminadas pelo idealismo libertinoso, pecaminoso, com um discurso de ódio em uma represália da sociedade bitolada onde não se permite a miscigenação, ou a inclusão de direitos das sexualidades não convencionais. Se disfarçando de bem para exercer má influência ao povo, para causar o mal, de uma forma apelativa, dizendo-se ser a maioria.

Muito triste tudo isso, mas esperamos um dia poder vivermos em um mundo melhor, onde as pessoas se aceitem e se respeitem como iguais.

Espero que esteja melhor aí do que aqui. Essas são palavras de preocupação sobre esse pensamento retrógrado e atrasado de uma grande parte da sociedade.

Com esperança espero que tudo melhore,

Tua amiga.

Rejane Brandão
Turma T61

## Para o futuro invasor da terra

Olá, futuro invasor da Terra

Fiz esta carta para pedir ao futuro capitão dos alienígenas a paz e a prosperidade da Terra e para pedir o que o capitão dos alienígenas não se torne um capitão fascista, que comande todos os países e planetas o melhor possível para nossa terra e para o bem da galáxia. Peço em nome da humanidade e do exército brasileiro que faça o possível e o impossível para nossa terra.

Para o capitão que talvez não saiba o que é um governo fascista: fascismo é uma ideologia política ultranacionalista e autoritária, caracterizada por poder ditatorial, repressão da oposição e forte controle da sociedade e da economia.

Assinado pelo futuro capitão do COMANDO BRASILEIRO

Edson Dornelles da Rocha
Turma T62

## Daqui a alguns anos

Quero estar, daqui a 10 anos, com saúde para poder curtir meus netos e filhos. Vou estar com 55 anos, conquistando sempre metas, fazendo

o que gosto, sempre com humildade e tentando ser uma pessoa cada vez melhor.

Desejo que até lá o nosso Brasil esteja diferente, com os direitos das pessoas sendo respeitados e os governantes desse país ouvindo os cidadãos que votam, para mudar um pouco essa desigualdade, o preconceito, o racismo. Que todos possam viver sem medo da discriminação.

O Brasil pode ser melhor sim, e o povo grita e quer seus direitos, e luta por eles, não se cala perante as autoridades que usam esse poder para calar a boca do povo, botando pressão neles. Eles são a lei e a classe baixa fica com medo de lutar pela força que os governantes têm.

Temos que aprender e eles têm que se conscientizar que o povo é a voz. O povo tem que dizer o que precisamos e os governantes têm que escutar a voz do povo, que grita por mudanças.

Janaína Setubal
Turma T62

## Carta para o futuro...

Olá, vim através desta carta me comunicar com você que a encontrou. Eu espero mesmo que esteja tudo bem com você, espero que você que a encontrou esteja num ano moderno onde acredito que irá mudar muitas leis que tem agora e que você desfrute de seus direitos humanos. Eu espero mesmo!

Bom, eu não a conheço, então vou me apresentar. Meu nome é Andressa, e escrevo aqui da França, onde estamos enfrentando várias crises.

Desde a primeira guerra mundial estamos enfrentando essas crises das quais eu falo. O fascismo tem total poder sobre nosso povo junto às autoridades e líderes do governo. Eles são a favor da violência, então se o povo descumpre qualquer regra ou desacatos podemos ser mortos ou exilados, a mando deles.

Eles controlam tudo e todas as pessoas que são a minoria e que não aceitam as suas ordens e qualquer crítica contra o governo é usada contra você mesmo, como violência ou prisão, embora, na minha opinião, eu considere as duas as mesmas coisas. Querem controlar todos os meios de comunicação então eu estou fazendo essa carta sem expor muitos deles na esperança que chegue numa idade moderna para que saibam como foi a minha história e como está sendo.

Para você que encontrou essa carta – que eu espero que chegue em alguém realmente – estou lhe falando como foi viver um pouco depois da primeira guerra mundial. Bom, então estou fazendo a carta com medo de me expor, porque se por acaso não chegue até você cairá em mãos erradas

e corro o risco de ser exilada ou morta por alguns militares. Então, espero que chegue em gerações modernas.

Não estou lhe pedindo ajuda, não se preocupe comigo, quero apenas te contar um pouco sobre o que estamos vivendo. Bom, já deu para você perceber ou entender que não temos voz aqui e tudo é controlado aqui, até mesmo minhas expressões. Eu peço que não se preocupe comigo, quero apenas te motivar a mudar sua história, ter seus direitos humanos e voz no seu país.

Eu pretendo escrever mais cartas, mas talvez essa seja a primeira e última, eu não sei, apenas queria contar um pouco sobre como é viver aqui. Então, espero que essa carta te motive, espero que fique bem, e que não se preocupe comigo, pois sou a minoria para esse governo.

Andressa de Lima França
Turma T62

## Como enfrentar e superar o fascismo?

Porto Alegre, 8 de julho de 2022.

Olá, Tainara!

Te escrevo esta carta respondendo a sua pergunta de como enfrentar e superar o fascismo e o neofascismo.

No meu entendimento, são regimes autoritários e preocupantes. Apesar de vivermos numa época em que a democracia é pregada por todos, ainda assim temos pessoas que atiçam o ódio, o preconceito de raças e classes sociais etc.

São atitudes que no passado prejudicaram a humanidade e hoje se repetem em diversos locais do planeta.

Na minha opinião, precisamos rapidamente identificar esses comportamentos maliciosos e nos posicionarmos com os verdadeiros valores do amor ao próximo, respeito e harmonia.

Foi ótimo você me questionar sobre estes assuntos. Isso nos faz ter uma visão melhor da vida como seres humanos.

Um beijo da amiga

Tatiana

Tatiana Santos da Rosa
Turma T61

CAPÍTULO 7

# ESCRITOS DIVERSOS

## SEMANA LITERÁRIA INDÍGENA

Uma outra proposta de trabalho foi relacionada à Semana Literária Indígena ocorrida na escola, em agosto. Os alunos foram convidados a assistirem um documentário sobre a questão indígena e o meio ambiente. Logo em seguida, ao discutirmos o documentário, trabalhei o conceito de empatia, relacionando esse sentimento à essa questão socioambiental tão importante. Eis alguns textos produzidos.

Profª. Adriana Ávila Bleggi
Língua Portuguesa

## Empatia: é o que devemos ter

É importante ter amor ao próximo e consideração (a valiosa empatia). O documentário assistido mostra a questão das queimadas, e o quanto aquelas pessoas sofrem com isso. Os indígenas vivem de suas plantações, dali tiram seu sustento, e sua sobrevivência depende daquilo que plantam.

Os "grandes" – aqueles que colocam fogo nas plantações dos indígenas – se tivessem empatia, não fariam isso. Saberiam que, além de alimento, as plantações são sagradas para aqueles povos. São séculos e séculos de tradição e respeito à Natureza. Os indígenas, ao contrário do homem branco, sabem que devemos cuidar da terra, cultivá-la e respeitá-la. Ela é a origem de todas as coisas. Ela nos alimenta e nos une ao que, sabiamente, os indígenas chamam de Grande Mãe.

E os "grandes", os homens brancos, o que fazem? Não respeitam, queimam e destroem. Tudo em nome da ganância. Falta para eles justamente essa palavra mágica, empatia. "Se não dói em mim, pouco me importa". Acontece é que importa, e muito.

Manoela Pedroso Soares
Turma 71, Correção de Fluxo e Volância

## Bra$il

Na minha opinião, eu senti muita empatia com todos os indígenas, porque eles sofrem nas mãos dos ricos e das empresas que estão nas suas terras, explorando aquele lugar. Eu realmente, me preocupo com o extermínio dos indígenas. Isso é, literalmente, acabar com uma parte da história do Brasil. Os indígenas estavam aqui antes de tudo. São os verdadeiros donos da terra. O Brasil, muito antes de tudo, é terra indígena.

Rian Ariel Rodrigues Leal
Turma 61, Correção de Fluxo e Volância

## Sonhos

Também relacionada a uma proposta da escola, trabalhamos com a temática dos Sonhos. "Qual é o teu sonho?" Essa foi a proposta de criação de texto com os alunos, em que eles puderam exprimir em palavras, que sonhos gostariam de sonhar. Alguns dos textos são apresentados a seguir.

Profª. Adriana Bleggi
Língua Portuguesa

## Sonhos são sonhados juntos

Bem, eu sempre quis ser chefe de cozinha e ter meu próprio restaurante. Tenho esse sonho desde que eu e minha família sofremos com uma situação de racismo ao entrar em um restaurante. Todos naquele lugar nos olharam, e dava para ver nos olhos deles que estavam nos julgando – por causa da cor da nossa pele – se teríamos dinheiro para pagar a conta daquele lugar. Foi muito triste isso.

Eu também tenho um outro sonho, o sonho de ser cantora. Sou apaixonada por música, mas sou um pouco tímida e, às vezes, sinto alguma insegurança. E, também tenho um outro grande sonho, talvez o maior deles: de ter e ver um mundo mais justo. Esse é o meu maior sonho, porque não é somente meu. E, sonho que se sonha junto, tem mais força para acontecer.

Thayla Rodrigues Feijó
Turma 61, Correção de Fluxo e Volância

## Pelo sonho de escrever

Meu sonho é ser escritora. Escritora de livros. Sei que, para isso, preciso saber bem Português e ler cada vez mais para melhorar e ter mais criatividade. Sei que a leitura tem esse dom, que é capaz de nos fazer pensar além. Sei também que precisarei aprender com os erros e as frustrações. Nem sempre as coisas darão certo do jeito que imaginei, mas para quem dá, não é?

Quero escrever. Esse é o meu sonho.

Mayhara da Silva
Turma 61, Correção de Fluxo e Volância

## Eu danço pra sonhar

Então, eu tenho dois grandes sonhos, desde muito pequena. Eu queria ser desenhista e dançarina. Já faz algum tempo que estou aprendendo a desenhar. Agora, eu já sei.

E dançar, isso estou treinando e aprendendo. Com alguma ajuda de amigas e também do Tik-Tok (é, tem bastante coreografia lá), tenho treinado bastante. Quem sabe um dia me torno uma dançarina desenhista ou uma desenhista dançarina?

Elizabeth da Silva Marques
Turma 61, Correção de Fluxo e Volância

## EDUCAÇÃO: NOSSO DIREITO, DEVER DO ESTADO!

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino que, em Porto Alegre, é ofertada com aulas regulares nas escolas, desde 1989. Na Escola Saint Hilaire, existe desde 1992, com implantação gradativa a partir da demanda da própria população organizada que priorizava esse investimento através do Orçamento Participativo. Há três décadas, portanto, temos o orgulho de manter, ampliar e qualificar esse direito a centenas de estudantes - jovens, adultos e idosos - que puderam concluir o Ensino Fundamental a partir de uma proposta pedagógica ancorada na educação popular, crítica e de caráter emancipatório.

As produções nesta seção nasceram de um trabalho em torno do significado de ser estudante e do recomeço dos estudos na EJA. Os estudantes foram convidados a fazer seus autorretratos, agregando as características pessoais como alunos que foram e partilhando suas experiências. Debatemos o tema, estudamos a história da educação no Brasil e a longa luta para assegurar esse direito, assistimos vídeos sobre as experiências de alfabetização coordenadas por Paulo Freire no nordeste brasileiro (1961) e sobre a ocupação das escolas pelos estudantes do Ensino Médio (1996). A partir disso, produziram coletivamente painéis em tamanho real, com o perfil do/da estudante que querem e precisam ser e fizeram produções textuais em torno do direito à educação, trabalho esse que intencionalmente coincidiu com o período do Dia do Estudante, 11 de agosto, em torno do eixo *Mobilizações em defesa da Democracia e Eleições Livres* no país. Destacamos aqui os trabalhos de estudantes que iniciaram na EJA neste semestre ou que avançaram para as Totalidades Finais.

Prof. Marco Mello
História/EJA

À esquerda, estudantes da EJA Turma T51 em pesquisa sobre a história das eleições no Brasil. À direita estudantes da turma T62 em trabalho coletivo sobre o fascismo clássico e o neofascismo contemporâneo. – Foto: Marco Mello

## O que é mais importante?

Direito à educação pública, um fato que não se pode negar!

Mas não adianta ter, por exemplo, uma escola sem direito. Uma coisa boa seria se tivesse tipo uma escola particular: mesas em perfeito estado, salas limpas, alunos bem arrumados e educados. Já na escola pública, na maioria das vezes, as mesas são sujas, rabiscadas, as salas meio sujas, as janelas desenhadas e as crianças, a maioria mal educadas.

Mas o problema não é um só, mas sim no mínimo dois: a desigualdade entre pobres e ricos e também o tipo da educação dada não somente pelos pais, mas pela escola.

Mais importante que o dinheiro é a educação. Os dois são importantes, mas educação é mais!

Mateus Fagundes
Turma T62

## Uma ponte para o futuro

O que é a escola? É um lugar de aprender, ter um futuro.

A educação traz uma qualidade de vida boa. E serve para todo mundo: adultos, crianças e adolescentes. Ensina a ler, a escrever, a ser alguém na vida. O importante é ir à escola. É um lugar que vai garantir o nosso futuro.

A escola serve para todos.

E a educação pública é muito importante para quem não consegue pagar uma particular, a grande maioria, por isso a educação tem que ser valorizada. Ela é uma ponte para o futuro.

Ana Clara Liscano
Turma T41

## A escola é muito boa!

Nós temos o direito de estudar numa escola gratuita e de qualidade boa, onde acreditamos que podemos mudar nosso futuro para melhor. Uma escola limpa, boa alimentação, sala bem limpa, professores ótimos, que nos incentivam a crescer. Uma escola com educação de qualidade. Tudo que a gente precisa é isso.

É por isso que eu quero estudar nesta escola, que tem ótimos professores, que nos ajudam muito. Uma escola que nos acolhe a todo momento e que junto com a gente cresce cada dia mais.

Maria Leci Corrêa Lobato
Turma T41

## Sobre respeitar todos e todas numa escola

Uma escola tem que ser um lugar onde as pessoas possam estudar. Onde não tem racismo, homofobia. Onde as pessoas podem dar a sua opinião, onde podem falar o que sentem, ou o que está errado e não ser

calado, de poder falar, dar a sua opinião. Uma escola onde os professores não calem os alunos e que ajudem as pessoas, sem gritar. Um lugar onde todos se sentem bem. E a pessoa possa ser ela mesma, não importando a cor de pele, o gênero ou a sua sexualidade, quem ela beija. Uma escola que não tenha preconceito e ajude a ser quem ela quer ser. E que a pessoa seja ouvida pelos professores.

Todos merecem ser ouvidos porque uma escola existe para educar e ensinar. Não desrespeitar um aluno ou até um professor. Ninguém merece ser calado ou ser julgado.

Andressa Martins Oliveira
Turma T61

## Reformando o direto do estudar

As escolas, todas em geral, deveriam ser para todos e todas estudantes. Estudantes deveriam ter direito de falar e ser livres. Tem escolas que prendem os alunos nas aulas.

Muitos diretores ou diretoras não percebem que têm alunos com problemas. Eu acho que deveria ter uma sala para a pessoa ficar, ouvir os alunos e buscar entender e resolver a raiz do problema deles.

Uma coisa que tem em algumas escolas, e que os alunos sofrem, é o racismo, ou são julgados pela aparência, e muitos pela cor, ou pelo jeito de se vestir. E é muito chato você entrar na sala e ser julgado por colegas de turma. E isso é uma das coisas mais ruins em uma escola, a outra é roubo de material escolar.

Precisamos reformar o direito de estudar.

Everton Mateus do Nascimento
Turma T61

## Educação pública é para todos

Bom, eu acho que Educação Pública é um direito para todos, principalmente para os cadeirantes, para as pessoas surdas, para as pessoas que tenham Síndrome de Down e outros tipos de necessidade de educação especial.

Penso que a Educação é para qualquer um que realmente queira aprender, porque tem muitas escolas que às vezes impedem as pessoas de baixa renda de ter direito à educação. E são poucos os que podem pagar para uma escola privada.

Eu acredito que a educação deveria ser gratuita, pois cada centavo que garante a qualidade de uma escola vem dos nossos bolsos. Também acho que, de uns tempos para cá, nas escolas está tendo democracia, pois se respeita o direito de cada um falar e dar sua opinião. Para mim isso é que é o verdadeiro Direito à Educação.

Letícia da Rocha Figueira
Turma T41

## A liberdade é uma conquista

O direito à educação é muito importante. Com ela o brasileiro pode ter uma vida livre da pobreza, ter mais acesso e participação na sociedade e ter uma qualificação para o trabalho.

A importância da educação pública e de qualidade gera mais oportunidades às pessoas, ajuda a reduzir a violência e pode gerar desenvolvimento econômico e social. Enfim, a educação de qualidade transforma vidas, traz avanços e desenvolvimentos.

No Brasil, não temos educação de qualidade por conta dos salários baixos e professores que não exercem com o profissionalismo ou esbarram nas dificuldades diárias da realidade escolar.

O direito à democracia nas escolas participativas, dando direito de participação para estudantes, professores e funcionários, é muito importante. Assim como que ela seja gratuita, o que permite que todos tenham total acesso a ela para garantir uma sociedade mais justa e que todos os cidadãos possam ter acesso à cultura e promover cultura também.

Andressa de Lima
Turma T62

## Minha escola é gratuita, democrática, pública e de qualidade

Minha escola é gratuita, democrática, pública e de qualidade. Temos uma escola com quadra de esportes, salas de vídeo, biblioteca, refeitório, banheiros limpos, boa iluminação.

A escola oferece aos alunos várias atividades nos projetos, por exemplo: xadrez, vôlei, robótica, entre outras.

Temos ótimos professores. E nossa escola é democrática.

Respeitamos opiniões, raças, gêneros.

Na EJA é fantástico! Temos professores muito especiais, que ficam disponíveis para qualquer dúvida!

Tem algumas coisas para melhorar, como ser mais acessível para cadeirantes. Minha turma é boa e estou muito feliz por ter uma escola assim: democrática, gratuita e com qualidade.

Sabrina Vitola
Turma T41

# OPINIÃO

## Que horas são?

É hora de parar de achar que toda pessoa pode ser boa.
É hora de parar de achar que pessoa tem consideração por você.
É horar de parar de achar que devemos ser bons com todos.
É hora de aprender a dizer: Não!
É hora de parar de falar e agir.
É hora de começar a escolher as pessoas que ficam perto ou longe de você.
É hora de focar só nos estudos.
É hora de ensinar às pessoas o certo e o errado.
É hora de acordar para a vida.
É hora de mostrar que educação vem em primeiro lugar.

Sheron Ancelmo Ferreira
Turma 84

## A vida nunca vai mudar?

A vida nunca vai mudar?
Será que nascemos só para sofrer?
Bem que tudo isso poderia acabar
E a paz, aos poucos, florescer.

Por que temos que suportar todas essas dores?
O que faríamos se não existissem todas as cores?
O mundo não teria vida
Não haveria alegria
Sem toda a nossa gente colorida.

Será que faz sentido brigar por causa de cor?
A vida não seria mais leve se distribuíssemos mais amor?

Julio Cesar Falk da Rosa
Turma T61

## Machismo estrutural na sociedade

Nossa sociedade já passou por tantas marcas históricas e mesmo assim ainda levamos o machismo como algo “inexistente”. Ele acontece com tanta frequência no nosso cotidiano que muitos levam como uma coisa normal, como, por exemplo: uma buzinada na rua, um olhar malicioso, ter que repensar várias vezes com que roupa vamos sair, não poder sair à noite desamparada sem ter receio que algo aconteça, sempre ser sexualizada e objetificada.

Ainda vemos alguns países que parecem viver no passado, limitando mulheres de viverem suas próprias vidas e as fazendo depender de uma figura masculina, sempre um passo atrás dos homens, seja no trabalho, em casa ou até mesmo na política. Já crescemos em uma sociedade que desde cedo nos impõe regras do que devemos fazer e designando o que seriam atitudes “femininas”.

Com o tempo, fomos quebrando essas barreiras e desconstruindo essas ideias, mesmo assim ainda temos muito pelo que lutar, torcendo para que as mulheres da próxima geração não tenham que passar por essas mesmas situações.

Ketellem Gomes, Gabriela Padilha, Jullia Justo
Turma 91

## Maria da Penha

Maria da Penha é uma Delegacia que ajuda mulheres vítimas de violência doméstica.

Eu tinha uma amiga que sofreu muito nas mãos do marido, mas um dia ela teve coragem e chamou a polícia e contou tudo o que ele fazia para ela e depois disso começou a trabalhar, comprou casa para ela e os filhos. E disse para os filhos que nunca mais ia apanhar de homem na vida.

Ela sempre agradece a Lei Maria da Penha!

Maria Leci Corrêa Lobato
Turma 41

# Oi

Oi, fazia muito tempo que eu não escrevia. Não precisava, sempre consegui falar o que sentia, mesmo sendo temporário. E, também, quando achava que duraria para sempre, eu conseguia falar.

Agora é tudo diferente. Eu acho que foi quando eu estava no Centro de Porto Alegre, com aquele céu claro, bem azul e sem nuvens, que eu olhei nos seus olhos e vi todo o universo só naquele centro, me apaixonei de um jeito que eu não consigo explicar. Não parece só uma paixão passageira, é como um fogo que queima, aquele mesmo fogo que altera a realidade e eu não consigo explicar, por isso a realidade já não é mais a mesma e está afetando o jeito que eu vejo o mundo.

É impossível te substituir porque seu sorriso, seus olhos, seu cabelo são únicos e eu jamais encontraria igual a eles, que eu vi quando estava admirando a noite da grande Porto Alegre. Talvez seu cheiro sim, eu encontre em outro lugar, mas seu cheiro com seus olhos, seu cabelo e seu sorriso fazem com que eu tenha forças para aguentar tudo e que eu queira exclusivamente você e essa cidade comigo o tempo todo.

Porque só você me faz bem e eu quero que você se apaixone por mim como me apaixonei por você.

Maria Luiza João Pezzi Lopes
Turma 93

## A resistência das/os educadoras/es da Lomba do Pinheiro e a Porto Alegre periférica que não aparece nas propagandas oficiais

O belo e significante vigor da Lomba do Pinheiro traduz o sentimento do seu povo. Extenso bairro periférico de Porto Alegre com aproximadamente 80.000 habitantes cujos moradores vivem contrastes marcantes, ora se confunde com o ambiente rural – decorrente das suas particularidades naturais, como chácaras, fauna e flora pujantes, a Barragem, o Parque Saint Hilaire, seus arroios e tantas outras diversidades ambientais –, ora com o seu rarefeito mundo urbano das "paradas, da 01 à 29 ...", onde a infraestrutura denuncia a precariedade existente nas dezenas de vilas estendidas em todo o seu desenho demográfico e geográfico.

É nesta região, também, que encontramos um povo aguerrido na construção do seu protagonismo social. A necessidade e o desejo incessante por melhorias para qualificar as condições de vida da população são o terreno fértil que nutre a influência do poder organizativo desta comunidade, englobado nas diversas Associações de Moradores, e, sobretudo, no Conselho Popular da Lomba do Pinheiro, que tem o papel maior de aglutinar as forças vivas da região para fortalecer suas lutas e assegurar direitos e políticas públicas à população do Bairro frente às autoridades governamentais.

É nesse esteio que ressalto a importância da necessária e inclusiva oferta da educação pública de qualidade para os moradores, protagonizada no seu papel estratégico para o desenvolvimento da consciência crítica, cidadã – em especial dos jovens e adultos estudantes.

É salutar observar que, neste bairro, é possível encontrar iniciativas tão relevantes como esta que agora é possível conhecer por meio de um trabalho de produção do conhecimento feito com dedicação e compromisso social – característica marcante da EMEF Saint Hilaire e de seus dedicados alunos/as, com os quais tive oportunidade de dialogar em algumas formações na escola.

Destaco, em especial, a qualidade dessa produção, expressa nos variados capítulos que compõem a obra e, particularmente, no das crônicas sobre Porto Alegre, escritas a partir da vivência dos estudantes. Ali aparecem múltiplos olhares sobre a Lomba do Pinheiro, revelando o outro lado da Porto Alegre, periférico, para além das propagandas oficiais dos 250 anos da cidade, como se só houvesse o centro histórico, os bairros da população rica e a orla do Guaíba. Vale ver e conhecer esse outro lado do mundo real e vivo – a Lomba do Pinheiro!

Por fim, parabéns aos/as educadores/as e à Direção da escola pela exitosa iniciativa. Mesmo dentro de um contexto pandêmico, com tantos efeitos prejudiciais na saúde, na insegurança alimentar e, também, no âmbito educacional por falta de apoio governamental, mais focado no desmonte do serviço público, vimos a força da resistência dos/das educadores/as, demonstrando habilidades e estratégias que valorizam e proporcionam o crescimento pessoal e da autoestima dos alunos ao reconhecê-los como sujeitos e estimular o desenvolvimento de sua capacidade crítica e sua formação cidadã. Merecem todo o apreço e admiração por esse reconhecimento. É o que selo neste singelo registro.

Francisco Geovani de Sousa
Assistente Social e Coordenador do Conselho Popular
da Lomba do Pinheiro – Porto Alegre/RS